

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA E INTERAÇÃO SOCIAL

JANAINA ANDRADE TENÓRIO ARAÚJO

PERDA E SEPARAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DO DIVÓRCIO

RECIFE
2013

JANAINA ANDRADE TENÓRIO ARAÚJO

PERDA E SEPARAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DO DIVÓRCIO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, na Linha de Pesquisa, como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica.

Linha de Pesquisa: Família e Interação Social

Orientadora: Prof^a Dr^a Albenise de Oliveira Lima.

RECIFE
2013

A663p

Araújo, Janaina Andrade Tenório

**Perda e separação : um estudo sobre os impactos do divórcio /
Janaina Andrade Tenório Araújo ; orientador Albenise de Oliveira
Lima, 2013.**

125 f. : il.

**Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Psicologia
Clínica, 2013.**

**1. Psicologia clínica. 2. Separação (Psicologia). 3. Luto - Aspectos
psicológicos. 4. Casamento. 5. Relações homem-mulher. 6. Depressão.
7. Psicanálise. 8. Divórcio - Aspectos psicológicos. I. Título.**

CDU 159.964.2

**PERDA E SEPARAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DO
DIVÓRCIO**

JANAINA ANDRADE TENÓRIO ARAÚJO

Banca Examinadora:

Profª Drª Júlia Suris Nobre Bucher Maluske
Universidade Católica de Brasília
Examinadora externa

Profª Drª Cristina Maria de Souza Brito Dias
Universidade Católica de Pernambuco
Examinadora interna

Profª Drª Albenise de Oliveira Lima
Universidade Católica de Pernambuco
Orientadora

RECIFE

2013

RESUMO

Com a dissolução do matrimônio, a identidade conjugal é desconstruída e vive-se um novo momento, no qual o estabelecimento dos novos projetos existenciais e a oportunidade de um resgate de si mesmo conduz à ressignificação da identidade individual. Partindo desse princípio, esta dissertação teve como objetivo compreender os sentimentos que emergem em homens e mulheres quando perdem o vínculo conjugal. A pesquisa seguiu um desenho qualitativo, tendo como participantes três homens e quatro mulheres divorciados, que residem na cidade de Recife e Região Metropolitana. O instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada e os dados coletados foram submetidos à Análise de Conteúdo Temática. Os resultados indicaram que os sentimentos e emoções mais frequentes apresentaram equivalência em suas aparições nas entrevistas. Entre os positivos estão os sentimentos de liberdade, felicidade e paz. Os sentimentos negativos evidenciam sensação de deslocamento, ciúmes e raiva, mesclados de tristeza, fracasso e saudade. No que se refere às características do luto manifestadas no percurso da ruptura conjugal, constatamos que a maioria dos entrevistados vivenciou sentimentos relativos ao quadro de luto presente na separação. Todavia, três dos participantes, aparentemente, não vivenciaram o luto pela perda sentida, o luto veio de forma tardia, ou seja, a reação emocional surgiu após algum tempo da perda sofrida, apresentando-se de forma exacerbada e intensa, consideradas inadequadas ao momento atual deles. Na tentativa de identificar as interferências provocadas pela separação sobre a saúde dos entrevistados, percebemos que houve novamente um equilíbrio: ora a desvinculação amorosa favorece a manutenção ou a busca por uma melhor qualidade de vida, ora interfere negativamente, afetando a manutenção da saúde. Sobre as estratégias utilizadas para a ressignificação da identidade individual, observamos que a busca e o estabelecimento de um novo vínculo afetivo foi uma estratégia empregada entre os sujeitos estudados, para servir de apoio a esse “ressignificar”. A maioria deles conquistou a ressignificação da sua identidade individual, conseguindo tornar-se autônomo e capaz de desenvolver a sua individualidade. Eles experienciaram o processo de subjetivação que promoveu o contato consigo, e a partir disso conseguiram conquistar mudanças individuais, significativas desconstruindo identidades conjugais e oportunizando a vivência de novos enfoques de si mesmo. Criaram projetos existenciais capazes de contribuir para a singularidade, crescimento e amadurecimento de si, e do ser com o outro. Esperamos que este trabalho acadêmico propicie discussões sobre o tema, como também inovações nos serviços assistenciais oferecidos pelos órgãos competentes a esse público alvo, favorecendo o resgate da identidade individual.

Palavras chave: conjugalidade; separação conjugal; identidade conjugal.

ABSTRACT

With marriage dissolution, the marital identity is deconstructed and one comes to live a new moment, in which the setting of new existential projects and the opportunity of restoring oneself lead to a new significance of the individual identity. Based on such assumption, this dissertation aimed to comprehend the feelings that emerge in men and women when they lose the power of marital bond. The research followed the qualitative model and had as its participants three divorced men and four divorced women, who reside in the city of Recife and its metropolitan region. The instrument used was a semi-structured interview and the data collected were submitted to a Thematic Content Analysis. The results indicated that the most frequent feelings and emotions were equally present in the interviews. Among the positive ones are the feelings of freedom, happiness and peace. The negative ones evidence the sense of alienation, jealousy and anger, mixed with sadness, failure and missing. Regarding the mourning characteristics shown during the marital break-up process, we found that the majority of the people interviewed had feelings linked to the divorce. However, three of the participants apparently did not experience the mourning, which just came lately, that is, the emotional reaction rose after some time of the loss occurrence, in an exaggerated and intense way, which was no longer compatible to their moment. Attempting to identify the interferences caused by the divorce in the health of the people interviewed, we noticed again a certain balance: now the termination influenced to keep or seek for a better quality of life, now it influenced negatively, affecting their health. About the strategies used to grant new significance to the individual identity, we observed that searching and establishing a new affective bond was a tool used by the individuals studied, in order to support such “new significance”. The majority of them achieved granting new significance to their individual identities and could become self-reliant and able to develop their own individuality. They experienced the process of subjectivity that put them in touch with themselves, from what they could achieve individual and meaningful changes, and deconstruct marital identities and make possible living new perspectives of themselves. They created new existential projects able to contribute to their own singularity, growing and maturation, including their being towards the other. We hope that this academic work has enhanced the discussions about the theme, as well as innovations in the assistance services offered by the legal bodies to such target audience, favoring the rescue of individual identity.

Keywords: marriage; marital separation; emotional state.

RESUMEN

Con la disolución del matrimonio, la identidad conyugal se pierde y viviese un nuevo momento, donde el establecer de los nuevos proyectos existenciales y la oportunidad de un rescate de sí mismo lleva a la busca de un nuevo significado de la identidad individual. Basado en eso, esa disertación tuvo como objetivo comprender los sentimientos que surgen en hombres y mujeres cuando pierden el poder del vínculo conyugal. La investigación siguió un diseño cualitativo, y tuvo como participantes tres hombres y cuatro mujeres divorciados, que residen en la ciudad de Recife y región metropolitana. El instrumento utilizado fue la cita semi estructurada y los datos colectados fueron sometidos al análisis del contenido temático. Los resultados indicaron que los sentimientos y emociones más frecuentes presentaron igualdad en sus apariciones en las citas, entre los positivos están los sentimientos de libertad, felicidad y paz. Los sentimientos negativos evidencian la sensación de desubicación, celos y rabia, mezclados de tristeza, fracaso y echar de menos. En respecto a las características del luto manifestadas en el camino de la ruptura conyugal, constatamos que la mayoría de los citados vivenciaron sentimientos relativos a la separación. Todavía, tres de los participantes, aparentemente, no vivenciaron el luto por la pérdida sentida, el luto vino de forma tardía, es decir, la reacción emocional surgió tras algún tiempo de la pérdida sufrida, presentándose de forma exagerada e intensa, consideradas inapropiadas al momento actual de ellos. En el intento de identificar las interferencias provocadas por la separación en la salud de los citados, evaluamos que hubo otra vez un equilibrio: en determinado momento la desvinculación amorosa favorecía la manutención o la búsqueda de una mejor calidad de vida, en otros interfirió negativamente, afectando la manutención de la salud. Sobre las estrategias utilizadas para la nueva significación de la identidad individual, observamos que la búsqueda y el establecimiento de un nuevo vínculo afectivo fue una herramienta externa empleada entre las personas estudiadas, para servir de ayuda a esa "nueva significación". La mayoría de ellos conquistó la nueva significación de su identidad individual, logrando tornarse autónomo y capaz de desarrollar su individualidad. Ellos probaron el proceso de subjetivación que promovió el contacto consigo mismo, y a partir de eso lograron conquistar cambios individuales, significativos deshaciendo identidades conyugales y aprovechando la vivencia de nuevos enfoques de sí mismos. Crearon proyectos existenciales capaces de contribuir para la singularidad, crecimiento y desarrollo de sí mismos, y del ser con el otro. Esperamos que ese proyecto académico tenga generado discusiones acerca del tema, como también innovaciones en los servicios asistenciales ofrecidos por los órganos competentes a ese público específico, favoreciendo el rescate de la identidad individual.

Palabras clave: conyugalmente; separación conyugal; estados emocionales.

Dedico aos meus pais, filho e marido, sinônimos
de amor e dádiva divina.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me permitido esse caminho tão sonhado, intenso e prazeroso.

A Nossa Senhora da Penha, minha mãezinha santíssima, por sua intercessão nos momentos difíceis.

Ao meu filho, Guilherme, que, com alegria e amor me ensina diariamente o exercício da superação, engrandecendo-me com sua luz, estimulando-me a ser uma pessoa melhor e a visar sempre à construção de um mundo mais humanizado.

Ao meu marido, Filipe Franca, por me incentivar na conquista dos meus sonhos, demonstrando amor e paciência, e por me possibilitar viver um “nós” conjugal de cumplicidades e afetos permanente.

Aos meus pais, pelas trocas enriquecedoras que mantivemos durante minha vida, servindo-me de base sólida, para a busca dos meus ideais.

À minha orientadora Albenise de Oliveira Lima, que se tornou para mim um anjo de luz, doando-me sua boa e pura energia, seu carinho e sua dedicação, assumindo sempre uma postura acolhedora, me motivando e me inspirando nesse percurso acadêmico, promovendo ganhos que transcendem os aspectos intelectuais.

À professora Suely Santana, por seu olhar delicado, comprometido e carinhoso no meu caminhar, acreditando e valorizando minhas potencialidades.

À professora Cristina Brito por sua dedicação, compromisso e competência na transmissão do conhecimento ao longo do curso.

À professora Júlia Bucher que, com ternura e assertividade, me apontou os equívocos dessa pesquisa.

À Dona Cleonice que, com suas orações, emanou muitas graças e bênçãos em minha vida.

Aos colegas do mestrado, pela oportunidade que me deram de discutir, refletir e compartilhar muitos conceitos ligados à família.

À minha grande amiga Cirlene, que me presenteou com sua amizade verdadeira e solidária.

Aos participantes da pesquisa, pela aprendizagem compartilhada, que me permitiu um crescimento, enquanto eles desabrochavam suas histórias de vida.

Às pessoas que cruzaram em minha vida e que, de alguma forma, contribuíram para a minha percepção de mundo.

À Facepe, órgão financiador da pesquisa, que possibilitou a realização desse sonho.

Aos professores: Carla Brandão e Thiago Avelar por introduzirem essa temática em minha caminhada profissional.

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
RESUMEN	
CAPÍTULO I.....	11
1. PERSPECTIVAS HISTÓRICAS – CONTEXTUAIS DO CASAMENTO.....	12
1.1 O Casamento ao longo do tempo.....	12
1.2 O Convívio da individualidade com a conjugalidade.....	17
1.3 A crise do casamento contemporâneo	20
CAPÍTULO II.....	26
2. O PROCESSO DE DISSOLUÇÃO DA CONJUGALIDADE.....	27
2.1 Os sentimentos após ruptura conjugal	28
2.2 O luto decorrente da separação.....	32
2.3 Possíveis fatores provocadores das desvinculações matrimoniais	33
2.4 Impactos da separação na saúde dos indivíduos.....	35
2.5 Ressignificação da identidade individual	36
CAPÍTULO III.....	41
3. MÉTODO.....	42
3.1 O <i>locus</i> da pesquisa	43
3.2 Participantes.....	43
3.3 Instrumento de coleta dos dados.....	44
3.4 Procedimento ético para a coleta dos dados	45
3.5 Procedimento para a coleta dos dados	46
3.6 Procedimentos para a análise dos dados.....	46
CAPÍTULO IV.....	48
4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	49
4.1 Ana: Nutricionista, 30 anos, separada há 2 anos, sem filhos.	49
4.2 Jacqueline: Professora universitária, 47anos, separada há 10 anos, dois filhos.....	58
4.3 Priscilla: Vendedora, 49 anos, separada há 5 anos, dois filhos.	66
4.4 Renata: Do lar, 58 anos, separada há 10 anos, três filhos.	72
4.5 Marcelo: Engenheiro de Minas, 31anos, separado há 9 anos, sem filhos.	80
4.6 Carlos, taxista, 61anos, separado há 5 anos, com 2 filhos.	88
4.7 João: Professor, 28 anos, separado há 2 anos, um filho.	98
CAPÍTULO V.....	106
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICES.....	118
APÊNDICE A	119
APÊNDICE B.....	121
ANEXO	122
ANEXO A	123

INTRODUÇÃO

O divórcio é um tema recorrente na contemporaneidade, abordado por diversos campos – jurídico, social, psicológico, econômico – visto que sua incidência acompanha as mudanças que as novas formas de conjugalidade apresentam na atualidade. Com isso, os indivíduos ao passarem por um processo de subjetivação, e ao vivenciarem a desvinculação conjugal, apresentam mudanças individuais significativas, experiências de si, que permitem uma ressignificação de suas identidades individuais. No entanto, atingir esse estágio pode ser um processo lento e conflituoso. É possível, inclusive, que algumas pessoas não alcancem esse estágio de subjetivação interior que promova o encontro consigo mesmo, tornando-se assim, impossibilitados de se desvincularem das identidades conjugais, construídas no matrimônio.

Diante desse contexto, o desvincular-se é um processo que sofre a influência de diversas variáveis psicossociais, instalando tensões nos modos de funcionamento da vida dos sujeitos separados. Frente a esta desordem, cada cônjuge terá que adaptar-se, modificando-se internamente, almejando a organização de um universo comum que resista às circunstâncias previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida.

Assim, procuramos neste trabalho, compreender os sentimentos que emergiram em homens e mulheres, quando se divorciaram e perderam o poder do vínculo conjugal. Identificamos ainda as características do luto vivenciado no decorrer do processo da separação; as emoções e sentimentos que foram mais frequentes nos recém-separados; as influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde dos participantes; e as repercussões da separação na ressignificação da identidade individual.

O primeiro capítulo abordou a história do casamento ao longo da cultura brasileira, sua caminhada junto à construção da ideia de família, e como a dissolução matrimonial foi inserindo-se nesse contexto. Sua incidência e aceitação como possibilidade de um re-encontro consigo, ao ressignificar suas necessidades individuais. Trabalhamos alguns fenômenos e suas interfaces no processo de subjetivação dos indivíduos, como: as mudanças socioeconômicas; a modernização da sociedade; a fragilidade e mudanças religiosas; o aumento da perspectiva de vida; a influência dos meios de mídia; a emancipação feminina e a liberação sexual.

O segundo capítulo apresentou o processo da dissolução da conjugalidade. Delineando os sentimentos presentes após a ruptura conjugal; o luto vivenciado nesse processo de desvinculação, suas fases e as consequências do luto tardio; os novos investimentos afetivos após a separação, como estratégia de suporte afetivo; os possíveis provocadores da dissolução

matrimonial. Nessa perspectiva, identificamos a infidelidade e a violência física e psicológica; os impactos desse momento na saúde dos entrevistados e, por fim, a resignificação da identidade individual, como forma de se desenvolver e crescer no plano individual.

No capítulo seguinte, apresentamos os caminhos metodológicos seguidos na pesquisa. Com um enfoque qualitativo, descrevemos as diversas variáveis encontradas no presente trabalho. Dentre eles: o instrumento a ser utilizado para a coleta dos dados, o tratamento dado ao material coletado, os critérios de definição das unidades de sentido, a caracterização do perfil sociodemográfico dos entrevistados, seu tempo de divorciado, gênero e idade.

Posteriormente, analisamos e discutimos, individualmente, as narrativas dos sujeitos participantes. No final, tecemos uma breve consideração do entendimento que obtivemos de todas as entrevistas, inter-relacionando-as ou diferenciando-as em suas perspectivas de subjetivação individual. E por fim, nas Considerações Finais, findamos com uma síntese do tema em foco.

Com esse estudo, esperamos ter promovido a visibilidade que as ressonâncias do processo de desvinculação conjugal provocam na vida dos sujeitos que os experienciam.

CAPÍTULO I

As sem-razões do amor

“Eu te amo porque te amo,
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor”.
Carlos Drummond de Andrade

1. PERSPECTIVAS HISTÓRICO – CONTEXTUAIS DO CASAMENTO

1.1 O Casamento ao longo do tempo

O divórcio é um tema bastante recorrente na atualidade, discutido em diversas áreas – jurídica, social, psicológica, econômica – por sua frequência e transformações que acarretam em nossa sociedade atual. Para falarmos em divórcio, temos que nos reportar ao casamento, no entanto, ao tentar fazer um panorama da visão histórica do casamento necessitamos relacioná-lo com os temas família, privacidade e sexo já que ambos modificaram sua configuração decorrente um do outro.

Para a compreensão dessas modificações, mencionaremos Gomes (1998), que nos traz um retrospecto das formas de casamento em vários momentos das sociedades. Por volta do século XV o caráter de linhagem era o aspecto valorizado para a formação da família. Não se considerava a intimidade e a coabitação e, neste período, a vida privada ocorria mais na rua do que dentro da casa e seu objetivo era a conservação dos bens, a prática do ofício e o agrupamento para a sobrevivência. Apenas no Século XVIII as famílias passam a se recolher em suas casas criando maior intimidade e percebendo as crianças como diferentes dos adultos, valorizando aspectos psicológicos e morais destas; o catolicismo exerce forte influência sobre o tema e, dessa forma, promove o modelo patriarcal e a sacralização do conceito de família. Com a revolução industrial e o capitalismo os laços fraternais são intensificados e a família passa a configurar-se como um lugar de refúgio.

Ao longo da história, o conceito de família caminhou junto com o de matrimônio, visto que foram as construções desses parentescos que criaram as normas para a formação do casamento. A escolha da união era determinada no nascimento dos filhos, pelas relações familiares já estabelecidas, era um modelo monogâmico, indissolúvel fundado nos moldes cristão ocidental. Sobre isso Giddens (1993) nos diz que, na Europa pré-moderna, os casamentos não eram contraídos de forma espontânea, mas por agentes matrimoniais ou pelas famílias, contratados por convenção (de ordens) que se baseavam nas divindades ou em questões financeiras. Nesse período, não se cogitava a ideia de um amor romântico sendo as expressões de afeto entre os cônjuges raras, entretanto, as relações extraconjugais eram frequentes e aceitas quando vindas por parte dos homens. Já as mulheres eram vistas como o membro da família que procriava e cuidava da criação dos filhos, educando-os.

O desejo sexual era um direito pertencente ao homem, sobrando às esposas a submissão e a virtude. Dessa forma se controlavam e educavam os sentimentos, “carnes tristes e frias”, no dizer de Del Priore (2005, p.30) em que o homem era ativo e a mulher passiva. Isso enquadrava-se nos objetivos da igreja e do estado moderno que desejava que a relação entre os sexos fosse a mais próxima do ideal da sociedade católica, buscando impedir comportamentos e erupções de sentimentos que infringissem a domesticação do amor conjugal que deveria ser útil, lícito e protegido. Agindo conforme esses elementos ditados pela igreja, protegiam-se os casais do pecado mortal, o sexo era lícito e restrito apenas para fins de procriação (Del Priore, 2005).

Nas classes mais favorecidas os casamentos eram estabelecidos com base em interesses econômicos, ao invés de serem motivados pela atração sexual e o amor, em geral, por parte dos envolvidos. Já nas classes menos favorecidas, este tipo de união era uma forma de organização do trabalho agrário. Giddens reforça esse tema afirmando:

A diferenciação entre a sexualidade “casta” do casamento e o caráter erótico ou apaixonado dos casos extraconjugais era absolutamente comum entre aristocracias, além da Europa. Específica da Europa era a emergência dos ideais do amor intimamente relacionados aos valores morais da cristandade (Giddens, 1993, p.50).

De acordo com esse pensamento, Del Priore (2005) complementa que o princípio norteador do casamento era a igualdade de condições financeiras, etárias, de saúde e de qualidade. A igreja pregava a indissolubilidade do casamento e o seu principal argumento era a escolha voltada para o futuro e não para os arroubos da carne, provenientes do interesse físico da paixão. Visava à racionalização da escolha que marginalizava a paixão; o objetivo era a transmissão do patrimônio, sendo sua origem fruto de acordos familiares e não de escolha individual do cônjuge.

Para que essas atitudes fossem sustentadas e aceitas pela população, eram difundidos mitos e crenças que se referiam à busca pelo amor como algo condenado e punido pelas divindades. Um exemplo desse tipo é o mito de que a mulher escolhida para casar teria que ser “respeitável”. Isso implica dizer que ela não poderia apaixonar-se e envolver-se com homens. Quando eleita por um homem, deveria cumprir sua existência ao lado dele, sendo boa mãe e esposa (Giddens, 1993).

Apenas no final do Século XVIII, o amor assume um significado que deixa de ser inocente e puro, para ressaltar a sexualidade de ambos. O sexo passa a ser valorizado como um dos componentes fundamentais para a escolha do parceiro. Dessa maneira, como denominação inicial, o amor está ligado à intimidade e é antagonista à luxúria, pois o sentimento do amor pressupõe uma ligação psíquica, preenchedora de um vazio interno de que muitas vezes o homem não tem consciência, até que a relação seja iniciada, fazendo o indivíduo fragmentado tornar-se inteiro (Giddens, 1993).

Reforçando esse pensamento, Gomes (1998) afirma que, no final do Século XVIII, na Inglaterra, difundiu-se o sistema de casamento mathusiano. Nesse preceito a procriação deixava de ser o objetivo central, passando a ser constituído pelos fatores econômicos e psicológicos do casal. A livre escolha torna-se permitida.

Assim percebe-se que com a corrente moral contra a vinculação do amor ao sexo, corpo e alma, muitos teóricos, como é o caso de Giddens, compartilham da certeza que o amor romântico é um acontecimento tardio, que teve seu surgimento durante o processo de industrialização e urbanização na Europa no século XVIII até o início do século XIX, sendo considerada a mudança de pensamentos e comportamentos das pessoas mais importante nos últimos mil anos. O amor como base no casamento é a revolução afetiva que transformou significativamente os sentimentos amorosos que envolvem o processo de vinculação (Del Priore, 2005).

A reorganização das atividades cotidianas ocasionou uma reorganização profunda da vida emocional que ainda está por ser estudada. Ambas, contudo, ajudaram a sepultar, devagarzinho, antigas tradições referentes à escolha dos pares e às formas de dizer o amor (Del Priore, 2005, p.320).

O percurso dessa mudança, segundo a autora acima citada, dá-se da seguinte forma: de um amor com representação do ideal e do inatingível predominante na Idade Média caminha-se para um amor que tenta associar espírito e matéria, ainda de forma lenta e acanhada, no Renascimento. Já na Idade Moderna encontramos a igreja e a medicina agindo de maneira severa, buscando o afastamento da paixão e amizade, colocando uma fora e outra dentro do casamento; em seguida, entramos no romantismo, século XIX, que relaciona o amor e a morte, levando o amor a retroceder à condição de representação do ideal e inatingível.

Olhando para a contemporaneidade, Gomes (2003), ao discutir as novas formas de conjugalidade, nos apresenta uma configuração movimentada e mutável. Esta autora percebe que:

A antiga estabilidade da família nuclear parece ameaçada pelos casamentos monogâmicos desfeitos; a reformulação radical dos papéis femininos e masculinos não termina por esclarecer as atribuições de cada gênero; dá-se um esvaziamento das diferenças hierárquicas dos pais e filhos; as opções de manipulação genética da prole, manifestadas sob as formas da gestação tardia, da concepção assistida ou “in vitro”, a partir de gametas do casal parental ou de doadores, anônimos ou não, e a “produção independente” provocam, não importa quão liberais nos consideremos, fantasias de descontrole perante o futuro incerto e a onipotência biológica (Gomes, 2003, p. 14).

No entanto, entende que talvez, pela primeira vez na história, estejamos exercitando o livre-arbítrio e a busca pelo sentido “desalienado de si, através de múltiplas e diversas experiências sexuais e afetivas, permitidas e até promovidas pelos mecanismos de institucionalização do humano” (Gomes, 2003, p.15).

Diante do exposto, vemos o casamento como um processo diversificado por contextos psicossociais que visa à construção de uma identidade conjugal que se vai estabelecendo por meio de interações entre o casal, onde cada cônjuge terá que adaptar-se, modificando-se internamente, almejando a organização de um universo comum que resista às circunstâncias previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida. Seguindo esse raciocínio, Féres-Carneiro (2010, p.270) afirma que “a relação conjugal tem início com a criação de um território comum, no qual começam a ser compartilhadas experiências que produzem pautas de interação social significativas para o casal, relativizadas pela experiência de construção psicossocial de cada indivíduo”. A esse conjunto de fatores Féres-Carneiro denomina identidade conjugal.

Com a alteração da constituição da família, que passa do modelo patriarcal para uma busca do modelo igualitário, observam-se mudanças consideráveis, principalmente em relação ao homem que até então era visto como superior à mulher, possuidor de uma liberdade sexual, com direito de controle e autoridade inquestionável. Fundamentado, muitas vezes, no poder econômico, passa o homem a ter suas relações horizontalizadas, em meados dos anos 50 do século XX. A busca por igualdade pode ser também presenciada na mulher, através da forma

como se veste até a liberdade sexual feminina, com o controle da procriação através da pílula anticoncepcional; da escolha do parceiro; da sua entrada no mercado de trabalho e da participação expressiva nas finanças da família. Na atualidade essa transição é alcançada dia após dia e a oscilação dos modelos hierárquicos e igualitários se dá de forma constante e conflituosa, por isso a coexistência desses modelos pode interferir na conservação e manutenção da conjugalidade, chegando à dissolução da identidade conjugal.

Com a dissolução da identidade conjugal, vai ocorrendo uma re-significação das identidades individuais dos parceiros. Enfrentar um processo de mudança na vida adulta pode acontecer de forma lenta e conflitiva, requerendo anos até a superação dos obstáculos – psicológicos, sociais, legais, econômicos e sexuais – que acometem os sujeitos envolvidos direta ou indiretamente nesta transição, e a busca por equilíbrio nos seus novos papéis e relacionamentos. Identidade individual neste trabalho segue o que Singly, citado por Féres-Carneiro (1998, p 384), nomeia como sendo a possibilidade de o indivíduo constituir-se como ser autônomo satisfazendo suas necessidades de crescimento e desenvolvimento, sob ideais e contextos individualistas que estimulam a realização dos seus projetos e desejos.

No código Civil Brasileiro de 2002, o casamento é estabelecido com base na igualdade de direitos e de deveres dos cônjuges. Era então firmado quando os interessados expressavam na frente de um juiz o desejo de instituir um vínculo conjugal. Ambos assumiam mutuamente a condição de consortes, ou seja, companheiros e responsáveis pelos encargos da família. Este item fica claro no artigo 1.566, quando diz: “São deveres de ambos os cônjuges: fidelidade recíproca; vida em comum, no domicílio conjugal; mútua assistência; sustento, guarda e educação dos filhos; respeito e consideração mútuos” (Alves, 2010, s/p). A dissolubilidade da sociedade e do vínculo conjugal é retratada com: a morte de um dos cônjuges; pela nulidade ou anulação do casamento; pela separação judicial ou pelo divórcio.

Acompanhando a evolução da sociedade brasileira, em 2007 acrescentou-se ao Código de Processo Civil, o artigo 1.124-A, que passa a admitir as separações e os divórcios feitos sob via administrativa, ou seja, pelo cartório através de escritura pública, sem homologação judicial, quando fossem consensuais e não houvesse filhos menores ou incapazes. Entretanto, somente em 2010, com a promulgação da emenda constitucional nº 66, art. 226, pode-se instituir o divórcio como única forma de dissolução do casamento civil, unificando as duas ações – separação judicial e divórcio – evitando um desgaste emocional maior, um custo nos trâmites e a demora na obtenção do objetivo almejado (Alves, 2010).

Observa-se que a taxa de divórcio no Brasil atingiu seu maior índice em 2010, desde o início das investigações estatísticas do registro civil que começou no ano de 1984. Foram

totalizados 1,8 divórcios para cada mil pessoas de 20 anos ou mais em 2010, 36,8% a mais que em 2009. Entretanto, a taxa geral de separação teve queda significativa de 0,5 separações para cada mil pessoas de 20 anos ou mais, menor índice das séries de registro. As separações totalizaram, em 2010, 67.623 processos ou escrituras. Na análise da série, vê-se que a cada época em que há alterações na legislação sobre divórcio, ocorrem elevações na taxa. Percebeu-se que do total de 243,224 divórcios registrados em 2010, 239.070 foram processos concedidos sem recursos ou escrituras públicas, ou seja, feitas em cartório, nos casos de consensualidade, quando não há existência de filhos menores de idade. Esse índice mostra um aumento de 36,8% a mais que o registrado em 2009, quando se atingiu 174,747 divórcios concedidos (IBGE, 2011).

Em contraponto, verificou-se que os casamentos registrados no Brasil, em 2010, foram totalizados em 977.620, um acréscimo de 4,5% em relação a 2009. Os recasamentos realizados por divorciados ou viúvos totalizaram 18,3% das uniões, um crescimento de 11,7% quando comparado aos registros do ano 2000 (IBGE, 2011).

Diante desse quadro, observamos que ao passo que ocorrem muitas separações, também ocorre um alto índice de casamentos, demonstrando que há ainda o desejo de compartilhar uma vida matrimonial, entretanto os relacionamentos são vividos sob nova perspectiva, sendo mais temporários, menos estáveis e com o objetivo de usufruir satisfação conjugal. Para Falcke, Diehl e Wagner (2002, p.183) “uma explicação plausível é a de que a real possibilidade de separação conjugal, através do divórcio, tenha feito com que a maioria dos casais, na atualidade, investisse mais na qualidade de seus relacionamentos, bem como exigisse mais empenho de seus companheiros”.

1.2 O Convívio da individualidade com a conjugalidade

Na sociedade sempre existiu, por influência do Cristianismo, um forte incentivo ao casamento, como sendo um espaço onde as pessoas se realizavam e concretizavam seus sonhos. Anteriormente, existiam fatores que impediam as relações de intimidade, compromisso e satisfação sexual, porém, com o passar do tempo, esses comportamentos foram ganhando lugar e se estabelecendo como prioridades nas relações amorosas.

Da mesma forma que o novo carrega em si o que já foi vivenciado, os novos processos de vinculação não se desfazem totalmente do modelo anterior. Assim, são compreensíveis os embates entre a rigidez dos antigos papéis de gênero e a busca pela realização pessoal, através do reconhecimento das prioridades individuais. É nesse panorama que concordamos com

Jablonski (2007, p 213) quando ele diz que “os casais parecem vivenciar um conflito entre propostas igualitárias modernas e as práticas hierárquicas tradicionais”.

A perspectiva da transgeracionalidade vem-nos esclarecer as condutas de escolhas, já que a família é a transmissora de valores, modelos de conduta, sentimentos, crenças, educação, exemplos de proteção, como também padrões de sustentação financeira dos seus membros, não se reduzindo à família nuclear, elas se prologam a outros familiares (Baptista, Cardoso & Gomes, 2012). Na fala desses autores:

Pode-se pensar, portanto, que as transmissões ocorrem não só no âmbito nuclear, mas também em uma perspectiva global, já que o indivíduo está inserido em vários outros contextos sociais. Assim, quando se retoma, por exemplo, o enfrentamento de problemas, podem ser construídas estratégias tanto no sentido de resolvê-los quanto no de prevenir outros momentos de crise (2012, p 17).

Se entendermos a transgeracionalidade social, da qual nos falamos Zordan, Falcker e Wagner, (2005, p. 48) como sendo “o processo de transmissão de valores, crenças e legados sociais que vão sendo repassados às novas gerações”, perceberemos que a escolha do parceiro, que parece ser espontânea e livre, “está permeada por mensagens, explícitas e implícitas, transmitidas transgeracionalmente pelos antecessores. Neles estão implicados fortemente os valores e legados do contexto familiar e social de cada um”. A construção e a manutenção desses padrões partem do pressuposto de já tê-los conhecido havendo a possibilidade não apenas de repetição, mas de transformação e de negação coexistindo entre si.

Um fator gerador de conflito no casamento contemporâneo é o apelo social para a conjugalidade e para a realização profissional do jovem: ao mesmo tempo em que o estimula a se casar, ter uma vida conjugal, exige também que encontre o seu ideal de felicidade através da profissão. Caso esse jovem não tenha construído um projeto de vida a dois, essa mensagem social poderá levar a conjugalidade e a individualidade a uma situação de disfunção geradora de rompimento do laço matrimonial. Corroborando com esse raciocínio, Rossi (2003, p78), ao falar sobre a complexa e rica evolução da sociedade, retrata que é cada vez mais frequente que as pessoas se queixem da falta de parâmetros para se orientar, sentindo-se perdidas em relação aos seus objetivos, ao mesmo tempo que buscam uma existência cada vez mais individualista, “entre as preocupações dominantes está à necessidade de ser feliz como indivíduo, através de usufruir e possuir o que existe de melhor na vida”. O mesmo autor pontua que “o

individualismo em nossa sociedade é um ideal, não é um defeito a ser combatido ou eliminado, e isso promove uma série de contradições. Isso é especialmente evidente nas “conjugalidades” (Rossi, 2003, p 79).

Ceberio (2006) nos diz que ao estudar as famílias argentinas a partir da sua prática clínica, verificou que as famílias estão, na atualidade, entre novas e velhas estruturas familiares e não apenas em um polo, mas em um contexto transacional permeado de elementos socioculturais, políticos, econômicos e geracionais de ambos os paradigmas.

No Brasil, vemos presente essa transacionalidade no estudo feito por Jablonski (2011) com jovens solteiros pertencentes às camadas médias da população universitária fluminense. Constatou que eles estão ansiosos por novas formas de relacionamento que não se enquadram no casamento tradicional, no entanto não parece haver uma rejeição ao casamento e sim uma disseminação e maior aceitação da coabitação.

Voltando à questão da conjugalidade, trazemos as contribuições de Magalhães e Féres-Carneiro (2003, p.2) quando conceituam conjugalidade “como uma dimensão psicológica compartilhada, que possui uma dinâmica inconsciente com leis e funcionamentos específicos”. Seguindo com esse tema, as autoras citadas afirmam que a relação conjugal é construída sob ideias e valores compartilhados, que vão passando a ocupar um lugar privilegiado no campo da afetividade. E que ao passo que a intimidade é instaurada entre os cônjuges, vai-se gerando uma expectativa de complementariedade entre eles, apostando na legitimação do ‘eu’ partindo do ‘nós’ (Magalhães & Féres-Carneiro, 2003). O surgimento desse espaço de intimidade se dá no momento em que se permite criar um ambiente de experiências afetivas que convive com os direitos e deveres sociais e individuais, consentindo a prática da afetividade de maneira democrática.

Souza e Alvarengo (2001) nos dizem que em uma sociedade atualizada em seus conceitos e conectada consigo e com os outros, sendo assim, mais igualitária, os papéis sociais e sexuais, não são pré-determinados aos indivíduos, mas são colocados à prova para discussão, possibilidades e negociações. Isso faz com que casais que estão inseridos nesse grupo de pessoas melhor informadas e abertas para esse processo de diálogo e negociação estejam também habilitados e preparados para praticar uma democracia dialógica nos conflitos que envolvem uma relação a dois, não utilizando a força física ou a coação, mas a arma do diálogo. Reforçando esse pensamento Giddens (1993) nos coloca:

A intimidade, dentro de uma concepção de modernidade, configura um contexto de maior reflexividade do eu, implicando uma noção de

autonomia que se define como uma dada capacidade de auto-reflexão e autodeterminação dos indivíduos. A reflexividade do eu, nesta perspectiva, dota os indivíduos de maior capacidade para "deliberar, julgar, escolher e agir diante de diferentes cursos de ação possíveis" (Giddens, 1993, p.202) grifos do autor.

Criar um espaço de comunicação entre as necessidades do indivíduo com a identidade conjugal se faz necessário no casamento, no entanto, para isso, é indispensável lidar com essas forças contrárias em que circulam a individualidade e a conjugalidade, contextualizadas nas demandas da sociedade contemporânea. Constantemente há um incentivo e uma cobrança a valores individualistas e à autonomia dos cônjuges, ao mesmo instante que os casais se defrontam com a busca por vivenciar uma identidade comum, com planos conjugais.

Se por um lado, os ideias individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro lado, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais (Féres-Carneiro, 1998, p 383).

É nesse caminho de exigências que se contrapõem, onde velhos e novos valores coexistem, não havendo um parâmetro que possa fixar o percurso a ser seguido que os casais contemporâneos vivem dúvidas e agitações perfeitamente compreensíveis no que concerne às relações conjugais.

1.3 A crise do casamento contemporâneo

Com a chegada do século XXI percebemos um movimento que vem sendo cada vez mais frequente e que tem sido alvo de estudos e interesse por parte dos pesquisadores e profissionais que trabalham com a família: a dissolução dos casamentos. Sem dúvida essa fragilidade que pode se abater sobre a família preocupa por envolver diversos atores nesse contexto: os pares desfeitos, filhos que porventura existam e as pessoas próximas dessa relação (amigos e parentes).

As principais razões aparentes desse momento de transição que o casamento percorre atualmente são: as mudanças sócio-econômicas; a modernização da sociedade; a fragilidade e

as mudanças religiosas; o aumento da perspectiva de vida; a influência da mídia; a emancipação feminina e a liberação sexual. Falemos um pouco sobre cada variável citada.

Quando tratamos de fatores socioeconômicos que interferem e contribuem para o avanço dos divórcios, segundo Jablonski (1991), podemos enumerar alguns. Seriam eles: o aumento da alfabetização, a maior exposição aos meios de comunicação, uma maior participação política, a baixa taxa de mortalidade infantil, uma aceitação social do divórcio como forma legítima de resolver casamentos infelizes, uma frequente reforma das leis para atender às expectativas de sua população frente a essa nova demanda, a busca por igualdade dos sexos com a crescente corrida por empregos e salários equivalentes, além de um número maior de esposas que se tornaram financeiramente independentes do marido podendo enfrentar as consequências que um divórcio acarreta.

Seguindo esse pensamento, Cervený (2006, p. 18) nos diz que “estamos globalizados com suas vantagens e prejuízos e a família não deixou de ser atingida por todos esses fenômenos”. Acrescenta ainda que:

Hoje, conseguimos através de lentes mais modernas, visualizar a família no seu contexto histórico, social, cultural e econômico e enxergar a família possível, com sua extrema capacidade de adaptar-se às mudanças e conseguir equilíbrio, também na adversidade (Cervený, 2006, p 24).

Ao discutirmos sobre as transformações que a modernização da sociedade trouxe consigo, entendemos que esta veio atrelada à industrialização e à urbanização geradora de oportunidades e mudanças, acesso a bens de consumo, empregos e competitividade. No entanto, outros fatores como o isolamento, a ênfase na racionalidade e independência, a valorização do individual em detrimento ao coletivo, estimulou uma corrida feroz pela sobrevivência.

A família que promovia o lugar seguro, protetor e capaz de suprir todas as necessidades dos indivíduos, agora lida com a realidade da perda da interação social e da falência da comunidade em termos funcionais. Atualmente, foram criadas agências sociais capazes de prover a assistência que o indivíduo precisa, sem que esse necessite retribuir qualquer tipo de assistência ou possuir compromisso. O trabalho, o asilo, a creche, o supermercado, a farmácia, todas essas instâncias fizeram diminuir as interações entre família e comunidade. As famílias

dividem as funções educativas e econômicas que antes lhes cabia, e passam a atuar mais no campo afetivo, tendo essa função básica.

Em toda a história da humanidade, família e casamento eram uma questão de sobrevivência: impossível sobreviver sem ambos. Hoje, não: à medida que as funções econômicas foram passando da mão da família para instâncias criadas posteriormente, foi desaparecendo a necessidade da família como fator indispensável à sobrevivência (Jablonski, 1991, p50).

Temos outro fator que contribuiu para essas modificações da sociedade: a religiosidade. A religião sempre se apresentou como uma forte pressão norteadora dos valores familiares. Não se sabe ao certo se essa subordinação era fruto de uma concordância profunda com as ideias disseminadas ou apenas uma revelação dos medos e do conformismo frente a uma pressão social dura e cruel.

Com o avanço tecnológico houve um declínio da religiosidade e/ou uma busca por outras religiões antes inadmissível para um país católico. Esse dado demonstra uma forma de perceber e interpretar a influência e o domínio das instituições religiosas.

As mudanças relacionadas ao papel do amor conjugal e da sexualidade, o uso de contraceptivos, as mudanças nas atividades exercidas pela mulher, a permissão para relações pré-maritais, a possibilidade de não ter filhos, entre outros, são aspectos que vêm sofrendo significativas transformações, tornando a instituição religiosa menos normativa, deixando de ser uma barreira para a ruptura familiar.

Jablonski, citando Roof e Mckinney (1991, p.37) diz que “a modernidade criou uma situação em que a fé se tornou uma questão altamente individualizada e privatizada, com os indivíduos expressando sua religiosidade em termos de foro íntimo.” Essa maneira de encarar a religiosidade possibilitou uma maior aceitação por partes das crenças na dissolução dos casamentos que não traziam felicidade ou promoviam algum tipo de risco aos cônjuges.

A longevidade é outra questão que interfere nos matrimônios. Enquanto que, na Idade Média, a duração média de vida era em torno de 30 anos e a probabilidade de morte de um dos cônjuges era alta devido às complicações de saúde, em especial aos partos, hoje se tem uma probabilidade pequena de término de um casamento por morte de um dos parceiros. Então, se recorre ao divórcio quando se pensa em finalizar uma união.

Outro ponto importante é que as uniões dos casais geralmente giram em torno das crianças. Com o advento da longevidade, faz-se necessário um planejamento familiar que anteriormente não existia, visto o alto grau de mortalidade das crianças, e com isso ocorria o número maior de filhos. Com a saída dessas crianças, já adultas, de casa, o foco passa a centrar-se no casal que vive o momento denominado “ninho vazio” e ocorre uma maior reflexão sobre a relação do casal incluindo sua satisfação conjugal. Antes uma união era vista como uma parceria, construída sob pilares do companheirismo, deveres diversos e solidariedade; atualmente, os caminhos buscados para sustentação dos casamentos perpassam por amor, sexo e direitos iguais como elementos mais importantes. Sendo assim, a flexibilidade, tolerância e renúncia são formas de sacrifícios intensos demais para a sociedade contemporânea, podendo gerar com isso as dissoluções.

Esses comportamentos geram insegurança e instabilidade que suscitam a busca por informações que recomendem o caminho correto. Cria-se então uma avalanche de “especialistas” que detêm o saber, todos disponíveis nos meios de comunicação de massa, são estes que vão confirmar ou negar, direcionando as expectativas, comportamentos, atitudes e pensamentos. Assim, Costa (2002) retrata, na seguinte citação, o poder da mídia como modeladora de comportamento dos indivíduos, exercendo influências impactantes e determinantes nos dias atuais.

Meu argumento é que boa parte da modelagem identitária empreendida pelas sociedades neoliberais é levada a efeito pela mídia e por outros artefatos da indústria cultural. Afastando-me das postulações frankfurtianas que demonizam a televisão, discuto esse objeto com lentes teóricas que permitem pensá-lo como uma das formas de expressão cultural do nosso tempo, como um conjunto de obras que precisam ser examinadas e discutidas relativamente àquilo que produzem nas sociedades e no que diz respeito à sua participação na própria constituição do sujeito contemporâneo (Costa, 2002, p 72).

Foi através dessas repetições aprovadas pela sociedade que a esfera judicial atualizou suas leis, facilitando a separação, barateando os seus custos e tornando um modelo de processo acessível e possível aos que se interessarem.

Ao analisarmos a influência da emancipação feminina em todo esse advento do divórcio, vemos que não é fácil retratar toda essa evolução das relações de poder e submissão que a mulher ao enfrentar abre possibilidades para os campos afetivo, profissional e social.

Entendemos que com a desvalorização das atividades domésticas atribuídas ao sexo feminino e com a criação, já mencionada, de instituições designadas pela sociedade para executar essas tarefas que ficavam apenas a cargo da mulher, possibilitou a libertação feminina. As mulheres entraram no mercado de trabalho, a priori, para complementar com seus salários a renda do marido, mas progressivamente-se foram firmando de tal maneira que, nos dias de hoje, muitas casas são sustentadas com sua participação. Dessa forma, o casamento vem sendo centrado basicamente no campo afetivo, visto que a independência financeira gerou também uma independência social.

Para Féres-Carneiro, Ziviani e Magalhães (2011, p 54) “essa divisão mais igualitária de pagamento das contas entre homens e mulheres pode ser melhor compreendida dentro do contexto histórico”. Esses autores (2006, p 54), ao citar em Castell, afirmam que a divisão igualitária “ressalta a consciência feminina e a inserção da mulher no mercado de trabalho, postulando que este fator trouxe mudanças significativas aos papéis da mulher e do homem em seus relacionamentos amorosos”.

Quando tratamos do campo sexual, apreendemos que muitas foram as variáveis que contribuíram para a liberação sexual. Podemos destacar: a diminuição na crença religiosa, a emancipação feminina, os contraceptivos e a separação da maternidade e sexualidade, bem como os avanços tecnológicos. Isso retrata uma realidade de sexo pré-marital, vida sexual mais livre, aumento das pesquisas sobre sexualidade, maior procura por relações satisfatórias, maior comunicação entre os casais sobre esse assunto e a busca incessante por diversas formas de prazer.

Esse estilo de vida ao passo que possibilita os sujeitos a procurar a satisfação conjugal, coloca em questão o modelo tradicional de união monogâmica e de duração até a morte de um dos parceiros. O que vemos com a chegada da liberdade amorosa são as contrapartidas que recaem sobre os indivíduos, elas seriam: a responsabilidade e a solidão. Essas favorecem o entendimento de que a tradição não era feita apenas de opressão, mas de uma barreira útil que levava ao entendimento dos significados de família, casamento e união como valores e emoções densos que a atual sociedade de consumo com sua necessidade de satisfação rápida, não assimila frente à velocidade e fragilidade das relações que se revelam breves e em crise.

Por desejar tudo ao mesmo tempo, homens e mulheres buscam incessantemente, amor, segurança, fidelidade, lealdade, monogamia e arroubos da paixão, fundados nos resquícios do

amor romântico. No entanto, mesmo frente às dissoluções, entendemos que a família transita por um momento de transformação que nos revela que ela oscila entre momentos de estabilidade e de mudança característicos dos agrupamentos sociais devido ao seu dinamismo.

A família vai mudar e sobreviver, uma vez que ela ainda é a melhor forma de se proporcionar laços afetivos básicos, subsistência econômica, socialização da criança e reprodução. E o processo de mudança ou redefinição de funções, seguido por uma reestruturação da família, poderá ser descrito como “crise” ou não, o que não teria importância se adotada a visão da família como um modelo em eterno movimento de ajustamento (Jablonski, 1991, p18).

Finalizamos esse capítulo ressaltando que ao passo que entendemos que a família vive um processo de transformações e alterações no campo dos valores, comportamentos e perspectivas, está aberta para apreender que esse contexto sofre um significativo aumento de conflitos e poderá ou não promover a integração e o respeito do casamento e da vida familiar.

CAPÍTULO II

A um ausente

“Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompeste
e sem te despedires foste embora.
Detonaste o pacto.
Detonaste a vida geral, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.

Antecipaste a hora.
Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.
Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem sabemos ousar
porque depois dele não há nada?

Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
nem nos deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste”.

Carlos Drummond de Andrade

2. O PROCESSO DE DISSOLUÇÃO DA CONJUGALIDADE

A história do amor está entrelaçada com a do luto e da separação. O homem, ao nascer, sai de uma situação definida e controlada para uma situação imprevisível, lembrando o seu passado e a certeza de morte no futuro. Isso gera angústia e ansiedade, por isso os seres humanos se aglomeram em ideais, culturas, costumes para não sentirem o peso da solidão. Fromm (1958) nos diz que a separação proporciona ansiedade e é vista como desencadeadora de outros sentimentos como culpa e vergonha. Para ele, “ser separado é o mesmo que ser desamparado, incapaz de apreender o mundo, as coisas e as pessoas, de modo ativo; significa que o mundo nos pode invadir sem que tenhamos condições para reagir” (p.28).

Nóbrega e colaboradores (2005), ao estudarem as representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico identificaram o sofrimento como sendo uma dor física ou mental, experienciado pelo ser humano, podendo ter seu efeito prolongado; esse estado pode ser avaliado por critérios objetivos como condições fisiológicas, comportamento e estado geral de saúde. A palavra sofrimento foi descrita por Barus-Michel (1991) como termo criado por gregos, significando tolerar, suportar, permitir e, somente no século XVI, assumiu significação da experiência de uma dor. Atualmente entre os contextos físico, moral e psíquico, a dor tem sido enfocada como uma dimensão da subjetividade, sendo priorizadas as interfaces afetivas e intelectuais. Se olharmos pelo enfoque psicossocial, o sofrimento se situa “no *carrefour* da subjetividade e da realidade exterior, do individual e do social” (2005, s/p).

Na contemporaneidade, com suas inúmeras maneiras de conjugalidade, o estar junto não representa mais a certeza da durabilidade da união, tão difundida em outros tempos. Esse fato remete-nos a sentimentos de vazio e solidão. “Homens e mulheres procuram parceiros com o intuito de serem felizes e depositam sua esperança, almejando encontrar, muitas vezes, em suas relações amorosas, a satisfação até então não atingida” (Paiva, 2009, p.63). E o que encontramos, na maioria das vezes, são separações provenientes de insatisfação, devido à ausência do alcance da qualidade conjugal idealizada.

Geralmente, a separação ocorre por etapas. Matarazzo (1992) caracteriza seis etapas: 1) o divórcio emocional, quando há um afastamento afetivo, revelando sentimentos como angústia, tristeza, culpa e distanciamento; 2) separação física, quando a proximidade e o contato físico se tornam intoleráveis, gerando sentimentos de rejeição e até de aversão; 3) separação geográfica, quando de fato há uma mudança de moradia; 4) separação familiar, os parentes são informados que a relação chegou a um momento de fragilidade e que a única saída

é o divórcio; 5) separação social quando a permanência das amizades é abalada e alguns amigos são afastados do meio social e ocorre a busca por liberdade, trazendo consigo novas amizades; 6) separação legal, quando o casal determina a repartição de bens, custódia dos filhos, nesse momento pode haver um processo de vingança e de negação ou pode haver uma ruptura amigável e conciliadora. Essas etapas podem ocorrer de forma não sequenciada, ou mais de uma delas, simultaneamente, sendo, para cada casal, um processo singular.

2.1 Os sentimentos após ruptura conjugal

No processo de separação, há uma sintomatologia do luto que pode desenvolver-se, apresentando-se como doloroso e intenso e, em alguns casos, mesmo após um período extenso dessa desvinculação afetiva, os sentimentos de decepção e mágoa se fazem presentes, perdurando e transformando esse momento em uma circunstância traumática que promove a desestabilidade emocional. Kaslow e Schwartz (1995) nos apontam que esses sentimentos de tristeza e de desespero que envolvem uma desvinculação são dolorosos para os cônjuges, sendo indiferente quem tomou a decisão do corte afetivo, visto que em algum momento ambos se gostaram e se empenharam em ficar juntos para sempre. Dessa maneira, a separação pode ser entendida como uma aceitação da impossibilidade de obter sucesso no relacionamento estabelecido, ou ainda de ter errado na escolha do (a) companheiro (a).

Anton (2011) afirma que o sujeito ao perceber que não está mais no alvo dos afetos e objetivos do outro, sofre uma intensa sensação de perda que se assemelha às trazidas pela morte. Ao deixar de ser o foco do objeto de desejo do outro, passando a não possuir importância afetiva, o indivíduo vê-se perdido. Essas sensações se intensificam ao passo que o ex-companheiro retoma sua vida afetiva e obtém a felicidade longe do sujeito abandonado.

Ao se separar, o indivíduo pode abrir um caminho novo, uma possibilidade de retomada de suas atividades, sejam elas, afetivas, profissionais e sociais, e, com essas oportunidades, vem junto o entendimento de estar sozinho nesse novo processo de busca por um parceiro afetivo. Assim, sentimentos de insegurança podem rondar o sujeito, já que nesse percurso, sabe-se que está sozinho, sem a segurança oferecida pela relação anterior, estando frágil e susceptível ao fracasso e à incerteza do futuro.

Faz-se presente também o silêncio frente à grande opressão provocada pela dor da ruptura. Colombo (2011) discute o silêncio e seus significados em seus estudos, e manifesta sua opinião acreditando que “o silêncio é um lugar em que podemos ou não penetrar despídos para um encontro com nós mesmos, e que foi ou não aprendido e autorizado pelas experiências

afetivas que nos constituíram como seres humanos” (p.75). Então, a significância do silêncio é representativa, demonstra o luto que mencionamos anteriormente.

Essa incerteza frente ao futuro, mencionada anteriormente, promotora das inseguranças, diante das necessidades para enfrentar o contato consigo mesmo, juntamente com o silêncio, em busca da compreensão de quem somos, são retratadas por Morin (2003) ao explicar sobre a noção do sujeito, a partir da vivência com o outro e do encontro do seu “eu”. Ele nos fala, “O sujeito aparece na reflexão sobre si mesmo conforme um modo de conhecimento intersubjetivo, de sujeito a sujeito que podemos chamar de compreensão” (p.118), e ainda:

A natureza da noção do sujeito tem a ver com a natureza singular de sua computação, desconhecida por qualquer computador artificial que possamos fabricar. Essa computação do ser individual é a computação que cada um faz de si mesmo, por si mesmo, para si mesmo. O cômputo é o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro do seu mundo para lidar com ele e considerá-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa. (2003, p.120).

O desenlace matrimonial pode trazer as emoções e os sentimentos de autodestruição, de tortura, decepção, tristeza e mágoa, todas derivadas da ausência de sucesso na relação afetiva. Frente a esses sentimentos, Hermann (2003, p.155) declara que:

O mesmo suporte que mantém um casamento é o que o destrói. Certas idéias, como a de fidelidade e posse, a de perfeição da vida conjugal, a de superioridade \neg nossa, só nossa, só deste casal sobre o resto das relações do mundo \neg criam um espécie de chauvinismo matrimonial responsável tanto pela fidelidade, quanto pela infidelidade, tanto pela manutenção, quanto pela quebra das relações do casamento (2003, p.155)

Então, com a ruptura conjugal, como já mencionamos anteriormente, ocorre uma cobrança afetiva, do amor perdido, das promessas lançadas, que destroem uma imagem perfeito do amor ideal. Sobre esse processo de desvinculação, Maldonado (2000) assinala que o rompimento traz um momento de intensos sentimentos: angústias, medos, euforia, depressão, atordoamento, inseguranças, perplexidade. Eles são causadores da instabilidade emocional que

permeia o divórcio, necessitando de transformações e adaptações que gerem base sólida para os antigos parceiros possam firmar-se e estabilizar-se nesse processo. Essa estabilidade nada mais é que a reorganização após o desequilíbrio. A priori, o atordoamento é comum e presente levando em consideração que o recém-separado perdeu o seu ponto de referência, que lhe indicava o caminho a seguir.

Um fator relevante que devemos salientar é que os sentimentos que remetem ao ex-cônjuge, não necessariamente são de ódio, rancor ou perseguição, demonstrando que há, em alguns divorciados, a capacidade positiva de desvincular-se. Entretanto, existem abandonados que revisam obcecadamente os erros cometidos na relação. Assim, Kaslow e Schwartz (1995, p.68-70) nos chamam a atenção para o fato de que “tanto os que tomam a iniciativa quanto os abandonados sofrem diversos tipos de angústia, mas se diferencia a natureza de seu sofrimento”, acrescentando que “muitos dos cônjuges rejeitados ou abandonados tornam-se obcecados em revisar o que houve de errado no casamento e o que poderia ter acontecido “se...” A nossa interpretação é que eles, os separados, apresentam um quadro de fixação em situações, fatos e acusações que levaram ao divórcio, reforçando e cultivando dentro de si um nível de estresse elevado, conseqüentemente, criando dificuldades na realização de atividades, o que promove o desequilíbrio emocional.

Os sentimentos podem variar de acordo com os papéis que foram assumidos, pelos ex-cônjuges, durante o divórcio. Na mesma linha de raciocínio de Kaslow e Schwartz, Maldonado (2000) afirma que a dor de quem é deixado é diferente da dor de quem deixa. No primeiro caso, a humilhação do pedido de volta se junta à desesperança de ser aceito, essa recusa traz a descrença de uma reconstrução; no segundo caso, falta credibilidade nas promessas de mudança, causando frustração.

Então, quando um dos ex-cônjuges ocupa a posição de “abandonado” na relação, surge o desejo de superar esse momento de dor e solidão, podendo haver uma busca intensa por outro companheiro para substituí-lo, ambicionando uma relação amorosa seguinte, capaz de promover a superação desse período de tristeza. O desejar essa substituição da pessoa que lhe rejeita, pode ser entendida como uma proteção contra a solidão e o abandono provocados pela ruptura conjugal. “Não consegue identificar suas verdades íntimas e nem enunciar através da linguagem aquilo que os assemelha ou diferencia e aproxima ou afasta, de modo a favorecer o entendimento, o amor mútuo e resolução de conflitos” (Anton, 2001, p. 255), o que acarreta a ausência de uma estrutura que possa servir de base para uma relação onde se sabe ser amado e amar, permitindo o cuidar de si e da relação a dois. Para um melhor entendimento, dialogamos com Anton (2011, p. 255), que nos diz que alguns relacionamentos tornam-se facilmente

vulneráveis e passíveis de fim, quando os parceiros “têm olhos e ouvidos só para si mesmos ou, pelo contrário, depositam seus anseios em que se mostra incapaz de corresponder”. Esses comportamentos se tornam presentes, ao passo que as necessidades do companheiro não são consideradas.

Para Ramos (2003), os matrimônios são recheados de cobranças. A autora chega a dizer que “é um fenômeno característico dos casais contemporâneos: os parceiros “se cobram” muito; quem recebe sente que recebe pouco, e quem dá acha sempre que dá demais” (p.63). Assim, desejar a proteção, o apoio, o reconhecimento e a atenção, parece uma sobrecarga ao parceiro que se confronta com a pouca disponibilidade para doar-se mais ao invés de exigir menos.

Há um fator, após o rompimento amoroso, que deve ser ressaltado. Em algumas situações, os sentimentos que se apresentam com a ruptura são de liberdade, felicidade e alívio. Contudo, Porchat (1992) nos alerta que, mesmo experienciando essas sensações contrárias à dor e ao sofrimento, não se sai imune de uma separação conjugal. Há vibrações conflitantes e opostas entre o alívio e o desespero; o rompimento sempre é uma situação de dor e afetação emocional independente de quem toma a iniciativa ou de quem somente sofre a ação de desvinculação. Há sempre uma comunicação entre os sentimentos de liberdade e outros sentimentos. Segundo Porchat (1992, p.104):

Seja porque a pessoa foi deixada, seja porque é ela quem deixa, amor, ódio, culpa, tristeza, medo, solidão, sensação de abandono, sentimento de fracasso, desorientação, quadros de estresse emocional e físico podem constituir a vida dessas pessoas por longo tempo.

Maldonado (2000) também faz referência a esse momento como sendo mais difícil para quem toma a decisão, podendo provocar sentimentos difusos de alívio e euforia, ao passo que se faz presente também a culpa e a tristeza, pois é possível que as boas lembranças venham a emergir com o caminhar da desvinculação. Esses sentimentos citados primeiramente, não deixam de tornar a experiência de uma separação menos dolorosa e mais fácil.

2.2 O luto decorrente da separação

O luto por separação representa a morte do amado dentro de si, quando este ainda vive. Então é o morrer apenas para o indivíduo abandonado que vê seus vínculos afetivos antes estabelecidos, sendo descartados, ou seja, rompidos sem um possível retorno. Kovács (1992, p.154) nos fala que a perda por separação requer uma elaboração contínua no processo de desenvolvimento humano, já que perdemos figuras significativas (parentais, amores, filhos, amigos) no transcorrer da vida, considerando essa perda uma morte “consciente, ou morte vivida”. A autora, ao explicar sobre a morte como perda de sentimentos que envolvem relações entre pessoas, nos diz:

A morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nesta representação de morte estão envolvidas duas pessoas: uma que é “perdida” e a outra que lamenta esta falta, um pedaço de si que se foi. O outro é em parte internalizado nas memórias e lembranças, na situação de luto elaborado. A morte como perda evoca sentimentos fortes, pode ser então chamada de “morte sentimento” e é vivida por todos nós (Kovács, 1992, p.154).

A fim de compreender o processo de luto que uma pessoa apresenta ao perder uma figura significativa em sua vida, por separação conjugal, recorremos a Worden (1998), quando nos apresenta características de pessoas enlutadas, por morte. Para esse autor, os comportamentos desenvolvidos são descritos em quatro categorias: 1) sentimentos de tristeza, raiva, culpa e autorrecriminação, ansiedade, solidão, fadiga, desamparo, choque, anseios, emancipação, alívio e estarrecimento; 2) quanto às sensações físicas, identificou um vazio no estômago, aperto no peito, nó na garganta, hipersensibilidade ao barulho, falta de ar, fraqueza muscular, falta de energia, boca seca e sensação de despersonalização; 3) no que se refere aos padrões de cognição encontraram uma descrença, confusão mental, preocupação, sensação de presença e alucinações; 4) por fim, ao analisar os comportamentos se fizeram presentes distúrbios de sono e de apetite, isolamento social, esquecimentos, hiperatividade, choro, visitaçao a lugares que remetem a pessoa perdida e valorização de objetos que pertenciam ao sujeito que se foi. Por analogia, nós diríamos que o mesmo quadro se aplicaria aos casos de perda por separação.

Continuando com a analogia entre luto por morte e luto por separação, consideramos que as fases do luto descritas por Kubler-Ross (2008) se aplicam a ambos os casos. Senão vejamos: *a negação* se faz presente em muitos sujeitos na fase inicial, do luto e da separação. Esse comportamento funciona como uma barreira, favorecendo a recuperação do sujeito, que vai movimentar outras medidas menos radicais para enfrentar essa decisão. É uma defesa temporária sendo substituída logo por uma aceitação parcial; a segunda fase é a de *raiva*, revolta e ressentimento, sendo um momento difícil para a convivência do enlutado com o social, já que, na tentativa de reverter a situação, utiliza-se de comportamentos repletos de expressões agressivas e de revolta, na tentativa de ir de encontro a atual situação. A terceira fase seria a *barganha*, sendo uma tentativa de adiamento da sentença já decretada. Nesta fase, o enlutado busca ajuda de seres com poderes diferenciados (deuses, cartomantes, trabalhos espirituais - busca religiosa) como solução desesperada para ter o seu desejo atendido. Em seguida, vem a fase de *depressão*, quando o indivíduo já não pode mais negar a situação e é forçado a se submeter às imposições da circunstância, ficando debilitado e experienciando os sintomas da depressão; e, por fim, a fase de *aceitação*, o sujeito que chegar a essa etapa, terá podido externar seus sentimentos. É como se a dor tivesse desaparecido e a luta tivesse cessado. Esta última fase sinaliza que o luto foi vivenciado e, no caso da separação, o homem ou a mulher sente-se fortalecido para recomeçar sua vida sem o outro. Em relação ao luto não completado Worden (1998, p.22) diz que “Tarefas de luto não concluídas podem prejudicar o crescimento e o desenvolvimento futuros”.

Tal qual o luto por morte, alguns casais, ao separar-se, entram em processo de negação da dor provocada pelo desenlace. Só no futuro, passam a reagir intensamente à perda vivenciada no passado. Esse fato é o que se denomina de *luto tardio*. O luto tardio pode ser entendido como uma reação emocional retardada à perda sofrida há algum tempo. O separado, na época da perda, não demonstra sintomas de luto, ou os vive em pequena intensidade. Posteriormente, apresenta sentimentos exacerbados, sendo considerados inadequados para a situação que vive no momento (Worden, 1998).

2.3 Possíveis fatores provocadores das desvinculações matrimoniais

A infidelidade é considerada um provocador para as separações conjugais. Féres-Carneiro (2003) constatou em suas pesquisas que a traição masculina é, para as mulheres, um grande motivador das decisões de separações. A autora relaciona essas relações extraconjugais

como um meio para ostentação da masculinidade tão valorizada na sociedade. Mas, essa infidelidade pode ter outro significado. Segundo Prado:

As relações extraconjugais frutificam nos espaços dos desencontros, dos conflitos, dos distanciamentos ou das insatisfações conjugais e perduram em função da incapacidade de os cônjuges enfrentarem suas dificuldades e resolverem seus relacionamentos por meio do diálogo construtivo” (2009, p.402).

Ao refletirmos sobre outros possíveis provocadores das desvinculações matrimoniais, vemos, através da literatura, a presença da violência, seja ela física ou psicológica. Falcke e Wagner (2011, p.154) dizem que “há uma carência de iniciativas e propostas que deem conta de ajudar os casais a superar suas crises e romper com o ciclo de estratégias, muitas vezes violentas e ineficazes, que tendem a utilizar repetidamente na sua vida cotidiana”. O que se percebe é que, quando a intervenção acontece, visa apenas a resolver a violência conjugal, desconsiderando o contexto em que acontece, punindo o agressor e libertando o agredido, não levando em consideração que se trata de um evento multifacetado e emaranhado, merecedor de um olhar mais apurado.

Ao tratar da violência psicológica, Diniz (2011) esclarece que essa opressão é mais frequente nas mulheres. Elas são o alvo principal e constante dessa violência doméstica, que está presente em todas as culturas e níveis socioeconômicos, visto que o modelo patriarcal tão difundido é o grande motivador dessas situações de violência de gênero. Ao passo que a mulher conquista espaços em áreas ocupadas até pouco tempo apenas por homens, afastando-se de papéis que lhe foram atribuídos durante muito tempo (procriação, educação dos filhos e mantenedora da ordem), os conflitos são intensificados provocando as agressões. “O modelo de família tradicional, caracterizada por uma divisão clara de papéis ente homens e mulheres foi mitificado como modelo ideal de relacionamento, ao ser associado com adjetivos como *normal*” (Diniz, 2011, p.15). É frente a essas mudanças nos papéis sociais de homens e mulheres, que há um desencadeamento de comportamentos violentos, entendendo que o gerador da violência é a difícil negociação desses novos arranjos do casamento e da família frente aos antigos, visto que o estabelecimento de uma conjugalidade satisfatória é obtido a partir de um funcionamento conjugal de qualidade.

Uma peça central para o entendimento dos impactos causados pelo divórcio na vida dos indivíduos são as tentativas de manutenção do casamento antes da consolidação do seu término.

Geralmente essas tentativas de ajustes e alternativas que viabilizem o matrimônio são tomadas pelas mulheres, entretanto a falta de êxito leva os cônjuges a desistirem da união.

Outro ponto relevante são os filhos. A exposição do término do relacionamento para esses filhos deve ser feita com clareza, buscando escutá-los e valorizando suas percepções acerca desse momento delicado, dos transtornos e sofrimento impostos pelas mudanças físicas e emocionais que o divórcio acarreta. Costa (2000) nos alerta para o fato de que não escutar esses filhos, pode ser fator essencial nas possíveis sequelas psicológicas advindas do rompimento. Muitos pais buscam em seus filhos uma forma de barganhar a permanente vinculação com o ex-cônjuge, por meio das visitas, da pensão alimentícia, da saúde do filho, ameaçando com essa postura, a integridade emocional destes.

Nos últimos anos, os meios tecnológicos têm invadido a vida conjugal. Os celulares, computadores, internet, redes sociais, todos esses são instrumentos que desafiam a comunicação do casal, interferindo na rotina diária e nas suas atividades de lazer. A dificuldade entre manter o distanciamento entre o trabalho e a família, as maneiras estabelecidas de interação entre pais e filhos, os significados e as formas de vivenciar seu tempo, sua privacidade têm impactado a convivência familiar provocando discórdia e barreiras nas interações.

Outro fator provocador de desenlace matrimonial é aquele causado por componentes culturais divergentes, tal como ocorre nos casamentos interculturais. Perel (2002) reforça esta nossa tese quando nos alerta que casais interculturais podem sofrer conflitos devido aos componentes das culturas que cada um traz consigo.

2.4 Impactos da separação na saúde dos indivíduos

Vimos no decorrer do nosso estudo que a ruptura de um casamento pode ocasionar emoções que levam os recém-divorciados a sofrerem interferências em sua saúde. Essas influências, por sua vez, podem ser negativas ou positivas, já que sabemos que cada ser humano percebe e sente, de maneira singular, as transformações e os impactos afetivos de uma separação. Enquanto algumas pessoas enfrentarão esse processo de mudança visando à busca por soluções, haverá pessoas que serão afetadas negativamente de tal maneira que se sentirão incapacitadas de retomar, saudavelmente, a sua vida. Elas poderão desenvolver doenças a partir do sofrimento vivenciado, em sinal de resposta ao deslanche matrimonial.

A reação emocional do divorciado dependerá de suas características de personalidade. Ela poderá ocorrer logo após a desvinculação, ou vir a surgir depois de um certo tempo. Neste

caso, é considerada retardada, visto que os sentimentos de luto são intensos para a situação atual vivenciada pelo separado.

2.5 Resignificação da identidade individual

Com o matrimônio, há uma transformação da individualidade em um “nós conjugal”. Torres (2003, p.139) nos fala que “o casamento constitui-se um processo produtor de dinâmicas e constrangimentos específicos”. Essas dinâmicas e constrangimentos específicos às quais se refere são as adaptações que se farão necessárias para a criação de um projeto conjugal que inclui não apenas sentimentos, mudanças e incorporações de papéis sociais, reprodução/sexualidade, maternidade e paternidade (parentalidade), mas também, sentidos existenciais e a inserção social em grupos específicos (adultos, casados, pais, etc) determinados culturalmente. O plano conjugal constrói uma realidade onde o casal passa a produzir uma visão do mundo e das pessoas como se fosse uma “voz coletiva”, ambos pensando e percebendo de maneira sintonizada. Esse sentimento de pertencimento é abordado por Giddens (1991 citado por Torres, 2003, p.137):

Através da relação com o outro significativo obtenho recompensa e gratificação pessoal, construo uma maneira de ver o mundo e de me ver enquanto indivíduo. Através dessa relação posso ainda ter um estatuto, dar sinais do meu pertencimento ao grupo, cumprindo assim aspectos importantes para minha identidade social.

Bucher-Maluscke (2003, p.301) ao trabalhar as relações conjugais, diz-nos que uma relação a dois envolve pessoas, com histórias de vida pessoal diferentes, que visam a encontrar-se em um ponto comum, com suas “subjetividades, visando a formar um vínculo permanente, durável e que lhes transcende no nível individual”. A autora acredita que tudo só será possível se houver uma aceitação mútua e de cumplicidade. Dessa forma, pode-se estabelecer uma conjugalidade, “construção de um mundo compartilhado por duas pessoas num determinado espaço no qual *eu* e *tu*, sem perder sua especificidade, se transformam num *nós*” (p.302). Diante disso, podemos afirmar que existem fatores que contribuem para a manutenção do “nós conjugal”. Seriam eles:

- Um projeto de vida a dois

Vemos que os projetos conjugais que se revelam sólidos e consistentes resistem às crises mais facilmente, superando-as e obtendo a resolução para os problemas que emergem na relação a dois. Estes são desenvolvidos por meio da habilidade desse casal visto que visam a os objetivos conjugais. No entanto, quando não há projetos conjugais que possam fortalecer essa união, temos a fragilidade do matrimônio. Féres-Carneiro (2003) diz que os cônjuges não se separam por desqualificar o casamento, mas porque o valorizam tanto que não admitem que este não satisfaça as expectativas lançadas sobre ele. Segundo a autora “o divórcio reflete uma exacerbada exigência dos cônjuges” (2003, p. 368). Essa exigência ocorre quando os sujeitos não conseguem entender que a união conjugal acontece quando o casal “se organiza a partir de fatores tais como afetividade, a sexualidade, o respeito e a valorização mútua de um para com o outro, a demarcação dos espaços intrapessoais de cada cônjuge, o equilíbrio da complementariedade no casal” (Bucher, 1996, p.59). O que nos é revelado com isso é que projetos conjugais frágeis geram o divórcio, e facilitam a retomada da identidade individual, já que, de certa forma, predominava frente à identidade conjugal, nesse matrimônio. “Nessas situações observamos a luta pela manutenção da individualidade de um ou do outro, com cada um buscando uma total autonomia, que leva a anulação de um “nós conjugal” (Bucher, 1996, p.60).

- Dependência financeira de um dos cônjuges

Ao abordarmos o fator financeiro identificamos que a ausência de uma independência econômica pode contribuir para a manutenção da união conjugal, pois dificulta uma possível retomada da identidade individual após uma separação. Contudo, também pode gerar conflitos, visto que atualmente há um forte incentivo para o sucesso individual, sendo essa pressão tanto nas mulheres quanto nos homens. Vejamos o que nos diz Rossi (2003, p.97): “Hoje as coisas são diferentes. Um homem ou uma mulher, quando casa, geralmente já tem uma vida independente e autônoma, tem sua carreira profissional, seus bens pessoais e atividades que mantém inalterados após a união”.

O que se entende é que a dependência financeira pode ser fruto de uma ausência de investimento profissional. Supomos que a construção dos planos conjugais possa interferir, em alguns casos, promovendo uma apatia na construção de planos individuais. Ziviani nos fala dessa dualidade:

Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona de comum interação, de uma identidade conjugal. Assim o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais (2010, p.84).

Rossi (2003) nos alerta para as consequências dessas relações amorosas: “O fracasso promovido pela expectativa de viver sem frustrações e a carência gerada pela mercantilização das relações são prováveis componentes de sentimentos, tão frequentes em nosso mundo, como solidão, falta de sentido para vida, tédio e depressão” (2003, p. 93).

Com a desvinculação, há uma saída do “nós conjugal” para a retomada da identidade individual. Tomamos, neste trabalho, identidade individual como sendo um processo de subjetivação, em que se apresentam mudanças individuais significativas, ou seja, experiência de si que permitem o encontro consigo mesmo. A identidade individual de que tratamos diz respeito à possibilidade de o indivíduo constituir-se como ser autônomo satisfazendo suas necessidades de crescimento e desenvolvimento, sob ideais e contextos individualistas que estimulam a realização dos seus projetos e desejos (Singly citado por Féres-Carneiro, 1998). Como buscamos focar a ressignificação dessa identidade individual a partir do divórcio, entendemos que para que os sujeitos possam atingir esse estágio de subjetivação se faz necessário desconstruir as identidades conjugais estabelecidas no matrimônio. Esse momento, pode ser um processo lento e conflituoso, entretanto relevante para uma re-significação de suas identidades individuais.

A compreensão da individualidade, neste estudo, se faz necessária para que possamos entender como o projeto conjugal se instala, e em que momento esse “eu” passa a ser “nós”. Embora não tendo a pretensão de esgotar o tema em questão, desejamos um melhor entendimento o explanando. Assim, entendemos que a individualidade se constitui segundo o dicionário Aurélio (2013, s/p), “é o que constitui ou caracteriza o indivíduo”, nesse sentido seria o modo singular que o homem vivencia, compreende, se comunica e, é acessado. Na psicologia, de acordo com Erikson, a identidade é “uma concepção coerente do self, composta por metas, valores e crenças com os quais a pessoa está solidamente comprometida” (citado por Papalia, Olds & Feldman, 2010, p.437).

Koury (2010, s/p), ao estudar estilos de vida e individualidade, chama-nos a atenção, dizendo que:

Os iguais ou semelhantes em um tempo e espaço singular, no momento de perseguição de um projeto, podiam tornar-se adiante em dessemelhantes e diferentes, quando abafados ou oprimidos pelas normas do grupo ou instituição que ajudaram a soerguer, e se conformavam ou buscavam novos espaços para exercitarem a própria liberdade e diferenciação que já não mais viam e sentiam no grupo de que faziam parte. Originando apatias e anomia ou críticas, rupturas, coerções e afastamentos, resultando ou não em novos projetos ou ações projetivas para uma nova inserção social.

É essa busca por novos projetos que insere os recém-divorciados em novos e diferentes contextos sociais, econômicos e emocionais, que desejamos enfatizar. Segundo Féres-Carneiro (2003), o que deve ser levado em consideração nessa nova fase onde se busca fazer um regaste de si mesmo ou uma ressignificação da sua própria identidade é que, com a separação, surge a oportunidade de desenvolver novos enfoques de si mesmo e a possibilidade de criação de novos projetos existenciais.

Assim, possuir a compreensão de si, reconhecendo habilidades e dificuldades, acaba por demonstrar sua singularidade e sua importância dentre os outros. É ser individual, sem ser egocêntrico, é possibilitar o crescimento e amadurecimento de si no mundo. Giddens, nos fala dessa intimidade que devemos ter conosco, quando diz: “ser autônomo e independente também é necessário para o crescimento do indivíduo; ser independente é respeitar a si e ao outro, é saber se relacionar com os demais e se desenvolver na relação com o outro” (1993, p.87).

Costa (2005, p.57) ao citar Costa considera que a forma que escolhemos para nos individualizar ou entendermos conscientemente a nossa identidade individual, está muito atrelada aos nossos ideais de vida. Assim nos tornamos sujeitos por meio das “identificações, condutas, sentimentos, desejos e crenças, que introjetamos no processo de aprendizado da língua e dos modelos de comportamentos recomendados”. Dessa forma a identidade subjetiva que criamos de nós mesmos, segundo essa autora, não pode ser dissociada da imagem do mundo que constituímos.

Ao se vivenciar o processo de ruptura, alguns sujeitos não conseguem estabelecer uma relação amigável com o seu ex-companheiro, demonstrando a falta de superação da perda ou da

existência dessa perda atualmente de forma intensa e profunda. É o que nos aponta Bucher (1996, p.60), quando fala que, em alguns casos, o projeto conjugal está tão “petrificado” que absorveu as individualidades até que um dos sujeitos consiga desconstruir essa estrutura rígida. Todavia, pode-se encarar esse momento de forma contrária, quando já há a superação do momento de dor e a angústia dá lugar à amizade, é o que nos mostra Kaslow e Schwartz (1995). Elas afirmam que, com alguns casais jovens, pode acontecer um contato bastante amigável, geralmente em casos de casamentos que tiveram uma duração curta, nos anos posteriores ao divórcio, em geral, mantém o respeito e o gostar um do outro, contudo não suficiente o bastante para manter o casamento, apenas a amizade.

Um bom apoio nesse momento de desvinculação é a busca por um suporte psicológico. Em muitos casos há inexistência desse auxílio, quando esse aparato pode oferecer uma maior consolidação de sua decisão, nos alertam Kaslow e Schwartz (1995). Elas acreditam que os cônjuges que decidem pela separação, e buscam esse auxílio podem viver essa fase com maior preparação, deixando de experienciar sentimentos negativos de fracasso, impotência e humilhação, contudo os sujeitos que sofrem a rejeição podem tentar negar a desvinculação, percebendo-a como causadora de sofrimento e desejando que não seja real.

Quando investigamos a separação, sua incidência e suas consequências, conseguimos destacar claramente que muitos percursos vivenciados pelos sujeitos estão diretamente relacionados com sua trajetória familiar. Baptista, Cardoso e Gomes (2012) afirmam que muitos comportamentos e regras sociais que expressamos no nosso cotidiano são apreendidos no seio familiar. Eles acreditam que os valores comunicados pela família não estão reduzidos apenas à família nuclear, essas transmissões ultrapassam as gerações, tornando-se um legado intergeracional. O primordial nessas trocas é a qualidade dessas interações afetivas. Elas contribuirão na comunicação desse conhecimento e nas diversas maneiras desenvolvidas para a socialização coletiva, favorecendo os integrantes da família a se capacitar e criar estratégias para o enfrentamento e resolução dos conflitos no transcorrer da vida. Corroborando com essa perspectiva, Neto, Strey, Magalhães (2011, p. 41) dizem que: “a coexistência de valores e padrões tradicionais e atuais se desdobra em mudanças na maneira como as pessoas se relacionam”.

Tomando como base o referencial teórico até aqui apresentado, passaremos à segunda etapa da dissertação. Dessa forma, após a apresentação do método, nos direcionaremos aos depoimentos colhidos dos participantes da pesquisa.

CAPÍTULO III

Destruição

“Os amantes se amam cruelmente e com se amarem tanto não se vêem. Um se beija no outro, refletido. Dois amantes que são? Dois inimigos. Amantes são meninos estragados pelo mimo de amar: e não percebem quanto se pulverizam no enlaçar-se, e como o que era mundo volve a nada. Nada. Ninguém. Amor, puro fantasma que os passeia de leve, assim a cobra se imprime na lembrança de seu trilho. E eles quedam mordidos para sempre. Deixaram de existir, mas o existido continua a doer eternamente”.

Carlos Drummond de Andrade

3. MÉTODO

Esta pesquisa apresenta como característica o caráter descritivo exploratório e seguiu o desenho das pesquisas de natureza qualitativa, ou seja, “busca interpretar o que as pessoas dizem sobre o fenômeno e o que fazem ou como lidam com ele” (Turato, 2008, p 362).

As investigações que têm como seu objeto situações complexas ou estritamente particulares utilizam essa metodologia, pois podem descrever, verificando a complexidade de um fato; analisando a influência de certas variáveis; compreendendo-as e considerando-as nos processos dinâmicos vivenciados pelos grupos sociais; como também, identificar como essas situações podem contribuir nos processos de mudanças, em maior ou menor grau, entendendo assim, as particularidades dos comportamentos dos sujeitos em estudo (Richardson, 1999).

Assim, teve como objetivo geral compreender os sentimentos que emergem em homens e mulheres, quando, ao se divorciarem, perdem o vínculo conjugal. Frente a essa contextualização, tomou-se como objetivos específicos identificar as características do luto vivenciado no decorrer do processo da separação; as emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados; as influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde dos participantes; e as repercussões da separação na ressignificação da identidade individual.

Segundo Minayo (2010) o método tem a função de tornar aceitável a realidade investigada a partir das perguntas feitas pelo investigador. Isso pressupõe deixar sair das sombras as questões de significados e intencionalidade dos estudos de natureza social.

Ao descrevermos o método, declaramos como vamos inferir ativamente na história dos protagonistas dessa investigação, afetando, a partir de suas falas, os contextos e as biografias de vida que cada participante traz, em busca da compreensão desses sentidos que revelaram o material para nossa análise. É a qualidade dessas informações e a comparação das significações conferidas aos conceitos, em especial no seu processo de construção, em nível de elaboração ao destacar os temas e na maneira como se apoia na temporalidade e nas características gerais do sujeito, que o pesquisador deve estar atento, acompanhando essas diversificadas dimensões no curso do processo construtivo e interpretativo que demonstrará a sua postura no decorrer do desenvolvimento de uma pesquisa científica (Rey, 2010).

3.1 O locus da pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, região composta de cerca de 1.555.039 pessoas, contendo uma população de 48.124 divorciados. Observando os dados do IBGE, constatamos que a taxa nacional de divórcio, em 2011, chegou a 351.153, superando a de 2010 que tinha sido o maior índice desde o início das investigações estatísticas do registro civil que começou no ano de 1984. Foram totalizados 2,6 divórcios para cada mil pessoas de 15 anos ou mais, em 2011, 45,6% a mais que em 2010. O ano de 2011 foi o primeiro no qual as novas regras do divórcio foram observadas ao longo de todo o período, mostrando o impacto das alterações sobre a dissolução dos casamentos. As separações totalizaram, em 2010, 67.623 processos ou escrituras, em função disso o número de separações caiu para 7.774, em 2011, no Brasil.

3.2 Participantes

Participaram desta pesquisa três homens e quatro mulheres divorciados. O critério de inclusão foi residir na cidade do Recife e/ou região metropolitana e ter, no mínimo, dois anos de divórcio. Não foram considerados o nível socioeconômico, a escolaridade, a idade e a religião.

O número de participantes foi determinado posteriormente apoiado em Turato (2003, p359) quando diz: “devemos ter em mente que para o pesquisador qualitativista não cabe raciocinar como um apriorista, isto é, como quem detém afirmações ou conhecimentos anteriores à experiência”. Desse modo, a quantidade foi por saturação, o que quer dizer que o número de participantes será considerado fechado quando “novas entrevistas passarem a apresentar uma quantidade de repetições em seu conteúdo” (Turato, 2003, p 363).

O critério para a escolha dos participantes foi do tipo proposital, também denominado de intencional ou deliberado. Para Turato (2008, p 357) “o autor do projeto delibera quem são os sujeitos que comporão seu estudo, segundo seus pressupostos de trabalho, ficando livre para escolher entre aqueles cujas características pessoais (dados de identificação biopsicossocial) possam, em sua visão enquanto pesquisador, trazer informações substanciais sobre o assunto em pauta”.

As pessoas entrevistadas são de sexo, idade, religião, escolaridade e contextos socioeconômicos diversos, todas residentes na cidade do Recife. Para preservação e sigilo das identidades originais de cada participante, substituímos seus nomes reais por nomes fictícios.

Para favorecer uma visualização adequada dos integrantes dessa pesquisa, no Quadro I, descrevemos os seus dados sócios demográficos.

QUADRO I - Dados sócio demográficos dos participantes

NOME FICTÍCIO	IDADE	PROFISSÃO/ ESCOLARIDADE	DURAÇÃO DO CASAMENTO	TEMPO DE SEPARADO (A)	QUANTIDADE DE FILHOS
Ana	30 anos	Nutricionista / superior completo	7 meses	2 anos	Sem filhos
Jacqueline	47 anos	Professora universitária / Doutorado	14 anos	10 anos	2 filhos
Priscilla	49 anos	Vendedora/ Segundo grau completo	9 anos	5 anos	2 filhos
Renata	58 anos	Do lar/ Ensino fundamental	15 anos	10 anos	3 filhos
Marcelo	31 anos	Engenheiro/ Mestrado	3 anos	9 anos	Sem filhos
Carlos	61 anos	Táxiista/ Ensino médio	18 anos	5 anos	2 filhos
João	28 anos	Professor / Superior completo	4 anos	2 anos	1 filho

3.3 Instrumento de coleta dos dados

O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, com questões abertas relativas às emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-divorciados, com perguntas referentes aos aspectos da vida anterior e posterior à separação, permitindo a verificação de atitudes, valores e opiniões do envolvido com a questão do divórcio. Os temas foram abordados a partir de um roteiro temático (Apêndice C), no entanto a ordem dos tópicos explorados foi determinada pelo caminhar da entrevista, assemelhando-se a uma conversa com finalidade, como nos aponta Minayo (2010).

Segundo Trivinos (1987) é a partir de certos questionamentos básicos, apoiados em toda informação teórica e prática que o investigador coletou sobre o fenômeno social em questão, que vão surgindo interrogativas. Estas são consequências das novas hipóteses, ou seja, respostas aos dados apresentados pelo entrevistado. Assim, o informante espontaneamente coloca suas experiências e seus posicionamentos dentro do tema central apresentado pelo investigador, tornando-se participante ativo na elaboração do conteúdo de pesquisa.

Assim, é por meio da entrevista que uma comunicação se estabelece em um trabalho de campo, que visa à coleta de informações para um estudo científico, sendo considerada uma conversa onde dois ou vários interlocutores, com a iniciativa do entrevistador, constroem subsídios pertinentes para um objeto de pesquisa (Minayo, 2010). Dessa forma, com a utilização da entrevista semiestruturada nos foi permitido que o entrevistado discorresse sobre o tema sem estar preso a um roteiro rígido.

Durante a entrevista com os participantes foi possível alcançar o que Minayo denomina de informações “subjetivas” que só podem ser conseguidas com a contribuição da pessoa: “Constituem uma representação da realidade: idéias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos” (2010, p 262).

Por isso considera-se a entrevista como uma forma de interação social que está à mercê da mesma dinâmica da sociedade no estabelecimento de suas relações. O entrevistador deve levar em consideração as omissões, as relações, as práticas e as cumplicidades que estes presentes no cotidiano (Minayo, 2010).

3.4 Procedimento ético para a coleta dos dados

Investigar significa responsabilizar o pesquisador enquanto utiliza suas técnicas em busca de descobertas, que embora ambicione a promoção e o avanço da ciência, há também a obrigação permanente e necessária de proteger o bem-estar dos seus sujeitos investigados. Não se tratando apenas de responder suas inquietações, mas sim de ancorá-las na ética que lhes permite ser livres para participarem ou não; estar cientes do objetivo da pesquisa e seus destinos; ter seu respeito preservado, não sendo expostos a estresse físico ou mental; garantindo a manutenção de sua privacidade e, em alguns casos, quando houver a necessidade, remover os pós-efeitos prejudiciais da pesquisa (Selltiz, 1987).

A presente dissertação foi submetida à Banca de Avaliação de Projeto do Mestrado e ao Comitê de Ética em Pesquisa com humanos da UNICAP. Só após a sua aprovação, a

pesquisadora passou aos convites para participar da pesquisa. A partir deste primeiro contato com os participantes foram marcados as datas e os horários convenientes para a realização da entrevista. Nesse dia, assim que a pessoa convidada aceitava participar, era assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

3.5 Procedimento para a coleta dos dados

As entrevistas foram individuais e realizadas em ambiente adequado e cômodo ao entrevistado. Foram gravadas (com autorização do participante), tendo a duração média de 40 minutos. Em seguida, as entrevistas foram transcritas textualmente, tendo sido mantido o máximo de fidelidade com relação ao que foi dito e expresso, para posterior análise.

A conversa aconteceu a partir de um roteiro prévio, porém possibilitando ao sujeito liberdade para narrar sua história. Em alguns momentos, quando necessário, ocorria uma interferência da pesquisadora com temas que eram concernentes ao roteiro da entrevista.

3.6 Procedimentos para a análise dos dados

Os dados colhidos após as entrevistas foram analisados a partir da Análise de Conteúdo Temático, levando em consideração os objetivos da pesquisa. Esta análise busca extrair os significados temáticos ou significados lexicais, por meio dos elementos mais simples de um texto. Pressupõe, portanto, que um texto contém sentidos e significados, patentes e ocultos, que podem ser apreendidos por meio de um leitor que interpreta a mensagem contida nele por meio de técnicas sistemáticas apropriadas (Chizzotti, 2011, p114-115).

No entanto, esse tipo de análise não se restringe ao que está expresso no texto. Busca fazer uma leitura do contexto e de suas circunstâncias, indo além do dito e manifesto, observando as omissões, as palavras escolhidas intencionalmente, os termos ambíguos, ou seja, os significados subjacentes ao que o texto possui (Chizzotti, 2011).

Para a realização da análise, seguimos os passos apresentados por Minayo (2010): a *pré-análise*, que é a escolha dos documentos que serão analisados e o retorno às hipóteses e aos objetivos traçados inicialmente; a *exploração do material*, que consiste no momento classificatório objetivando alcançar o núcleo de compreensão do texto; e por fim, o *tratamento dos resultados obtidos e interpretação*, é o instante que os resultados passam, quando necessário, por operações estatísticas simples ou complexas que possibilitam destacar as informações relevantes obtidas.

A definição das unidades temáticas foi elaborada a priori, em função dos objetivos dessa pesquisa. Elegemos quatro unidades, sendo elas: 1. Características do luto; 2. Emoções e sentimentos mais frequentes; 3. Repercussões na saúde; 4. Repercussões na identidade individual.

Organizamos as unidades de sentido em forma de quadro, da seguinte maneira: definição, temas e verbalizações. A definição descreve um resumo dos conteúdos temáticos surgidos; os temas são as unidades de significação e os núcleos proporcionados pelos integrantes do estudo; e, por fim, as verbalizações, compostas das falas apresentadas pelos entrevistados que possibilitam a validação dos temas.

CAPÍTULO IV

“Amor é bicho instruído
Olha: o amor pulou o muro
o amor subiu na árvore
em tempo de se estrear.
Pronto, o amor se estrepou.
Daqui estou vendo o sangue
que escorre do corpo andrógino.
Essa ferida, meu bem
às vezes não sara nunca
às vezes sara amanhã”.

Carlos Drummond de Andrade

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA N.1 –

4.1 Ana: Nutricionista, 30 anos, separada há 2 anos, sem filhos.

Ana tem 30 anos, é nutricionista, no entanto nunca exerceu a função. Seu ex-marido foi seu único namorado. Eles se relacionaram por 11 anos até decidirem casar. O casamento durou poucos meses, não possuindo filhos dessa relação. Permanece sem trabalhar, apenas estudando para concurso. Quanto à sua vida amorosa, sente dificuldades para encontrar um novo parceiro, mesmo acreditando ser capaz de amar novamente.

“Depois de onze anos de espera, não teve tanta diferença, já a relação da gente era quase um casamento, era um namorado”!

Unidades de sentido

<u>Características do luto</u>	
Definição: Características do luto vivenciado no decorrer do processo de separação	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos logo após a separação	<p>“Ah, você fica super triste, né! A tristeza começa desde antes, é aquela coisa, realmente é isso da ficha cair pra você, é isso mesmo que está acontecendo!”</p> <p>“É um pesadelo em sua vida, entendeu! É uma tristeza que você diz: - Acabou, acabou!”</p>
Sentimentos atuais em relação à separação	<p>“Mesmo depois de dois anos e cinco meses a tristeza existe. Ainda existe a decepção, a mágoa, a ferida, o trauma existe, agora não como antes, como existia, porque o negócio vai adormecendo, ficando mais leve”.</p> <p>“Hoje quando eu tenho alguma noticia dele, mexe comigo, entendeu?”</p>

<u>Emoções e sentimentos</u>	
Definição: As emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Surpresa com o deslanche	“Foi uma surpresa, porque eu achava que era qualquer outra coisa, menos que ele estava, em outras palavras, apaixonado por outra mulher”.
Sentimentos de tortura, auto-destruição, decepção, mágoa, ferida e trauma	“Você escuta isso, você se destrói”. “Quando ele viajava para mim era uma tortura, ele dormia no alojamento e voltava no outro dia, era complicado tentar essa relação”. “É assim, era uma decepção muito grande, eu acho que a decepção e assim a raiva, raiva”.
Sentimentos dirigidos ao outro	“Raiva dele! De tão pouco de casado e ele não conseguir se sair dessa situação”. “Eu tive um sentimento de raiva e decepção, pronto! E depois veio a tristeza”.
Reações emocionais à separação	“Eu quero uma pessoa do meu lado! Porque ele tá com uma pessoa do lado dele”.
<u>Repercussões na saúde</u>	
Definição: As influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde dos participantes	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Melhorou a autoestima	“Por incrível que pareça eu acho que para melhor, minha autoestima valorizou”. “Até a questão psicológica eu acho que melhorei, acho que foi a chacoalhada que levei, você fica mais crítica em relação à sua vida, foi um impulso”. “Eu procurei me valorizar mais”.
Suporte familiar	“Eu tive o apoio da minha família, todo mundo me valorizando, aproximou mais a relação familiar”. “Você se sente mais acolhida e talvez suas carências até tenham sido supridas, o amor que você recebe de sua família”.

	“Parece contraditório, mas eu acho que por isso minha autoestima melhorou”.
Sentimento de vivacidade	“Você sente que você está viva, que você pode viver de novo, aquele sentimento bom que você vivia com outra pessoa”.
<u>Repercussão na identidade individual</u>	
Definição: As repercussões da separação na ressignificação da identidade individual	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Não havia uma identidade conjugal sólida	<p>“Sendo bem verdadeira eu não trabalhava então tudo financeiramente era dele, então quando eu fazia a proposta de ter nosso apartamento, nossa moradia, eu não via disposição da parte dele”.</p> <p>“Porque ele não queria comprar apartamento, a gente nunca falou de ter filhos, que é a continuidade de um casal, né!”</p> <p>“Quando um casal casa, já conversa sobre essas coisas. E eu não percebi muita mudança”.</p>
Sentimento de deslocamento	“É difícil, as primeiras saídas você se sente um peixe fora d’água, você já era acostumada a ter aquela pessoa ao seu lado”.
Dependência financeira	<p>“Em relação ao profissional continua o mesmo, porque eu nunca trabalhei, eu continuo na mesma vida estudando para concurso”.</p> <p>“Eu nunca fui independente financeiramente, e eu continuei estudando, na mesma vida”.</p>
Repercussões na vida social	“No profissional não teve mudança, mas no social sim, já tenho vínculo de amizade, já me sinto bem em sair sozinha”.

Reflexões sobre Ana

A primeira categoria temática se refere às características do luto vivenciadas no decorrer do processo de separação. A partir da análise realizada das verbalizações encontramos sentimentos de tristeza fortemente presentes. Vemos isso em sua fala: “Ah você fica super triste, né! A tristeza começa desde antes, é aquela coisa, realmente é isso, da ficha cair para

você, é isso mesmo que está acontecendo!”. Ela revela-nos que é um momento doloroso e intenso ao dizer: “É um pesadelo em sua vida, entendeu! É uma tristeza que você diz: - acabou, acabou!”.

Entendemos que mesmo após dois anos e cinco meses de rompimento afetivo os sentimentos atuais que Ana possui são de decepção e mágoa, considerando este um processo traumático que perdura, sendo comparado a uma ferida aberta, quando diz: “Mesmo depois de dois anos e cinco meses a tristeza existe. Ainda existe a decepção, a mágoa, a ferida, o trauma existe, agora não como antes, como existia, porque o negócio vai adormecendo, ficando mais leve”. Deixando claro que ainda é um acontecimento que o desestabiliza emocionalmente, “hoje quando tenho alguma notícia dele, mexe comigo”.

Esses sentimentos de tristeza e de desespero que envolve uma desvinculação são dolorosos para ambos os conjuges, até mesmo para aquele que tomou a decisão, já que houve um tempo em que ambos se gostaram e se comprometeram a ficar juntos para sempre. A separação pode ser sentida como uma admissão da impossibilidade de fazer o relacionamento dar certo, ou de ter feito a escolha errada do parceiro. No caso de Ana, separar-se é começar de novo e dessa vez sozinha; é abrir uma lacuna e partir sem aquele suporte de segurança que o ex-companheiro representou todos esses anos de construção da confiança. É estar vulnerável e, em alguns casos, isolada com a incerteza do futuro, tornando-se um momento assustador (Kaslow & Schwartz, 1995).

Verificamos que os sentimentos que a entrevistada possui pelo seu ex-marido não são de ódio, rancor ou perseguição, o que nos faz acreditar que há uma capacidade positiva de se desvincular. Alerta-nos Kaslow e Schwartz (1995, p.68-70) que “tanto os que tomam a iniciativa quanto os abandonados sofrem diversos tipos de angústia, mas se diferencia a natureza de seu sofrimento”, assim esclarece que “muitos dos cônjuges rejeitados ou abandonados tornam-se obcecados em revisar o que houve de errado no casamento e o que poderia ter acontecido “se...” Eles passam a remoer situações, fatos e acusações contribuindo para um alto nível de estresse, dificuldades nas atividades, promovendo o desequilíbrio emocional.

Ana admite que há um desejo imenso de encontrar outro companheiro para “substituir” o ex-marido, pretende o mais cedo possível engrenar em outra relação amorosa para superar esse momento de dor e solidão vivido e tem-se empenhado bastante para que isso aconteça brevemente. Isso é observado em Ana quando diz: “Eu quero uma pessoa do meu lado! Porque ele tá com uma pessoa do lado dele”.

Nos relacionamentos afetivos algumas pessoas buscam ser amadas passivamente, sem ter que retribuir, escutar, afagar, entender o seu companheiro, o que poderia ser considerado um narcisismo normal em uma criança, mas que passa a ser disfuncional em um adulto. Assim, Anton (2011, p. 255) nos diz que os relacionamentos tornam-se facilmente descartáveis quando os parceiros “têm olhos e ouvidos só para si mesmos ou, pelo contrário, depositam seus anseios em que se mostra incapaz de corresponder”. Isso acontece quando não se leva em conta a pessoa do outro suas necessidades e desejos, seus limites e qualidades. O desejo de Ana em substituir o lugar que era destinado a alguém que a rejeita pode ser analisado a partir da perspectiva de Anton (2011, p. 255) quando diz que o sujeito ferido teme a solidão e o abandono, “não consegue identificar suas verdades íntimas e nem enunciar através da linguagem aquilo que o assemelha ou diferencia e aproxima ou afasta, de modo a favorecer o entendimento, o amor mútuo e resolução de conflitos”. Dessa forma, Ana não chega a construir uma ligação consistente onde haja o desejo mútuo e seja desejada, podendo cuidar de si e da relação a dois.

No primeiro capítulo vimos que os casamentos trazem consigo uma carga de cobrança imensa já que se espera muito da relação e do parceiro. Deseja-se encontrar apoio, proteção, cuidados e reconhecimentos, tendo uma necessidade grande de receber que se defronta com a disponibilidade de pouco dar “é um fenômeno característico dos casais contemporâneos: os parceiros “se cobram” muito; quem recebe sente que recebe pouco, e quem dá acha sempre que dá demais” (Ramos, 2003, p.63).

Para que se estabeleça uma nova relação amorosa, tão desejada por Ana, é necessário “um mínimo de continência afetiva e de possibilidade de acolhimento da dor produzida, sem tentar minimizá-la disfarçá-la através do recalque ou da identificação projetiva” (Naffah Neto, 2003, p. 47).

No conteúdo da segunda unidade de sentido observamos a presença de sentimentos e emoções de autodestruição, tortura, decepção, tristeza, mágoa com o deslanche matrimonial quando ela diz: “você escutar isso te destrói” ou ainda “ quando ele viajava para mim era uma tortura, porque ele dormia no alojamento e voltava no outro dia, era complicado tentar essa relação”. Entendemos esse fluxo de sentimentos a partir da colocação de Hermann (2003, p.153) “a destruição do homem pelo homem é eticamente impensável, não porque não possa ocorrer, mas no sentido de, como premissa, inviabilizar qualquer pensamento racional” já que a destruição não levaria apenas o presente e o futuro consigo, mas também o passado o acúmulo de experiências anteriores tão importantes para dar sentido a um lógica e suas consequências. Dessa forma ele continua:

O mesmo suporte que mantém um casamento é o que o destrói. Certas idéias, como a de fidelidade e posse, a de perfeição da vida conjugal, a de superioridade \neg nossa, só nossa, só deste casal sobre o resto das relações do mundo \neg criam um espécie de chauvinismo matrimonial responsável tanto pela fidelidade, quanto pela infidelidade, tanto pela manutenção, quanto pela quebra das relações do casamento (2003, p.155).

Ana, diante da ruptura conjugal, vivenciou sentimentos negativos e destrutivos provenientes de uma sobrecarga afetiva frente à imagem do amor perdido, o que poderia caracterizar uma relação ainda muito carregada de afeto por parte dela já que para ela foi “uma decepção muito grande, eu acho que decepção e assim raiva, raiva”. Também demonstrou uma grande surpresa o que pode ter agravado os sentimentos acima mencionados “foi uma surpresa, porque eu achava que era qualquer outra coisa, menos que ele estava, em outras palavras, apaixonado por outra mulher”.

Em muitos estudos que abordam a conjugalidade e sua dissolução, a traição masculina aparece e é descrita nos discursos das mulheres e dos homens. Féres-Carneiro (2003) diz que as pesquisas realizadas em diversas culturas ressaltam que o homem trai mais que a mulher e que sua identidade masculina está diretamente relacionado à identidade sexual, assim “relacionamentos sexuais frequentes e numerosos com diferentes mulheres é, muitas vezes, um modo que os homens encontram de afirmação da sua masculinidade” (p.369).

Encontramos também sentimentos de raiva dirigidos ao ex-cônjuge por ter se permitido uma relação extra-conjugal “raiva dele! De tão pouco tempo de casado e ele não conseguir se sair dessa situação”; “Eu tive um sentimento de raiva e decepção, pronto! E depois veio a tristeza!” Essa verbalização de Ana expressa que quando não há uma comunicação adequada entre os cônjuges, a união pode se tornar apática e desvitalizada, gerando insatisfações em um dos parceiros ou em ambos, permanecendo nessa relação para cumprir compromissos morais ou por comodismo, pelos filhos ou pela dificuldade de enfrentar a dor e as perdas que a separação traz consigo. Concordamos com Prado (2009, p.402) quando diz que as “as relações extraconjugais frutificam-se nos espaços dos desencontros, dos conflitos, dos distanciamentos ou das insatisfações conjugais e perduram em função da incapacidade de os cônjuges enfrentarem suas dificuldades e resolverem seus relacionamentos por meio do diálogo construtivo”.

Quando adentramos a terceira unidade de sentido, constatamos que, mesmo frente à turbulência que uma dissolução matrimonial provoca, a entrevistada percebeu que sua autoestima aumentou, melhorando a aceitação de si, promovendo uma maior valorização enquanto sujeito, quando assinala que “Por incrível que pareça eu acho que para melhor, minha autoestima valorizou” e ainda “até a questão psicológica eu acho que melhorei, acho que foi a chaqualhada que levei, você fica mais crítica em relação à sua vida, foi um impulso”.

Essa vaidade presente no discurso de Ana “eu procurei me valorizar mais” reflete um sentimento de vivacidade que a ruptura trouxe, a necessidade de se sentir capaz de sobreviver a turbulência. Segundo Féres-Carneiro (1998) as mulheres se sentem muito mais capazes de absorver as mudanças, transformando-se em seres questionadores, adquirindo a habilidade de entrar em contato com seus próprios sentimentos.

Outro fator presente nessa unidade de sentido que deve ser ressaltado é o apoio familiar oferecido após a separação. Vemos na fala de Ana: “Eu tive o apoio da minha família, todo mundo me valorizando, aproximou mais a relação familiar” e ainda “Você se sente mais acolhida e talvez suas carências até tenham sido supridas, o amor que você recebe da sua família. Parece contraditório, mas eu acho que por isso minha autoestima melhorou.” Segundo Kaslow e Schwartz (1995) a adaptação à separação melhora no decorrer do tempo com o apoio de amigos, membros da família e colegas.

Quando focalizamos nossa quarta unidade de sentido, as repercussões da separação na ressignificação da identidade individual, deparamos-nos com o fato de que, no casamento de Ana, não havia uma identidade conjugal consolidada “Sendo bem verdadeira eu não trabalhava, então tudo financeiramente era dele, quando eu fazia a proposta de ter nosso apartamento, nossa moradia, eu não via disposição da parte dele”. A inexistência de planos futuros do casal era nítida e a incomodava: “Porque ele não queria comprar o apartamento, a gente nunca falou em ter filhos, que é a continuidade de um casal, né!”. “Quando um casal casa, já conversa sobre essas coisas e eu não percebia mudança.” Essa ausência de um plano conjugal reflete a fragilidade dessa relação e a insatisfação gerada. Podemos ver em Féres- Carneiro (2003) que os cônjuges não se separam por desqualificar o casamento, mas porque o valorizam tanto que não admitem que este não satisfaça as expectativas lançadas sobre ele. Segundo a autora “o divórcio reflete uma exacerbada exigência dos cônjuges” (p. 368).

Devemos pontuar que a falta de uma independência financeira foi fator de conflito entre o casal “Eu nunca fui independente financeiramente, e eu continuei estudando, na mesma vida”. Nos dias atuais há uma forte pressão para que a mulher seja tão bem sucedida profissionalmente quanto o homem. Segundo Rossi (2003, p.97) “hoje as coisas são diferentes.

Um homem ou uma mulher, quando casa, geralmente já tem uma vida independente e autônoma, tem sua carreira profissional, seus bens pessoais e atividades que mantém inalterados após a união”. Dessa maneira, é possível que essa falta de investimento profissional tenha refletido em uma apatia quanto à criação de um projeto conjugal. Acrescentam Féres-Carneiro e Ziviani:

Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona de comum interação, de uma identidade conjugal. Assim o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais (2010, p.84).

As interferências que a separação trouxe para a vida social de Ana foram sentidas por ela, no primeiro momento, como desagradáveis, desencadeando sentimentos de deslocamento: “As primeiras saídas você se sente um pato fora da água você já era acostumada a ter aquela pessoa ao seu lado”; entretanto em um segundo momento percebe-se que há uma adaptação a nova configuração amorosa, permitindo-se um novo recomeço, uma abertura as novas vinculações: “No profissional não teve mudança, mas no social sim, já tenho vínculos de amizade, já me sinto bem em sair sozinha”. Encontramos em Kaslow e Schwartz (1995, p 77) entendimento desse processo, “À medida que a vida vai se estabilizando e o indivíduo começa a se envolver na interação social e consegue se libertar da raiva e ou da culpa, pode começar a enfrentar o fato de estar sem o ex-cônjuge”. Os autores citados nos alertam que o tempo para que isso ocorra dependerá diretamente das características individuais de cada um, da resiliência e da perspectiva de encarar o futuro.

Para finalizar, nota-se, na fala de Ana complementos sobre a sua vida passada e presente que merecem análise.

1. A tomada de iniciativa por partes dos dois no momento da decisão da separação “Eu acho que partiu dos dois. Eu voltei porque ele veio atrás de mim e ele disse que estava preocupado com quem vinha me buscar, mas em nenhum momento ele disse não vá embora, quando eu disse que ia embora, ele ficou calado!”

2. A relação atual com o ex-cônjuge, “Não tenho nenhum contato com ele, de vez em quando eu tinha notícias nas redes sociais e isso não me fazia bem!” Essa fala de Ana vai de encontro ao que Kaslow e Schwartz (1995) acreditam que acometem casais jovens que tiveram

um casamento com uma duração curta, eles afirmam que, nesses casos, pode existir um contato bastante amigável nos anos posteriores ao divórcio, em geral, mantém o respeito e o gostar do outro, contudo não suficiente o bastante para manter o casamento, apenas a amizade.

3. A ausência de um profissional da psicologia para dar suporte nessa fase de transição foi destacada por Ana: “Quando eu toco nesse assunto eu vejo que não procurei nenhum profissional, que talvez me ajudaria, acho que é uma coisa mal resolvida”, ainda “ Não que eu não toque minha vida para frente, não que eu esteja remoendo o passado, não que eu tenha esperança no passado, pelo contrário já me senti desejada, mas acho que ainda está mal trabalhado isso”.

4. Por fim, o tema divórcio já havia sido acionado na família de Ana, em gerações anteriores o que nos remete que a transgeracionalidade era um fator forte nesse contexto que ela vivia. A mãe tinha vivenciado a separação do pai de Ana de maneira conturbada. Esse divórcio teria acontecido por uma suposta agressividade do pai de Ana devido a patologias psiquiátricas, e como a família era muito religiosa essa ruptura era vista com maus olhos, mesmo que justificada pela doença. No caso de Ana, essa problemática se perpetuava. Fechamos essa análise comungando com Neto, Strey e Magalhães (2011, p.41), “A coexistência de valores e padrões tradicionais e atuais se desdobra em mudanças na maneira como as pessoas se relacionam”.

ENTREVISTA N.2 –

4.2 Jacqueline: Professora universitária, 47anos, separada há 10 anos, dois filhos.

Jacqueline é uma professora universitária bem sucedida, que foi casada por 14 anos com um homem que não obtinha sucesso profissional, e com ele teve dois filhos. Com a ruptura conjugal, há 10 anos, sentiu-se livre e radiante, mantendo diversos relacionamentos amorosos de pouca duração e superficiais. Atualmente, não consegue estabelecer um vínculo mais duradouro, pois teme vivenciar novamente o fracasso do casamento.

“Renascendo, sabe! Eu estava diante da vida como se tivesse nascido naquele momento, como se eu não tivesse perdido todo aquele tempo”!

Unidades de sentido

<u>Características do luto</u>	
Definição: Características do luto vivenciado no decorrer do processo de separação	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos logo após a separação	<p>“Liberdade, ah foi o melhor sentimento, eu nunca fui tão feliz na minha vida do que naqueles primeiros anos da separação, nossa!”</p> <p>“Eu era outra pessoa, assim, você via no ar, na coisa, eu brilhava, assim, como eu era feliz, o sentimento de liberdade. A terapia me fez muito bem naquela época”.</p> <p>“Após a separação eu me senti livre, eu fiquei muito feliz, eu namorei bastante, eu saí, eu até, sei lá, uns quatro anos atrás, eu era muito virada”.</p>
Sentimentos atuais em relação à separação	<p>“Eu nunca repensei esse casamento não, nunca pensei sobre, parece que os quatorzes anos, seis meses e vinte nove dias sumiram da minha vida”.</p> <p>“Até hoje eu nunca repensei isso, nunca parei para olhar, para</p>

	<p>pensar, eu não lembro, assim apagou da mente, não tem como, é como se não tivesse existido”.</p> <p>“É como se tivesse perdido esse tempo da minha vida, como se tivesse perdido, hoje eu não enxergo nem como positivo, nem como negativo, simplesmente foi um tempo que teve que acontecer”.</p>
<u>Emoções e sentimentos</u>	
Definição: As emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
<p>Emoções contraditórias entre o equilíbrio e a instabilidade</p>	<p>“Eu acho que estava meio surtada, eu não senti nada na época, absolutamente nada, estava meio anestesiada, fazendo as coisas tudo muito dentro do que considerava como correto”.</p> <p>“Hoje avaliando o que aconteceu em 2003, vai fazer 10 anos agora no final do ano, eu devo ter sido muito fria para ele, muito cerebral, muito racional”.</p>
<p>Sentimentos de liberdade e vivacidade</p>	<p>“Aí começou essa relação a me sufocar, eu querer outras coisas, eu queria de repente namorar, eu queria sair para o mundo”.</p> <p>“Enfim, eu queria viver a vida e aquilo começou a me sufocar”.</p>
<u>Repercussões na saúde</u>	
Definição: As influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde dos participantes	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
<p>Interferência positiva na saúde</p>	<p>“Na época repercutiu super bem, eu fiquei muito bem de saúde, fiquei muito bem de cabeça, eu namorei bastante, eu saí bastante, eu fiz tudo que tinha direito, né!”</p>

<u>Repercussão na identidade individual</u>	
Definição: As repercussões da separação na ressignificação da identidade individual	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Não havia uma identidade conjugal sólida	<p>“A vida de casado da gente era diferente do resto das nossas relações”.</p> <p>“A gente não se dava muito bem, as nossas relações enquanto casal e o resto do mundo não existiam, existia sempre assim, eu saindo com minhas amigas”.</p>
Foco na vida profissional	“A minha vida era a universidade, né!”
Não havia uma relação social igualitária e um comprometimento com a relação	“Olhe, a diferença de tipo de vida, de classe social, o distanciamento que a gente tinha na relação, não era uma relação igualitária sabe!”
Sentimento de renascimento	“Renascendo, sabe! Eu estava diante da vida como se eu tivesse nascido naquele momento, como se eu não tivesse perdido todo aquele tempo, como se o casamento nunca existisse, eu nunca tive saudades do casamento”.
Presença de uma independência financeira	<p>“No financeiro não houve grandes impactos porque eu já mantinha a casa, tudo né!”</p> <p>“Passei a pagar pensão a ele, os impactos financeiros vieram mais por conta dos achatamentos salariais do que com relação ao fim da relação”.</p>
Não houve investimento amoroso atualmente	<p>“Hoje eu me sinto sozinha, sou extremamente depressiva, eu sinto falta de uma companhia, mas eu não tenho coragem de me relacionar”.</p> <p>“Eu não tive coragem de levar adiante o relacionamento, com medo de me prender de novo e repetir o mesmo erro, eu levei como se fosse uma grande brincadeira”.</p>

Reflexões sobre Jaqueline

“Liberdade, ah foi o melhor sentimento, eu nunca fui tão feliz na minha vida do que naqueles primeiros anos da separação, nossa!” é assim que se apresenta Jacqueline. Ao longo da entrevista, vai expondo as características de uma negação do luto no decorrer do processo de separação, e vemos que os sentimentos que se apresentaram logo após o rompimento foram relacionados à liberdade. Em sua fala “Eu era outra pessoa, você via no ar, na coisa, eu brilhava, assim, como eu era feliz, o sentimento de liberdade. A terapia me fez muito bem naquela época”.

Entendemos que mesmo sentindo essa sensação de liberdade que beira o sentimento de alívio, não se sai ileso de uma separação conjugal, há oscilações entre o alívio e o desespero, o rompimento sempre é uma situação de dor e comoção emocional independente de quem tem a iniciativa do rompimento ou de quem apenas sofre essa desvinculação (Porchat, 1992). Há sempre um intercâmbio entre a sensação de liberdade e outros sentimentos. “Após a separação eu me senti livre, eu fiquei muito feliz, eu namorei bastante, eu saí, eu até, sei lá, uns quatro anos atrás, eu era muito virada”. Ramos (2003, p.66) nos diz que atualmente há uma alta ocorrência de “mudar o cenário na tentativa de se mudar o enredo”, ou seja, descarta-se o antigo relacionamento e busca-se um novo na esperança que com a nova relação os problemas sejam resolvidos. Dessa forma, para Jacqueline, o antigo parceiro era “insatisfatório” ou “inadequado”, sendo o provocador dos obstáculos, assim a separação passa a ser para ela uma saída natural para um relacionamento insatisfatório ou desgastado, lembrando a perspectiva do descartável, veiculada pela sociedade de consumo.

Com relação aos sentimentos atuais que emergem da separação escutamos “Eu nunca repensei esse casamento não, nunca pensei sobre, parece que os quatorzes anos, seis meses e vinte nove dias sumiram da minha vida”. Maldonado (2000) afirma que a dor de quem é deixado é diferente da dor de quem deixa: no primeiro caso, a humilhação do pedido de volta, se junta à desesperança de ser aceito, essa recusa traz a descrença de uma reconstrução; no segundo caso, falta credibilidade nas promessas de mudança, que não foram cumpridas, causando frustração.

No mundo contemporâneo percebemos a grande valorização que se dá ao fator tempo, não se permite a perda desse elemento, não há um investimento maior nas relações que demandam tempo por acreditar que não se deve perdê-lo, ele deve ser vivido intensamente. Dessa maneira quando Rossi (2003) nos apresenta que as relações atualmente são regidas por essa busca máxima e imediata, ele também nos aponta a vulnerabilidade das uniões frente à

tamanha demanda. Isso pode ser visto na fala de Jacqueline: “É como se eu tivesse perdido esse tempo da minha vida, como se tivesse perdido, hoje eu não enxergo nem como positivo, nem como negativo, simplesmente foi um tempo que teve que acontecer”.

Quando analisamos a temática, - emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados, - percebemos que, em Jacqueline, há uma contradição entre o equilíbrio e a instabilidade emocional. “Eu acho que estava meio surtada, eu não sentia nada na época, absolutamente nada, estava meio anestesiada, fazendo as coisas tudo dentro muito do que eu considerava como correto”. Este quadro é muito presente no processo de desvinculação, Maldonado (2000) aponta que o rompimento acarreta um furacão de sentimentos. Estes promovem certa instabilidade emocional típica das transformações e adaptações de fatores importantes para si e para o outro. Ocorrerá um desequilíbrio para que haja uma reorganização e o equilíbrio retome seu lugar. Por isso a primeira reação fruto da separação é o atordoamento, visto que o sujeito se torna perdido, confuso e sem norte, já que perdeu as referências que o sustentavam e o protegiam em um mundo estabilizado. Indiretamente Jacqueline atribui ao ex-marido e não a ela esse desequilíbrio, esse atordoamento. Na percepção dela, ela foi apenas fria e cerebral: “hoje eu avaliando o que aconteceu em 2003, vai fazer dez anos, agora no final do ano, eu devo ter sido muito fria para ele, muito cerebral, muito racional”.

Ainda fazendo inferências a essa temática, encontramos sentimentos de liberdade e vivacidade presentes no discurso de Jacqueline: “Aí começou a essa relação a me sufocar, eu querer outras coisas, eu queria de repente namorar, eu queria sair para o mundo” e ainda “Enfim, eu queria viver a vida e aquilo começou a me sufocar”. Conforme Ramos (2003), as expectativas que os membros de um casal passam a ter do casamento se modificam assim como os papéis de gênero sofrem alterações, se tornam complicados e confusos frente a novos e velhos padrões que coexistem, a cobrança é aumentada quando se trata do receber e diminui quando se foca no dar, “Novos e velhos padrões de comportamento coexistem e entram em conflito uns com os outros, elevando e tornando confusas as expectativas de cada um dos parceiros em relação ao outro” (Ramos, 2003, p.62). Foi assim com Jacqueline, suas expectativas acerca da liberdade não cabem mais na relação conjugal vivida.

Identificamos que houve uma influência positiva do processo de ruptura conjugal sobre a saúde da participante: “Naquela época repercutiu super bem, eu fiquei bem de saúde, fiquei bem de cabeça, eu namorei bastante, eu saí bastante, eu fiz tudo que tinha direito, né”. Nesse caso, a ruptura conjugal resgatou a identidade individual de Jacqueline que, aliás, nunca esteve passiva, nunca deixou que se instalasse um projeto conjugal consistente, sólido que pudesse fortalecer a união. “A vida de casado da gente era diferente do resto das nossas relações” e

ainda “A gente não se dava muito bem, as nossas relações enquanto casal e o resto do mundo não existia, existia sempre assim: eu saindo com minhas amigas.”

A busca pelo sucesso profissional da participante, seu foco na vida profissional deixando a conjugal em segundo plano, podem ser um reflexo da ausência de um projeto conjugal: “A minha vida era a universidade, né!”. A literatura especializada sinaliza que a mulher vem buscando sua independência econômica e sexual, e que a sociedade contemporânea reforça a todo instante a legitimidade dessa escolha, podemos exemplificar isso quando lemos o que Giddens (1993) diz acerca dos homens que desejam mulheres que sejam econômica e intelectualmente iguais a eles. Então a entrada das mulheres no mercado de trabalho não se deteve apenas ao fato de ser complementação de renda do marido. Ela foi se firmando progressivamente, ao ponto de se tornar a provedora do lar. Essa mudança gerou não somente modificações no âmbito financeiro, mas também no social. Jacqueline conquistou sua independência financeira a ponto de, na separação, pagar pensão para o ex-marido: “No financeiro, não houve grandes impactos porque eu já mantinha a casa, tudo né!”, “Passei a pagar pensão a ele, os impactos financeiros vieram mais por conta dos achatamentos salariais do que com relação ao fim da relação”.

Constatamos que, por não haver uma relação social igualitária e um comprometimento maior com a união, foi mais fácil a retomada da identidade individual, já fortemente presente mesmo no contexto de conjugalidade: “Olhe, a diferença do tipo de vida, de classe social, o distanciamento que a gente tinha na relação, não era uma relação igualitária sabe!”. Há, atualmente, uma preocupação excessiva com a autonomia, como parte de uma realização pessoal. Porém, segundo Bustos (2003), faz-se necessário um grau relativo de dependência para se ter acesso ao amor. Não há relação de casal que possa sustentar-se sem algum grau de dependência adulta; dessa forma, os objetos de amor não poderão ser descartáveis ou facilmente substituíveis. “O amor gera dependência, que, ao ser denegrida e desvalorizada, passa a ser vivenciada como ameaça, e, como tal, gera angústia, pois atenta contra o ideal do eu” (Bustos, 2003, p.135)

Sentimentos de renascimento brotam na fala de Jacqueline: “Renascendo sabe! Eu estava diante da vida como se eu tivesse nascido naquele momento, como se eu não tivesse perdido todo aquele tempo, como se o casamento nunca existisse, eu nunca tive saudades do casamento.” Ao analisar essa fala, devemos levar em consideração os ideais individualistas do mundo contemporâneo que interferem certamente nas relações amorosas, estimulando a autonomia dos parceiros em detrimento da dependência entre eles. Segundo Rossi (2003, p.78) “entre as preocupações dominantes está à necessidade de ser feliz como indivíduo, através de

usufruir e possuir o que existe de melhor na vida. Os direitos pessoais ocupam lugar privilegiado na mente das pessoas, o contrário acontecendo com as preocupações com a coletividade”, no presente caso com a conjugalidade.

Outro aspecto relevante nessa temática foi perceber que não há um investimento amoroso atualmente por medo de repetir o mesmo padrão de comportamento existente na relação anterior: “Hoje eu me sinto sozinha, extremamente depressiva, eu sinto falta de uma companhia, mas eu não tenho coragem de me relacionar”. Passada a euforia da liberdade, Jacqueline se depara com os sentimentos de tristeza, medo de repetir o fracasso e depressão demonstrando um possível indício de um luto tardio. O luto tardio é uma reação emocional suprimida na época da perda que se apresenta em um momento futuro, cuja aparição desses sentimentos de luto podem parecer intensos demais para a situação atual do sujeito (Worden, 1998).

Compreendemos que o ser humano, a todo instante, necessita manter relações de troca com o outro, desejando ser querido, amado e ouvido pelo parceiro, mas também concordamos com Rossi (2003, p.93), quando diz: “o fracasso promovido pela expectativa de viver sem frustrações e a carência gerada pela mercantilização das relações são prováveis componentes de sentimentos, tão frequentes em nosso mundo, como solidão, falta de sentido para vida, tédio e depressão”.

Para finalizar, chama-nos a atenção o caminho escolhido por Jacqueline para tomar a iniciativa da separação. Buscou um suporte psicológico por acreditar ser necessário para esse momento de transição que houvesse um aparato que lhe consolidasse a decisão. “Meu processo de separação foi algo atípico, foi uma relação muito individualizada, eu procurei um psicólogo, eu avisei os meus pais, preparei meus filhos” e segue dizendo “Eu fiz sessões de terapia, quando eu estava com a coisa preparada foi que eu consegui um advogado e comuniquei então, foi traumático para ele”. Os cônjuges que tomam a decisão muitas vezes podem preparar-se melhor, não experimentando os sentimentos de fracasso, impotência e humilhação (Kaslow & Schwartz, 1995). Daí o sentimento de alegria e liberdade que ela experimentou.

Por fim, ao tratarmos a relação atual com o ex-cônjuge, vimos que Jacqueline não possui qualquer tipo de comunicação com ele, pois acredita que ele tenha por ela sentimentos de hostilidade e desafeto, “Não tenho relação, foi muito traumatizante para ele, hoje eu pago pensão, ele é uma pessoa extremamente dependente e auto destrutiva”. E ainda diz que o ex-companheiro se vê como vítima, em todos os contextos de sua vida: “ele acredita que é um pobre coitado, o mundo é que deve resolver as coisas para ele, ele nunca conseguiu resolver nada, porque o mundo é malvado para ele”, portanto “não há, não tem como, ele me odeia!” Na

fala da entrevistada percebe-se a hostilização do ex marido, mas também o entendimento de que ele viveu profundamente o sentimento de perda, o luto pela desvinculação.

ENTREVISTA N.3 –

4.3 Priscilla: Vendedora, 49 anos, separada há 5 anos, dois filhos.

Priscilla é uma vendedora de 49 anos que permaneceu casada por 9 anos, e desse relacionamento teve dois filhos. Buscou o divórcio como alternativa para dar um basta à violência física e psicológica que vinha sofrendo do ex-marido. Mesmo sendo economicamente dependente e ainda o amando, viu-se obrigada a desvincular-se por temor de perder sua vida; afirma que essa situação era agravada pelas constantes traições dele.

“Se eu não tivesse tomado a atitude que eu tomei talvez eu não estivesse mais aqui falando sobre o assunto, porque ele estava violento demais, então não tinha mais como”!

Unidades de sentido

<u>Características do luto</u>	
Definição: Características do luto vivenciado no decorrer do processo de separação	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos logo após a separação	<p>“Não me arrependi, sofri um pouco assim, porque as dificuldades vieram porque ele não dava assistência”.</p> <p>“A gente fica perdida sem saber como é que vai fazer, como começar, mesmo porque eu tive uma vida interrompida por ele”.</p> <p>“Ter um casamento, sentia muita falta da pessoa que tá ali junto”.</p>
Sentimentos atuais em relação à separação	<p>“Porque eu começo a falar disso mexe comigo, é como se eu tivesse vivendo agora, aí eu não gosto muito de falar sobre isso, eu acho que já disse o que tinha para dizer”.</p>
<u>Emoções e sentimentos</u>	
Definição: As emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos de insegurança, deslocamento, trauma e dificuldades	<p>“Eu fiquei meio perdida, às vezes eu ia fazer uma entrevista de emprego eu ficava meio fechada, às vezes eu passava em todas as etapas, mas chegava à psicóloga, eu acho que não era aprovada por algum motivo”.</p> <p>“Se tornou um pouco difícil para mim, acho que eu fiquei com trauma, com certo trauma, em minha vida”.</p>

<u>Repercussões na saúde</u>	
Definição: As influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde dos participantes	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Interferência negativa na saúde	“Fiquei uma pessoa nervosa, agitada, não dormia direito e também eu fui ameaçada por ele, aí tudo isso mexia”.
<u>Repercussão na identidade individual</u>	
Definição: As repercussões da separação na ressignificação da identidade individual	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Dependência financeira	<p>“Então eu passei dificuldades por não ter uma formação e ter que começar tudo no profissional, eu não tinha casa, vivia de aluguel também, aí complicou, eu sofri mais por isso, por não ter uma estrutura”.</p> <p>“Para mim eu sofri por esses dois lados, o sentimento que eu tinha por ele, como a minha vida financeira”.</p>
Não há um investimento amoroso atualmente por medo de repetir o erro	“Acho que eu fiquei com trauma, um certo trauma em minha vida, fui devagarinho, fui passando e até hoje eu sou meio assim, eu tenho medo de casar, parece que vai acontecer de novo”.
Os filhos foram um incentivo para a retomada da identidade individual	<p>“Se eu criei meus filhos, criei só, ele dava quando queria. Então não existia nada entre a gente, eu nunca questionei nada em justiça para não bater de frente com ele”.</p> <p>“Eu vi, olhei que tinha duas crianças dependendo de mim para tudo, que eu não podia contar com ele, então eu tive que arregaçar as mangas e encarar o que viesse pela frente, eu tinha que enfrentar”.</p> <p>“Cansativo, mas valeu a pena, meus filhos estão bem, e são muito educados”.</p>
O trabalho ofereceu um suporte financeiro	“Eu cheguei ao ponto de ter dois empregos para que o dinheiro desse mais”.
Sentimento de deslocamento	“Como eu me senti? Perdida, e ao mesmo tempo tendo que me encontrar, eu não sei explicar, é realmente profundo, é difícil, complicado demais”.

Reflexões sobre Priscilla

Tímida e retraída é como se apresenta Priscilla. Demonstra não se sentir muito à vontade para falar sobre o divórcio e esse desconforto será relatado no decorrer da entrevista deixando claro que o assunto ainda é algo bastante doloroso e que a faz reviver. Colombo (2011) problematiza, em seus estudos, o silêncio e seus significados, e revela, através de suas análises, que “o silêncio é um lugar em que podemos ou não penetrar despidos para um encontro com nós mesmos, e que foi ou não aprendido e autorizado pelas experiências afetivas que nos constituíram como seres humanos” (p.75). E é isso que vemos em nossa participante, um silêncio significativo, que revela sentimentos de um luto não elaborado. Sentimentos fortes e presentes, mesmo após cinco anos do rompimento afetivo.

Percebemos no seu relato que os sentimentos presentes logo após a separação foram a tristeza, o desnorreamento, a decepção, a saudade da vida a dois e o medo: “Não me arrependo, sofri um pouco assim, porque as dificuldades vieram porque ele não dava assistência”; “a gente fica perdida sem saber como é que vai fazer, como começar, mesmo porque eu tive uma vida interrompida por ele”; “Saudades de ter um casamento, sentia muita falta da pessoa que está ali junto”. Nesse momento Priscilla se apresenta bastante abalada, acrescentando: “Porque quando eu começo a falar disso mexe comigo, é como se eu tivesse vivendo agora, aí eu não gosto muito de falar sobre isso, eu acho que já disse o que tinha para dizer”. Contudo, ao narrar sua história, ela nos diz que o motivo que levou à dissolução do casamento foi a infidelidade do marido e a violência que ele praticava contra ela.

Ao trabalharmos nossa segunda unidade de sentido, as emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados, identificamos que os sentimentos como insegurança, sensação de deslocamento, trauma e dificuldades de enfrentar esse contexto são os que se apresentam na vida de Priscilla: “Eu fiquei meio perdida, às vezes eu ia fazer uma entrevista de emprego, e eu ficava meio fechada, às vezes eu passava em todas as etapas, mas quando chegava à psicóloga, eu acho que não era aprovada por algum motivo”. Demonstra em sua fala o quanto impactante foi a separação, “Se tornou um pouco difícil para mim, acho que eu fiquei com trauma, com certo trauma em minha vida”.

Voltando aos motivos que levaram à separação - a dificuldade de se manter essa relação frente às agressões e a infidelidade - sentimos necessidade de analisar um fragmento da sua fala relativo ao sentimento de perda: “eu tive uma vida interrompida por ele”. Concordamos com Galina (2009) quando ressalta que o drama da separação é olhar para a vida que passou e ver que foram deixadas tantas oportunidades; se deparar com o seu empobrecimento individual

derivado da relação conjugal. Percebemos também que ao passo que havia a necessidade de quebrar o vínculo devido aos motivos apresentados, também havia um sentimento que a fazia prender-se a esse matrimônio. Nesse sentido, como diz Féres-Carneiro e Ziviani (2010, p.83), “a fragilidade do laço e o sentimento de insegurança inspiram um conflitante desejo de tornar o laço intenso e, ao mesmo tempo, de deixá-lo desprendido”.

Ao analisarmos as influências dessa ruptura conjugal na sua saúde, Priscilla retrata aspectos negativos: “Eu fiquei uma pessoa nervosa, agitada, não dormia direito, e também eu fui ameaçada por ele, aí tudo isso mexia”. Observa-se nessa fala a constante interferência do aspecto da violência de gênero, no contexto de desvinculação, despertando nossa atenção para um convívio adoecido desse casal. Faltou a esse matrimônio o que Lederer e Jackson (*in* Diniz, 2011, p.17) falam sobre vivência saudável:

A vivência saudável da conjugalidade envolve, portanto, a capacidade de identificar e negociar as próprias necessidades e as necessidades do parceiro, a habilidade de negociação de diferenças, a capacidade de ceder de assumir compromissos e a utilização de estratégias adequadas de resolução de conflitos.

Reforçando essa linha de pensamento, Bauman (2004) diz que as pessoas adoecem de forma singular, haja vista que há inúmeras variáveis envolvidas nesse processo, tornando-o complexo e particular. Os sujeitos, ao adoecerem, formulam possibilidades de enfrentamento, buscando soluções: uma delas seria a transformação dessas doenças em sofrimentos, como resposta à enfermidade, mas eles também seriam uma maneira de se apresentar como possibilidade de resistência.

A ausência de uma independência financeira dificultou a ressignificação da identidade individual de Priscilla. Entretanto, ao passo que foi conquistando espaço no mercado de trabalho e obtendo esse suporte financeiro e psicológico que um emprego produz, foi valorizando esse campo de sua vida, responsabilizando por suas vitórias na retomada da identidade individual, “Eu cheguei a ter dois empregos para que o dinheiro desse mais... cansativo, mas valeu a pena, meus filhos estão bem, e são muito educados”.

Cabe aqui uma reflexão acerca da entrada das mulheres no mercado de trabalho que vai além da complementaridade dos salários dos maridos. Como foi colocado no capítulo I, a emancipação feminina modificou as relações de poder e submissão, e a mulher, ao enfrentar as demandas contemporâneas, abre um mundo de possibilidades para os campos afetivo,

profissional e social. A desvalorização das atividades domésticas atribuídas ao sexo feminino e o surgimento de instituições nomeadas pela sociedade para executar essas tarefas que ficavam apenas a cargo da mulher, favoreceu e possibilitou a libertação feminina. Assim, o casamento foi sendo contextualizado basicamente no campo afetivo. Hoje, ao contrair o matrimônio, as mulheres levam em consideração a influência dessa variável, visto que a independência financeira gera também uma independência social, fato não valorizado quando do casamento de Priscilla.

Assim, Féres-Carneiro, Ziviani, Magalhães (2011, p.54) ao citar Castell, advertem sobre essas relações de poder: “a consciência feminina e a inserção da mulher no mercado de trabalho, trouxe mudanças significativas aos papéis da mulher e do homem em seus relacionamentos amorosos”.

Ao tratarmos do não investimento amoroso de Priscilla, por medo de repetição do erro, vemos que este fator está muito ligado à incidência da violência na relação e suas consequências. Observamos que estão presente em nossa sociedade resquícios de uma modelo patriarcal nos relacionamentos, em que o homem oferece a proteção e a mulher sua obediência, contudo o preço que o gênero feminino paga se torna alto, porque essa proteção vem acompanhada de dominação e exploração (Amor, citado por Diniz, 2011).

Ficou evidente o papel importante que os filhos exerceram ao ocuparem o posto de incentivo para esse recomeçar de Priscilla, que começou a ocupar seus espaços individuais. “Se eu criei meus filhos, criei só, ele dava quando queria, então não existia nada entre a gente, eu nunca questionei nada em justiça, para não bater de frente com ele”. Acrescenta: “Eu vi, olhei tinha duas crianças dependendo de mim para tudo, que eu não podia contar com ele, então tive que arregaçar as mangas e encarar o que vinhesse pela frente, eu tinha que enfrentar”.

A participante teve que, aos poucos e com dificuldades, alcançar um patamar de independência econômica, mudando a dinâmica de convivência com o ex-companheiro, produzindo uma individualidade até então desconhecida. Ao escrever sobre reconstrução da identidade individual, Féres-Carneiro (2003, p.372) diz que “desconstruir a conjugalidade após a separação e, simultaneamente, reconstruir a identidade individual é um processo lento e vivenciado com dificuldades pelos ex-cônjuges”. Continuando com o tema, Féres-Carneiro (2003, p.379) afirma que, para as mulheres, há um ponto positivo, “as mulheres se mostram muito mais questionadoras, buscando mudanças e com maiores possibilidades de entrar em contato com seus sentimentos que os homens”.

Identificamos a iniciativa para o término da relação, como uma delas. Priscilla disse: “Ele era muito agressivo, ele era uma pessoa que não dava assistência dentro de casa, era

ignorante e a partir desse momento eu cansei. Eu ainda aguentei um bom tempo por conta dos meus filhos, para tentar resgatar o casamento, levar adiante, mas chegou ao ponto que não dava mais, a gente tem que tomar uma decisão e foi o que eu fiz”.

Por fim, ao abordar sobre a relação com o ex-cônjuge atualmente, Priscilla disse que “com ele eu falo só o necessário, mesmo porque meus filhos já são grandinhos, não preciso mais estar com aquele contato”. Nesse ponto, Priscilla confunde conjugalidade com parentalidade. Concordamos com Kaslow e Schwartz (1995, p.240), quando defendem que o contato entre os pais continua quer eles queiram ou não, “as regras familiares para as atividades das crianças devem ser estabelecidas de comum acordo entre os pais para manter tanto a paz de espírito da criança quanto para reduzir a possibilidade de ela jogar um dos pais contra o outro”.

ENTREVISTA N.4 –

4.4 Renata: Do lar, 58 anos, separada há 10 anos, três filhos.

Renata tem 58 anos, permaneceu casada por 15 anos e dessa união teve três filhos. Optou pelo divórcio por ser vítima de constantes constrangimentos promovidos pelo ex-companheiro que fazia uso de bebidas alcóolicas. A crise no relacionamento foi agravada pela infidelidade do marido. Mesmo divorciados, continuaram residindo no apartamento da família, por uma imposição econômica que ambos viviam, entretanto desenvolveram uma relação amigável diferente de quando estavam casados.

“Minha gente a coisa mais simples do mundo é casais separados dentro de casa. Agora muitos não se entendem, continuam brigando, mas a gente não, graças a Deus foi a melhor coisa, se eu soubesse que ia ser assim eu já tinha resolvido há muito tempo!”

Unidades de sentido

<u>Características do luto</u>	
Definição: Características do luto vivenciado no decorrer do processo de separação	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos logo após a separação	<p>“Agora sou solteira e você também, você vá viver sua vida, eu posso até comemorar com minhas amigas, você pode comemorar também, você está livre (disse ao ex-marido)”.</p> <p>“Dele eu não quero nem o nome dele, eu quero me afastar dele”.</p> <p>“Só vi paz quando em divorciei dele mesmo”.</p>
Não houve uma desvinculação total	<p>“Resultado, ele não tinha para onde ir, e nem eu também tinha para onde ir, aí ficamos os dois morando no mesmo apartamento”.</p> <p>“Ele entendeu que eu não era mais a esposa dele e eu fiquei livre cuidando dele, lavando, passando, a gente está até hoje, ele é uma pessoa maravilhosa para mim agora”.</p>

	<p>“Como ele muitas vezes já saiu, umas quatro vezes quando a gente era casado, vai fazer dez anos, estamos vivendo feliz eu e meus filhos”.</p>
<p>Tentativas de reatar antes do término</p>	<p>“Sempre gostei de ter um lar, de ter uma família, mas quando aconteceu eu também não fiquei sentida porque eu lutei muito, não foi na primeira crise que eu disse vamos nos separar”.</p> <p>“Foi muita luta, muito sofrimento. Ele bebia muito, ele também teve depressão, ele teve os três tipos de depressão, foi muita coisa”.</p>
<p><u>Emoções e sentimentos</u></p>	
<p>Definição: As emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados</p>	
<p><u>Temas</u></p>	<p><u>Verbalizações</u></p>
<p>Sentimentos de felicidade, vivacidade, determinação e liberdade</p>	<p>“Primeira coisa que eu fiz foi começar a sair, ir para a casa dos meus amigos, para casa da minha família, sair assim, quando saía, dormia”.</p> <p>“A gente vai trabalhar, a gente vai lutar, eu dizia a ela (referindo-se à filha): - Minha filha, a gente está tão feliz agora, que com dinheiro ou sem dinheiro, a gente está unido e reunido aqui, tudo junto, mas a gente vai lutar”.</p> <p>“Depois que me divorciei dele aí que eu fui ser feliz, né! Fui ser feliz de verdade”.</p>
<p><u>Repercussões na saúde</u></p>	
<p>Definição: As influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde dos participantes</p>	
<p><u>Temas</u></p>	<p><u>Verbalizações</u></p>
<p>Não ocorreu interferência na saúde</p>	<p>“Graças a Deus, toda a vida sempre fui uma mulher forte, eu nunca caí doente, entendeu, sempre fui forte mesmo”.</p> <p>“Eu nunca fui mulher doente, nunca! Isso aí todo dia eu agradeço a Deus”.</p>

<u>Repercussão na identidade individual</u>	
Definição: As repercussões da separação na ressignificação da identidade individual	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Plano conjugal unilateral	<p>“Queria sempre ter a família junto, meus filhos, meu marido, mas ele não queria, só viva nas farras com mulheres”.</p> <p>“Comecei a viver minha vida, aí ele começou a viver a dele, e eu viver a minha vida. Na época ele só vivia cheio de mulheres porque tinha condições, eu sempre na minha casa com meus filhos, lutando”.</p>
Identidade individual	<p>“Como ele ainda era meu marido eu ainda era muito presa a ele, eu não podia fazer nada, eu estava separada dele, mas ele estava dentro de casa morando junto, ele ainda era meu marido”.</p> <p>“Aí poxa, o que eu estou fazendo da minha vida? Separada sem ter liberdade para nada, não podia sair”.</p> <p>“Eu já estava separada dele, mas assim, eu estava separada, não divorciada, entendeu?”</p> <p>“Meu Deus do céu me ajuda senhor! Tira esse homem da minha vida! Aí pronto, a gente não estava divorciado não, estava separado, mas casado, ele ainda era meu marido, ele achava que podia mandar em mim!”</p>
Não há um investimento amoroso atualmente	<p>“Deus me livre! Eu passei tantas coisas, eu sofri muito com teu pai (disse à filha), tu achas, que eu agora que pedi a Deus que me disse uma orientação, uma paz e ele me deu, eu vou procurar sarna para me coçar? ”</p>
Presença de uma dependência financeira no matrimônio e uma retomada	<p>“Depois disso comecei a fazer minhas amizades, comecei a fazer cursos, culinária, confeitaria, aí pronto, mas eu me dei bem foi quando eu comecei a ganhar dinheiro, porque antes dependia dele”.</p> <p>“Eu comecei a trabalhar nessa lanchonete, aí foi quando ela faleceu</p>

profissional após o divórcio	(sua filha), o dinheiro dela ficou para mim, isso me doeu muito, porque eu não queria desse jeito”. “Quando eu abri a lanchonete eu sustentei minha família na lanchonete”.
------------------------------	--

Reflexões sobre Renata

Ao entrevistar Renata, temos logo de início, a impressão que o casamento lhe causou um sentimento de aprisionamento e um desejo de libertar-se desse contexto, mas ao passo que ela discorre sua narrativa vemos que, o que pesou na separação foi a infidelidade do ex-marido. Féres- Carneiro (2003) afirma em seu estudo que a traição masculina é um fator muito mencionado pelas mulheres de todas as idades quando relatam o desejo de separar. Essas traições estão relacionadas à forma como os homens reafirmam sua masculinidade, visto que a cultura aceita com mais tranquilidade a infidelidade masculina do que a do gênero feminino.

Percebemos como impulsionador da separação de Renata a violência psicológica provocada pelo ex-companheiro e que ela temia que se tornasse violência física também. Diniz (2011) nos diz que a violência de gênero acomete mais mulheres em todas as fases do ciclo vital e que são caracterizadas para as situações que envolvem a violência dentro do contexto doméstico, estando presentes em todos os níveis sociais independente de classe econômica, cultural, étnica ou crença religiosa.

Ao analisarmos as características do luto vivenciado pela participante, identificamos que os sentimentos logo após a separação foram de ansiedade, desejo de distanciar-se, liberdade e paz, mas também de tristeza já que almejava viver no matrimônio, em suas palavras, “um amor eterno”. Podemos associar essas características do luto em Renata, com aquelas apontadas por Kubler-Ross (2008) quando descreve os estágios de luto. Ou seja, Renata apresenta uma aceitação parcial da situação de separação conjugal, daí apresentar sentimentos conflitivos entre si.

Em um dado momento da entrevista, Renata verbaliza: “Agora eu sou solteira e você também (diz ao ex-marido), você vá viver sua vida, eu posso até comemorar com minhas amigas (o fim da união), você pode comemorar também, você está livre”. Podemos ver retratados nesta fala, o quanto ela nega o sofrimento causado por uma separação, sinalizando um luto não vivenciado. Em seguida, Renata acrescenta: “Dele eu não quero nem o nome, eu

quero me afastar dele”. Esse desabafo revela a tristeza com a quebra do modelo tradicional de matrimônio, “tristeza porque não queria isso para mim”, “Só tive paz quando me divorciei”.

Continuando a análise, vimos que, mesmo após a separação, a participante não se percebia sem o vínculo conjugal. Acreditava que apenas com o divórcio haveria essa quebra do matrimônio. Após o divórcio, o ex-casal permaneceu coabitando, atitude esta oposta ao desejo inicial de afastar-se, distanciar-se fisicamente do ex-companheiro. Ela descreve essa convivência como amigável e salutar para ambos e para os que com eles convivem, filhos e parentes: “Resultado ele não tinha para onde ir, e nem eu também tinha para onde ir, aí ficamos os dois morando no mesmo apartamento”. Essa convivência pacífica foi permitida ao passo que o ex-marido entendeu, com a proclamação do divórcio, que eles não eram mais um casal e que ambos eram livres. Na fala de Renata, “ele entendeu que eu não era mais a esposa dele, e eu fiquei livre cuidando dele, lavando, passando, a gente está até hoje, ele é uma pessoa maravilhosa para mim, agora”. Levantamos a possibilidade de tratar-se de um determinante financeiro, no qual as condições econômicas e sociais impõem a permanência desse ex-casal sob a mesma moradia, mas, também, uma acomodação de ambas as partes que identificamos como um prolongamento do casamento, já desfeito, sendo uma maneira de viver um elo rompido, inacabado.

Renata buscou alternativas que possibilitassem a permanência do matrimônio, entretanto, não obtendo êxito nas conciliações, buscou o fim da relação como forma de manter a integridade física e psicológica ameaçadas pela união: “Sempre gostei de ter um lar, de ter uma família, mas quando aconteceu eu também não fiquei sentida porque eu lutei muito, não foi na primeira crise que eu disse vamos nos separar”. E acrescenta: “Foi muita luta, muito sofrimento, ele bebia muito, ele também teve depressão, ele teve os três tipos de depressão, foi muita coisa”.

Quanto às emoções e sentimentos mais frequentes, Renata expressa a felicidade, a vivacidade, o sentimento de liberdade e de determinação, presente nesse momento atual de sua vida. “Primeira coisa eu fiz foi começar a sair para casa dos meus amigos, para casa da minha família, sair assim, quando saía, dormia”; “A gente vai trabalhar, a gente vai lutar, eu dizia a ela (referindo-se à filha): - minha filha a gente está tão feliz agora, que com dinheiro ou sem dinheiro, a gente está unido e reunido aqui, tudo junto, mas a gente vai à luta”. Ela designa o fim do casamento como o momento que obteve a liberdade: “Depois eu fui ter liberdade, é a palavra certa, liberdade para fazer o que eu queria, dançar, brincar, né! Foi aí que eu comecei a brincar, passear”. Acredita que conseguiu encontrar a felicidade com o fim da união, “Depois que me divorciei dele aí que eu fui ser feliz, né! Fui ser feliz de verdade!”.

O que podemos perceber na narrativa de Renata é que ela possuía o desejo de eternizar o casamento e manter a união, mesmo sofrendo e pagando todos os custos. Contudo se fez presente também uma força poderosa que a levou a vontade de desprender-se, libertando-se para vivenciar uma experiência profissional que a dignificasse e a possibilitasse de vivenciar a paz e a felicidade não encontradas no casamento. Concordamos com Féres-Carneiro e Ziviani (2010, p.83) quando dizem que “A fragilidade do laço e o sentimento de insegurança inspiram um conflitante desejo de tornar o laço intenso, e ao mesmo tempo, de deixá-lo desprendido”.

Do ponto de vista social, segundo Falcke e Wagner (2011, p. 154) “Há uma carência de iniciativas e propostas que deem conta de ajudar os casais a superar suas crises e romper com o ciclo de estratégias, muitas vezes violentas e ineficazes, que tendem a utilizar repetidamente na sua vida cotidiana”.

No caso Renata, com o fim da união, determinada pelo divórcio, nos trâmites legais, pode ter ocorrido a extinção dos episódios de violência doméstica, o que contribuiu para uma maior qualidade de vida dos membros dessa família e até de uma coabitação salutar dos ex-cônjuges, o que não foi conseguido durante o tempo em que permaneceram casados.

Muitas vezes a intervenção proposta visa a abordar apenas a violência conjugal, o casal em questão, defendendo a vítima e punindo o agressor, sem tentar entender o contexto que levou a utilização dessa estratégia, esquecendo que se trata de um fenômeno multideterminado e extremamente complexo.

Analisando as repercussões na saúde, vimos que as influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde da participante foram positivos. Podemos dizer que a ligação de Renata com a religiosidade tenha contribuído para essa harmonia em momento de tamanha turbulência. Sua fala comprova tal inferência quando diz: “Graças a Deus, toda vida sempre fui uma mulher forte, eu nunca caí doente, entendeu! Sempre fui forte mesmo” e ainda, “Eu nunca fui uma mulher doente, nunca! Isso aí todo dia eu agradeço a Deus!” Mesmo não sendo foco do nosso estudo, entendemos que existe uma variável que não deve ser descartada, a resiliência da participante frente a situações que promovam o estresse.

Segundo Souza (2009, p.193) “resiliência são traços da personalidade que certos indivíduos possuem como sendo mais resistentes a traumas, capazes de superação de obstáculos, por meio de habilidades desenvolvidas para o enfrentamento de dificuldades, estando compreendida em um processo dinâmico e sistêmico, que se insere no contexto histórico, social e cultural do indivíduo em questão”.

No que diz respeito à presença de um projeto conjugal, percebemos que Renata “embalava” o desejo de um matrimônio harmonioso e duradouro, com investimentos afetivos e

sociais, entretanto, esse projeto não era partilhado por seu ex-companheiro, que vivia ao seu lado como se solteiro fosse, eis a fala: “Queria sempre ter a família junto, meus filhos, meu marido, mas ele não queria, só vivia nas farras com mulheres”. Essa afirmação de Renata nos reporta a Féres-Carneiro (2003) quando fala sobre a infidelidade masculina como promotora do desejo feminino de separar-se. Diz Renata: “Comecei a viver a minha vida, aí ele começou a viver a vida dele, e eu a viver a minha, na época ele só viva cheio de mulheres porque tinha condições, eu sempre na minha casa com meus filhos, lutando”.

Na tentativa de ressignificar sua identidade individual, Renata nos transmite seu conflito em manter-se fiel às normas tradicionais estabelecidas para o matrimônio, enquanto aguarda a concretização do divórcio: “como ele ainda era meu marido eu ainda era muito presa a ele, eu não podia fazer nada, eu estava separada dele, mas ele estava dentro de casa morando junto, ele ainda era meu marido”, “aí poxa, o que eu estava fazendo da minha vida? separada, sem ter liberdade para nada, não podia sair de casa”.

Em seu relato, Renata revela que, durante o casamento, ela não tinha independência financeira, a qual só foi construída ao passo que ocorreu a desvinculação matrimonial. Essa independência financeira surgiu foi reforçada por uma pensão adquirida com a morte de uma das suas filhas durante esse momento de turbulência que ela vivenciava. “Depois disso comecei a fazer minhas amizades, comecei a fazer meus cursos, culinária, confeitaria, aí pronto, mas me dei bem foi quando eu comecei a ganhar dinheiro, porque antes dependia dele”; “eu comecei também a trabalhar nessa lanchonete, aí foi quando minha filha faleceu, o dinheiro dela ficou para mim, isso me doeu muito porque eu não queria desse jeito”.

A busca pela independência econômica se faz presente em sua narrativa, “quando eu abri a lanchonete eu sustentei minha família na lanchonete”. Entende-se que sua independência financeira pode gerar o sustento de sua família, demonstrando que não se tratava apenas de um complemento do orçamento doméstico, mas a fatia principal. Isso nos remete a Jablonski (1998, p.147) em suas palavras quando faz uma análise da crise do casamento contemporâneo, “a inflação acabaria por estender suas garras, fazendo com que o emprego da mulher deixasse de ser o de uma mera suplementação pró-consumismo para atingir o status de complementação indispensável, para manter o padrão de vida sonhado/alcançado”.

Apesar dos dez anos de separada, Renata não se permite novos relacionamentos por medo de repetir, o que ela considera erro, da relação anterior. Ao contar como explicou à sua filha o desinteresse em possíveis relacionamentos, ela afirma: “Deus me livre! Eu passei tantas coisas, eu sofri muito com teu pai, tu acha que eu agora que pedi a Deus que me desse uma orientação, uma paz, e ele me deu, eu vou procurar sarna para me coçar?” O que nos leva à

hipótese de que para se viver uma conjugalidade é preciso criar um espaço relacional conjunto, acarretando uma convivência compartilhada e um conhecimento de um sobre o outro, gerando um sentimento de segurança e conforto na identidade comum aos dois (Féres-Carneiro & Ziviani, 2010). Contudo, no caso de Renata, outros fatores tais como a violência de gênero, contribuíram para esse medo em novos investimentos amorosos.

Quanto à iniciativa para o término do casamento, como falamos anteriormente, a decisão partiu de Renata que, diante de inúmeras tentativas para a manutenção de um casamento harmonioso, desistiu perante os obstáculos (infidelidade masculina e a violência doméstica). Constatamos em sua fala: “aí teve um tempo que eu não aguentei mais, aí disse dá mais não, vou me separar, aí me separei dele, dentro de casa, separada, passei uns cinco anos dentro da mesma casa, mas separada”; “decidi me divorciar dele, vai ser o único jeito, que eu já lutei demais e não está dando certo, aí eu enfrentei”.

Hoje, segundo ela própria, a relação que mantém com o ex-companheiro é muito boa, visto que ele reside na mesma casa e compartilham algumas atividades domésticas de forma pacífica e ordeira, considerando-o seu amigo. Não vê essa relação como disfuncional ou inapropriada, acredita ser uma coisa normal e corriqueira, fazendo-se necessária frente às dificuldades econômicas e sociais que as pessoas vivem atualmente. Ela diz: “a relação da gente é de amigo, é como se fossemos dois irmãos dentro de casa, um ajuda o outro como pode”. E reforça: “o povo não acredita, minha gente a coisa mais simples do mundo é casais separados dentro da mesma casa”. Coloca essa ligação com o ex-cônjuge como uma vinculação de respeito e admiração, acredita ser ele uma pessoa capaz e boa depois da separação e, assim, “Ele não tinha nada, ele perdeu tudo, ele era uma pessoa muito inteligente, tudo ele fazia, que ele conseguia tudo”.

Para finalizar, Renata não achou necessário buscar ajuda de um profissional no período de crise. Fortaleceu-se em sua fé, designando a religião como a base sustentadora de sua superação. Entretanto, acredita que falar sobre esse momento delicado lhe fez bem, servindo como desabafo, e acrescenta: “Acho que falei tudo, eu só falando tudo, estou me sentindo tão bem, gostei”.

ENTREVISTA N.5 –

4.5 Marcelo: Engenheiro de Minas, 31 anos, separado há 9 anos, sem filhos.

A sua ex-companheira era uma mulher bem sucedida, financeira e profissionalmente, tendo sido essas características consideradas por ele o grande problema. Sentia-se inferior e não respeitado como marido, já que não contribuía financeiramente. Apesar de atualmente não manter nenhum contato com ela, sempre que alcança uma melhor posição na profissão, faz questão de comunicá-la por e-mails.

“Quando eu terminei a faculdade eu mandei um e-mail para ela dizendo que estava formado, quando terminei o mestrado eu mandei um e-mail dizendo que tinha terminado o mestrado, é muito provável que quando eu termine o doutorado eu mande para ela um e-mail dizendo que terminei o doutorado”

Unidades de sentido

<u>Características do luto</u>	
Definição: Características do luto vivenciado no decorrer do processo de separação	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos logo após a separação	<p>“Quando me separei eu comecei a sair, comecei a ir a festas, comecei a tomar cerveja, a sair com os amigos, com outras mulheres, então estava bem por esse lado, mas tinha minhas festas na sexta e no sábado, de segunda a quinta tinha ela para conversar, para estar junto, ver filme”.</p> <p>“Acaba que levei muito bem, o começo da fase de separação. Foi muito pior a fase pós-divórcio, quando ela se encontrou com outras pessoas”.</p>
Sentimentos atuais em relação à separação	<p>“Eu sinto falta dela, mas não como mulher. Eu sei que é feio falar disso, eu sinto falta da companhia, sinto falta dela, mas nenhuma mulher quer estar com um homem só pela companhia, pela conversa, pela presença, mas não gostar dela, sabe!”</p>

	<p>“Sinto que se eu conhecesse ela hoje, eu tenho uma cabeça muito melhor, estou muito mais velho, acredito que mais maduro. Tenho meu emprego, se eu conhecesse ela hoje seríamos um casal, tenho certeza que amaria muito ela, a gente teria dado certo”.</p> <p>“Ela não era uma garota qualquer, porque a gente fala, é suspeito, mas seguramente ela é uma das mulheres mais especiais que existe, do ponto de vista de tudo, eu consigo ver que todo problema hoje foi gerado por minha cabeça”.</p> <p>“Ela era uma mulher fantástica, de todo ponto de vista, se eu pudesse conhecer ela hoje, teria deixado para conhecer ela hoje”.</p>
Tentativas de reatar antes do término	“Por duas semanas eu saí da casa dela e vim morar numa pensão, só que a gente continuou com a relação, eu ia dormir na casa dela, umas quatro, cinco vezes por semana”.
<u>Emoções e sentimentos</u>	
Definição: As emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos de fracasso, culpa, ciúmes, raiva, vergonha e tristeza	<p>“Eu tinha muita vergonha de me encontrar com pessoas que conhecíamos em comum, isso eu evitava um pouco, a sensação é que eu tinha feito mal a ela, sabe! Mas eu acredito que bem, não tinha nenhum conflito interno”.</p> <p>“Eu tive ciúmes em alguns momentos, tive vergonha em alguns momentos também”.</p> <p>“Desse momento eu tive uma explosão de ciúmes, eu sei que tive, o fato dela estar com outra pessoa me fez ter muito ciúmes, é muito ciúmes a ponto, como na época eu tinha as senhas do e-mail dela, de vasculhar o e-mail dela e ter raiva dela, mas passou”.</p>

<u>Repercussões na saúde</u>	
Definição: As influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde dos participantes	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Interferiu positivamente na saúde	<p>“Eu emagreci vinte quilos e comecei a praticar esportes, então realmente eu saí da casa dela em dezembro. Seis meses depois eu tinha muito mais saúde, estava praticando esportes, muito mais magro, autoestima muito maior”.</p> <p>“Eu não tinha um problema de saúde, minha saúde melhorou porque eu corri atrás de fazer outros mais”.</p>
<u>Repercussão na identidade individual</u>	
Definição: As repercussões da separação na ressignificação da identidade individual	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Interferiu no investimento amoroso atualmente	<p>“Claro que eu valorizo (mulheres), mas é algo que me polio e tenho muita dificuldade de manter uma relação de maneira mais duradoura, eu me envolvo muito rapidamente, mas na mesma velocidade que eu me envolvo eu perco o interesse”.</p> <p>“Fui um bom canalha, tratei muito mal as pessoas que se envolveram comigo naquela época, acho que é normal do homem, se eu pudesse voltar atrás eu faria tudo diferente”.</p>
Repercutiu na vida social	<p>“Uma grande mudança social, eu tive uma grande mudança do ponto de vista da minha estrutura financeira”.</p> <p>“Tive uma grande mudança social, de ser uma pessoa casada, de estar em casa, e depois da separação, não está mais em casa. Passei a ficar todos os dias com o pessoal da universidade, para tomar cerveja e fazer o que não presta”.</p>

Reflexões sobre Marcelo

A entrevista se iniciou num clima leve e amistoso e assim transcorreu todo o seu tempo, Marcelo dizia que aproveitava seu mês de férias com a família e amigos da época de universidade, cheio de encontros e muitas histórias, deixando aparente a rotina pesada de trabalho e estudos que vivenciava nos últimos anos, cheio de viagens e missões (ele trabalha com explosivos em uma multinacional) que requer atenção e responsabilidade diretamente, pois envolve vários funcionários que podem sofrer sequelas e até perder a vida, em função de uma decisão errada.

Narrou sua história revelando que o casamento durou três anos, e já tem nove anos do seu término, no entanto diz sentir muita falta de sua ex-companheira e que tem por ela uma admiração que jamais ficou abalada, mesmo com o fim da união.

Identificamos que Marcelo não vivenciou o luto após a separação, pelo contrário, ele criou uma barreira de proteção quando expressa seu sentimento de liberdade. Vejamos a sua fala: “Quando me separei eu comecei a sair, comecei a ir a festas, comecei a tomar cerveja, a sair com os amigos, com outras mulheres, então estava bem por esse lado, mas tinha minhas festas na sexta e no sábado, de segunda a quinta tinha ela para conversar, para estar junto, ver filme”. Esse comportamento nos leva a crer em um luto tardio, ou seja, quando a reação emocional esperada não é experienciada, sendo transportada para um momento posterior, quando outra perda acontece. A emoção que foi contida se apresenta de forma intensa, destoando com a gravidade da atual perda (Worden, 1998). Outra hipótese é que a concretização da desvinculação só veio de fato quando a ex-companheira assumiu novos relacionamentos, eis sua fala: “Acabo que levei muito bem, o começo da fase de separação, foi muito pior a fase pós divórcio, quando ela se encontrou com outras pessoas”.

Ao descrever sua desvinculação, Marcelo diz que, mesmo separado, esteve por mais dois meses convivendo diariamente com sua ex-companheira, nos finais de semana tinha seu lazer, com a conduta de um solteiro e, durante a semana, permanecia se comportando como um casal, com encontros diários regados a atenção e posturas românticas. Declara que essa era uma situação confortável porque não havia cobranças por parte da companheira por um período e que ele demorou a se sentir sozinho. Quando houve o desejo, por parte dela, de um retorno ao relacionamento “sério”, termo utilizado por ele, logo se esquivou e preferiu o fim da relação. Sentia-se novo, com 19 anos, e desejava viver experiências típicas da sua idade, fato que sua ex-mulher já tinha vivenciado, pois tinha 27 anos. Essa diferença de idade foi mencionada em

todo transcorrer da entrevista, deixando nítido que teve um peso significativo tanto para unir-se a ela, por admiração, como para separar-se.

Os seus sentimentos atuais em relação à separação revelam a admiração que tem pela ex-esposa, transparecendo que esse sentimento sempre esteve presente: “Ela não era uma garota qualquer, porque a gente fala, é suspeito, mas seguramente ela é uma das mulheres mais especiais que existe, do ponto de vista de tudo, eu consigo ver que todo problema hoje foi gerado por minha cabeça”: “Ela era uma mulher fantástica, de todo ponto de vista, se eu pudesse conhecer ela hoje, teria deixado para conhecer hoje”. Muito abertamente expõe a expectativa de um possível acerto na relação se esta ocorresse atualmente, “Sinto que se eu conhecesse ela hoje, eu tenho essa cabeça muito melhor, estou muito mais velho, acredito que mais maduro, tenho meu emprego, se eu conhecesse ela hoje seríamos um casal, tenho certeza que amaria muito ela, a gente teria dado certo”. E manifesta a saudade ainda muita viva, mesmo após todos esses anos sem vê-la e sem estabelecer qualquer tipo de comunicação: “Eu sinto falta dela, mas não como mulher, eu sei que é feio falar disso, eu sinto falta da companhia, sinto falta dela, mas nenhuma mulher que está com um homem do lado que goste da companhia, da conversa, da presença, mas não goste dela, sabe!”.

Maldonado (2000) refere-se ao momento da separação como sendo mais difícil para quem toma a decisão, podendo provocar sentimentos difusos de alívio e euforia, ao passo que se faz presente também a culpa e a tristeza, pois é possível que as boas lembranças venham a emergir com o caminhar da desvinculação. No caso de Marcelo isso fica muito claro.

Marcelo ressaltou a dificuldade que teve para desvincular-se totalmente assim que houve o desejo de separar-se, mencionando episódios de recaídas e de algumas tentativas de reajustamento do relacionamento, recusando sua dissolução inicialmente, “Por duas semanas eu saí da casa dela e vim morar numa pensão, só que a gente continuou com a relação, eu ia dormir na casa dela, umas quatro, cinco vezes por semana”. O processo de desvinculação e a vivência do luto podem começar antes do rompimento de fato, é um morrer para o outro aos poucos, sendo comum que um dos parceiros tente salvar o casamento, fazendo que inúmeras tentativas sejam lançadas como armas nessa manutenção do vínculo afetivo (Kaslow & Schwartz, 1995).

No seu depoimento as emoções e os sentimentos mais frequentes após a separação foram: a sensação de fracasso, culpa, ciúmes, tristeza, raiva e vergonha. Sentia que tinha feito mal à ex-mulher, ao encontrar os amigos em comum, esquivava-se com receios do que estes iriam achar da separação, temia ser julgado como provocador do sofrimento dela. Quando ela retomou sua vida amorosa, teve uma “explosão” de ciúmes, reconhecia o direito que ela

possuía de ser feliz e de refazer seu percurso amoroso, entretanto estava acomodado na situação confortável de tê-la quando quisesse. Esse contexto não o livrou de se sentir abandonado, mesmo tendo sido ele o cônjuge que tomou a iniciativa da separação, demonstrando certo despreparo para vivenciar a quebra do vínculo.

Maldonado (2000) entende que o sentimento de raiva leva a um dos percursos que devem seguir os protagonistas de uma desvinculação, quando essa raiva vai suavizando demonstra-se que o sujeito em questão está entrando no processo de desligamento, o que sugere que está permitindo o outro da relação recomeçar sua vida amorosa.

Conforme o relato de Marcelo, a ruptura conjugal interferiu positivamente na sua saúde, visto que o impulsionou ao retorno das atividades físicas e a uma reeducação alimentar, gerando mais saúde e melhoria na estética, provocando, conseqüentemente, uma maior autoestima, “Eu emagreci vinte quilos e comecei a praticar esportes, então realmente eu saí da casa dela em Dezembro, seis meses depois eu tinha muito mais saúde, estava praticando esportes, muito mais magro, autoestima muito maior”.

Para Féres-Carneiro (2003), a separação é uma oportunidade de desempenhar novas facetas de si mesmo e de firmar novos projetos existenciais. Dessa forma, podemos enquadrar nosso entrevistado nesse contexto, visto que ele direcionou seus investimentos para saúde e para as novas maneiras de se relacionar socialmente. Vemos a presença desses novos projetos existências na sua fala ao tratar da sua mudança social e financeira: “uma grande mudança social, eu tive uma grande mudança do ponto de vista da estrutura financeira”, e ainda “Tive uma grande mudança social, de ser uma pessoa casada, de estar em casa, e depois da separação, não está mais em casa. Passei a ficar todos os dias com o pessoal da universidade, para tomar cerveja e fazer o que não presta”. Detectamos a presença de um apoio direto do seu círculo de amizade no retorno a sua identidade individual, esse suporte proporcionou entretenimento constantemente, o que impedia que sentimentos como solidão e arrependimento surgissem no primeiro momento.

Na sociedade contemporânea, cada vez mais observamos homens que se apoiam em suas companheiras no sustento da família, indo de encontro aos preceitos anteriores, que eram baseados em modelos patriarcais, nos quais o homem era o provedor, rejeitando a possibilidade de uma parceira determinar o fluxo financeiro da casa.

Quando Marcelo fez sua reflexão sobre novos investimentos amorosos acrescenta que esses anos foram difíceis para estabelecer relacionamentos afetivos duradouros, apontando a fragilidade dos romances, sempre repentinos e breves, aparecendo na mesma velocidade em que são desfeitos: “Claro que eu valorizo (mulheres), mas é algo que eu me polio e tenho

muita dificuldade de manter uma relação de maneira mais duradoura, eu me envolvo muito rapidamente, mas na mesma velocidade que eu me envolvo eu perco o interesse”; “fui um bom canalha, tratei mal as pessoas que se envolveram comigo naquela época, acho que é normal do homem, se eu pudesse voltar atrás faria diferente”. Demonstra arrependimento, contudo fica explícito que seus padrões ainda são baseados no modelo patriarcal que permite ao gênero masculino a efemeridade nas relações.

Ao falar da sua iniciativa para o término da união, verbaliza: “Hoje vejo que os problemas eram meus, não dela, só que chegou um momento que eu não quis estar mais com ela, me sentia mal, me sentia menor que ela”. De acordo com Kaslow e Schwartz (1995), quando os cônjuges crescem em caminhos distintos ou quando apenas um vence e o outro fica obsoleto, sem grandes mudanças profissionais, abre um campo gerador de desequilíbrio, favorecendo as tensões e um possível rompimento conjugal. É o que encontramos no contexto do participante, com o crescimento profissional e, conseqüentemente, financeiro da parceira, houve um afastamento do casal, intensificando as divergências, pois as diferenças de status social, profissional e financeiras ficaram mais visíveis, passando a dependência incomodar e ele não estar preparado para essas transformações advindas da emancipação feminina. Podemos ver em seu relato, “Só que a gente tinha um conflito era ela que trabalhava e o dinheiro era dela, então o dinheiro era nosso, mas quando tinha um conflito de interesse era ela que decidia, normal!”; “Sentia que ela não me respeitava como, naquela época eu imaginava como uma mulher tem que respeitar o marido, me incomodava muito o fato dela pagar as contas da casa e eu não, então tudo isso fazia com que tivesse um problema”.

A sua relação atualmente com a ex-companheira foi descrita como inexistente, devido ao seu atual companheiro que não permite qualquer tipo de vínculo com Marcelo. Acredita que a amizade entre eles gera insegurança no atual companheiro dela e entende essa proibição, destacando que faria o mesmo se estivesse no papel do marido atual: “Já paramos de nos falar, de nos ver, até porque ela estava com outro rapaz e o cara não gostava que ela tivesse comigo, o que é perfeitamente entendível”. Todavia, o que chama a atenção é a necessidade de Marcelo em dar “satisfações” à sua ex-esposa, ele diz: “Quando eu terminei a faculdade eu mandei um e-mail para ela dizendo que estava formado, quando terminei o mestrado eu mandei um e-mail dizendo que tinha terminado o mestrado, é muito provável que quando eu termine o doutorado eu mande para ela um e-mail dizendo que terminei o doutorado”. Diante dessa afirmação percebemos a manutenção da vinculação emocional dele para com ela.

Quando questionado sobre a procura de algum tipo de apoio psicológico com um profissional da área, disse-nos que não houve nenhuma mudança de perspectiva de vida que o

levasse a crer que precisava de um psicólogo. Vejamos sua fala: “não tive uma mudança psicológica, não passei a enxergar o mundo de outra maneira, passei a sair mais, passei a me envolver com muitas mulheres em um tempo muito curto, eu fui um bom canalha”.

Chama-nos a atenção de que o modelo de casamento adotado por Marcelo é semelhante ao de outras gerações de sua família, levando-nos a pensar tratar-se de um legado transgeracional: “Tem meu pai que se divorciou, e há um problema, é um cara que não voltou a casar. É até uma maneira muito peculiar da minha família de enxergar a relação. Eu acredito que meu irmão também, embora não seja tão forte. Eu não dou valor ao casamento, eu não dou valor à figura do casal, do homem e da mulher. Eu não dou valor a isso, eu acredito que hoje, eu acho, que seja só talvez, não sei, influência do meu pai”. Muitos dos padrões de comportamento e regras sociais expressos, segundo Baptista, Cardoso e Gomes (2012), são aprendidos no seio familiar. Eles afirmam que os valores transmitidos pela família não estão circunscritos à família nuclear. Esclarecem que essa transmissão de valores perpassa gerações, sendo frequentemente um legado intergeracional. Nesse cenário, a qualidade das interações assume especial relevância nas trocas afetivas que favorecem a transmissão informal de conhecimento e as formas de socialização coletiva que permitem aos membros de uma família desenvolver estratégias para o enfrentamento e resolução de crises no decorrer da vida.

Finalizamos esta análise com o ideal de família contido na fala de Marcelo e que nos parece típico da época romântica do século XIX (Del Priore, 2005), onde havia uma idealização do amor e do desejo de eternizar o matrimônio: “Estou com vontade de chorar, merda! Está faltando cerveja, não! É tudo isso. Família é muito importante, encontrar uma pessoa e construir com ela um lar e ter filhos, e acaba o que todo mundo procura, né! Bom, não sei! É isso!”.

ENTREVISTA N.6 –

4.6 Carlos, taxista, 61anos, separado há 5 anos, com 2 filhos.

Carlos separou-se há cinco anos, e dessa união teve um casal de filhos que o apoiaram quando decidiu pela ruptura conjugal, já que o viram lutar para manter a relação. Abriu mão de todos os bens do casal, e permaneceu contribuindo significativamente na criação dos filhos. Nesse processo buscou auxílio psicológico e uma retomada afetiva, fatores-chave para sua ressignificação individual.

“Ficamos morando lá e eu insisti na reconciliação, insisti durante cinco anos, até quando eu vinha com minha filha para o colégio e ela disse que a mãe tinha um namorado.”

Unidades de sentido

<u>Características do luto</u>	
Definição: Características do luto vivenciado no decorrer do processo de separação	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos logo após a separação	<p>“Eu liguei para casa, falei com minha filha: um chorava para um lado, o outro chorava do outro, aí eu tive no outro dia na casa para pegar minhas coisas, me doeu muito.”</p> <p>“Ali nem sonhar eu ia ali, porque sonhava em passear na praia, caminhar na praia, isso foi uma dor muito grande.”</p>
Tempo de duração desses sentimentos	<p>“Mas eu tenho certo, isso permaneceu por um ano e meio, até eu encontrar uma outra pessoa.”</p>
Tentativas de reconciliação antes do término	<p>“Aí foi quando eu errei, eu não aceitei, se o casamento acabou por conta da casa, eu fui lá e vendi a casa, pelo terço do preço e dei a ela a parte dela, ela gastou, eu peguei a minha parte e comprei a praça do táxi, e ficamos morando lá (antiga casa do casal).”</p> <p>“Eu insisti na reconciliação, insisti durante cinco anos, até quando eu vinha com minha filha para o colégio e ela disse que a mãe tinha um namorado.”</p>

<u>Emoções e sentimentos</u>	
Definição: As emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos de perda, traição, vergonha, ciúmes, posse e rancor	<p>“De perda, de traição, agora não entendo como eu reagi daquele jeito, eu simplesmente cheguei à noite, eu já vinha desconfiado, porque ela saía todas as sextas-feiras e chegava duas da manhã, então eu já sabia, mas nunca tive coragem para ir atrás para ver.”</p> <p>“Sua mãe tem um namorado (ele se referindo a um diálogo com a filha). É chato eu permanecer aqui, porque todos os vizinhos devem saber e eu soube hoje, eu estou envergonhado, não quero confusão.”</p> <p>“Foi um sentimento de perda, de ciúmes, aí meu Deus, minha esposa que eu gostava tanto, está com outro homem, como será esse homem? Eles fazendo amor?”</p>
<u>Repercussões na saúde</u>	
Definição: As influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde dos participantes	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Interferiu negativamente na saúde	“Sim, porque você não tem vontade de comer, outras pessoas seguiriam para a bebida, eu parei de comer e por influência de amigos, amigos vírgula que eu não tinha amigos, passei a frequentar prostíbulos.”
<u>Repercussão na identidade individual</u>	
Definição: As repercussões da separação na ressignificação da identidade individual	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Plano conjugal unilateral	<p>“Com relação a casa de praia construída ela me disse que não era para a gente morar, mas para eu morar lá. Que aquele era meu sonho e não dela, que se eu tivesse perguntado o sonho dela, ela teria me dito que era para eu ter construído três casinhas (no local da casa grande de praia), alugava duas e a gente veraneava em uma.”</p> <p>“Porque eu não entendia a cabeça da minha esposa, porque nós tínhamos tudo, uma boa casa, um salário bom, ela não trabalhava, morava em uma casa boa, ela tinha todos os confortos do mundo, ela se envolver com um</p>

	<p>cara que eu não conheço pessoalmente, mas pelo que eu fiquei sabendo, o cara não tinha nada, nada!”</p>
<p>Retorno às atividades individuais (estudos, trabalho, atividade física)</p>	<p>“Aí foi quando eu fui me matriculei no colégio, para terminar o ensino médio, já que eu estava escrevendo um livro sobre minha história.”</p> <p>“Aí foi quando eu entrei na academia para malhar. Queria perder aquela barriga, não queria mais aquela barriga, eu não tinha 78 anos, queria pegar massa muscular, fui para uma academia.”</p>
<p>Há um investimento afetivo atualmente</p>	<p>“Eu disse ao meu psicólogo que tinha me apaixonado pela pessoa errada, essa mulher que eu namoro agora é casada. Ele me mandou agir com a razão, só que eu não tenho razão, eu sou só coração.”</p> <p>“Eu me encantei com ela, pela personalidade dela, e ela se encantou comigo nessa parte, só que ela fez uma bobagem, ela estava de batom e ela deu um beijo na frente do cartão que ia me entregar e ficou o batom dela. Aquilo foi para mim como a flecha do cupido.”</p> <p>“Hoje eu agradeço a Deus, ela me deu vontade de viver, eu passei a procurar médico, eu passei a fazer uma alimentação balanceada, eu fiz uma cirurgia que há muito tempo que eu queria fazer, estava com vontade.”</p> <p>“Com a separação, não tinha mais interesse em, nada, mas agora não, eu tinha uma pessoa que se interessava por mim, eu tinha a chance de, puxa com 58 anos (na época), eu posso viver uma vida nova, então vou correr atrás dela.”</p>
<p>Novos projetos existenciais</p>	<p>“Eu quero ser um homem perfeito mesmo aos 60, 70 anos, para pular de paraquedas, para não ter distinção para mim, para eu ir para qualquer canto, para eu poder vestir qualquer tipo de roupa. Eu quero ser esse homem.”</p> <p>“Hoje eu tenho um sonho de vida, estou me preparando para morar só, eu estou com muito medo, medo da solidão, tenho esperança de mais na frente me encontrar com esse novo amor.”</p>

	“Eu não quero nada, eu quero ser feliz, hoje eu quero ser feliz.”
Percebe a separação como estímulo a mudanças positivas em sua vida	“Se você me conhecesse casado e me visse hoje, a forma de me vestir, a vontade de viver, o que eu cresci, você ia dizer que isso era um milagre. Hoje eu sou uma outra pessoa, aprendi muito com os psicólogos.”
Retomada da identidade individual foi um processo difícil	“E não podia falhar, mas eu ia trabalhar e o corpo não reagia, eu trabalhava de manhã, mas eu ia revoltado, dizendo que quando eu terminasse aquele compromisso eu ia desaparecer.”

Reflexões sobre Carlos

Carlos começa sua fala dizendo que está feliz em participar da entrevista, que tudo que irá dizer naquela conversa ele diz a todos em seu táxi. Faz isso porque se sente bem em compartilhar sua história, porque sabe que irá desabafar sentimentos e também servir de conselhos que servirão para ajudar outras pessoas que vivenciaram a experiência do divórcio. Disse estar escrevendo um livro sobre seus relacionamentos e que eles lhe tinham trazido grande aprendizado.

Ao analisarmos sua entrevista, os primeiros sentimentos que se apresentaram após a ruptura conjugal foram de dor, choro fácil, desespero, perda e ciúmes da ex-companheira. Vemos na fala: “Eu liguei para casa, falei com minha filha: um chorava para um lado, o outro chorava do outro, aí eu tive no outro dia na casa para pegar minhas coisas, me doeu muito.” E ainda: “Ali nem sonhar eu ia ali, porque sonhava em passear na praia, caminhar na praia, isso foi uma dor muito grande.” Essa reação é comum quando olhamos a instituição do matrimônio como acolhedora, provedora de proteção e respeitável variável de estabilização social e psíquica. Reforçamos esta tese citando Gomes (2003, p.13) ao dizer:

A instituição do casamento tem por função proteger os seres humanos, pois lhes fornece, em primeiro lugar, papéis bem definidos, passíveis de aceitação e inserção social; em segundo, lhes facilita a estabilização da

identidade e o acolhimento do desejo amoroso e da necessidade de intimidade; em terceiro, possibilita a formação de uma rede de apoio externa, representada pela família extensa; e em quarto, defende-os de si mesmos, de forma concreta, prolongando-lhes o tempo de vida.

Outra variável que devemos observar é o apego sentimento que surge dos laços de afeto entre as pessoas. Podemos identificar através das colocações de Carlos que sua não aceitação ao fim do casamento aconteceu por estar ainda muito vinculado afetivamente à sua ex-mulher. Paiva (2009) ao averiguar as demandas recebidas na clínica, conseguiu identificar a dificuldade que os sujeitos enfrentam para estabelecer vínculos amorosos gratificantes, proveniente das novas demandas sociais. Dessa forma, entendemos que o casamento para Carlos é fonte de segurança e apoio, com a ruptura matrimonial, precisou enfrentar um processo de luto para adaptar-se à perda. Worden (1998, p.22) nos diz que “você não pode lidar com o impacto emocional de uma perda enquanto não aceitar o fato de a perda ter ocorrido”. Os comportamentos apresentados por Carlos são característicos de uma resposta emocional que protesta ao distanciar-se do seu laço afetivo.

Quanto ao tempo de duração desse processo doloroso, Carlos diz, com precisão, ter sido de um ano e meio. Essa precisão na verbalização do tempo de sofrimento deve-se às mudanças sofridas e aos sentimentos que vivenciou: “Mas eu tenho certo, isso permaneceu por um ano e meio, até eu encontrar uma outra pessoa”. Fazendo um paralelo entre o luto da perda por separação e o luto por morte, podemos dizer que vivenciar uma separação seria semelhante a vivenciar a morte de uma pessoa próxima. Assim, da mesma forma que “uma pessoa pode pensar no falecimento sem manifestações físicas, como choro intenso ou sensação de tensão no peito” (Worden, 1998, p.31), isso também pode ocorrer nas separações amorosas. Da mesma forma, o luto está terminado quando uma pessoa pode reinvestir suas emoções na vida e no viver” (Worden, 1998, p.31). No caso de Carlos, ele demarca o final do seu luto a partir do surgimento de outra pessoa na sua vida.

As emoções e os sentimentos mais frequentes em Carlos após a separação foram sentimentos de perda, de traição, de vergonha, de ciúmes, de posse e de rancor. Sobre isso, fizemos alguns recortes de sua entrevista: “De perda, de traição, agora não entendo como eu reagi daquele jeito, eu simplesmente cheguei à noite, eu já vinha desconfiado, porque ela saía todas as sextas-feiras e chegava duas da manhã, então eu já sabia, mas nunca tive coragem para ir atrás, para ver”. E continua: “Sua mãe (ele se referindo a um diálogo com a filha) tem um namorado, é chato eu permanecer aqui, porque todos os vizinhos devem saber e eu soube hoje,

eu estou envergonhado, não quero confusão.” E ainda, “Foi um sentimento de perda, de ciúmes, aí meu Deus, minha esposa que eu gostava tanto, está com outro homem, como será esse homem? eles fazendo amor?” Podemos compreender que esses sentimentos são derivados de uma desvinculação e mesmo quem toma a iniciativa do rompimento, está sujeito a ser afetado por emoções contraditórias e dolorosas. Assim, para enfatizar esse raciocínio recorremos a Porchat (1992, p.104):

Seja porque foi deixada, seja porque é ela quem deixa – amor, ódio, culpa, tristeza, medo, solidão, sensação de abandono, sentimento de fracasso, desorientação, quadros de estresse emocional e físico podem constituir a vida dessas pessoas por longo tempo.

Ao tratamos dos sentimentos de posse que nosso entrevistado ressalta comungamos com Osório quando se refere ao sentimento de posse como o veneno das relações humanas e enraizado nos núcleos narcísicos arcaicos da condição humana.

Em cada relação afetiva, somos levados a reeditar o vínculo possessivo original com a matriz que nos gerou. A fantasia primordial do bebê é a de que a mãe existe em função dele, unicamente para servi-lo e satisfazer suas necessidades. A vida se encarregará de corrigir essa ilusão primária e o fará à custa de maior ou menor grau de sofrimento psíquico por parte do indivíduo, de acordo com sua respectiva maior ou menor capacidade de renúncia à posse exclusiva do objeto amado (2013, p.100).

No decorrer da entrevista, Carlos faz menção aos anos que insistiu na reconciliação: “Eu insisti na reconciliação, insisti durante cinco anos, até quando eu vinha com minha filha para o colégio e ela disse que a mãe tinha um namorado”. “Aí foi quando eu errei, eu não aceitei, se o casamento acabou por conta da casa, eu fui lá e vendi a casa de praia, pelo terço do preço e dei a ela a parte dela. Ela gastou. Eu peguei a minha parte e comprei a praça do táxi”. Galina (2009, p.421), diz que no contexto terapêutico é frequente a queixa de ausência de investimento na construção do espaço relacional assim, ele ressalta que “a distinção entre o espaço individual e o espaço relacional, tem como critério a expectativa de cada um, de como cada cônjuge investe no espaço da relação”.

Nessa perspectiva, somos alertados por Falcke, Wagner e Mosmann (2013, p.168), quando dizem que a “intensa e complexa convivência em um relacionamento conjugal acionam constantemente demandas individuais e conjugais, existindo várias demandas que são disparadoras de conflitos e de uma diversa gama de sentimentos entre os cônjuges.” Dessa forma, mesmo com as tentativas de reconciliação, em muitos casos o destino final se torna a desvinculação já que os conflitos emergidos não foram solucionados de forma satisfatória ao ponto de promover qualidade conjugal e a extinção do desejo de ruptura.

Quando questionado sobre a interferência que esse rompimento conjugal trouxe à sua saúde, Carlos deixa claro o quanto intenso e prejudicial foi esse momento. Sentiu-se depressivo e abatido, sem apetite e apático para as atividades diárias: “Sim, porque você não tem vontade de comer, outras pessoas seguiriam para a bebida, eu parei de comer e por influência de amigos, amigos vírgula, que eu não tinha amigos, passei a frequentar prostíbulos.” Essa resposta do seu corpo revela o luto vivenciado, que tratamos anteriormente e que, promove comportamentos que expressam a fadiga sem causa biológica aparente, comum em pessoas que perderam entes queridos, por morte ou separação.

Como ocorreu com outros entrevistados para este estudo, Carlos também revela a ausência de um plano conjugal sólido. O que nos foi apresentado por ele foi um plano conjugal unilateral, da sua parte, já que acreditava na resistência e durabilidade de sua relação amorosa. Ele nos verbaliza que “Com relação à casa de praia construída ela me disse que não gente morar, mas para eu morar lá. Que aquele era meu sonho e não dela. Que se eu tivesse perguntado o sonho dela, ela teria me dito que era para eu ter construído três casinhas (no local da casa de praia), alugava duas e a gente veraneava em uma.” E disse ainda sobre a ex-esposa: “Porque eu não entendia a cabeça da minha esposa, porque nós tínhamos tudo, uma boa casa, um salário bom, ela não trabalhava, morava em uma casa boa, ela tinha todos os confortos do mundo, ela foi se envolver com um cara que, eu não conheço pessoalmente, mas pelo que eu fiquei sabendo, o cara não tinha nada, nada!”

Analisando-se a dinâmica da família de Carlos percebe-se uma demarcação de papéis e funções antagônicas aos da família contemporânea. Nesta, não cabe apenas ao homem ser o provedor da família e a mulher, apenas o cuidado do lar. Osório (2013, p. 68) retrata claramente essa realidade ao dizer:

O papel conjugal pressupõe a interdependência de ambas as partes, e sua essência radica-se no postulado de que a sobrevivência dos indivíduos que os constituem é facilitada pelo compartilhamento de

tarefas no mútuo preenchimento dos desejos e das necessidades de cada um. Cooperação, competição, simbiose, complementariedade, reciprocidade são alguns termos que delimitam o papel conjugal. O papel conjugal não abarca, portanto as atribuições decorrentes da função reprodutora, que pertencem à esfera do papel parental.

O que devemos salientar é que o que é visto como “tínhamos tudo” pelo entrevistado, pode ter sido insuficiente para sua ex-companheira; o ficar em casa exigido a muitas mulheres que se casam, é uma forma de posse, uma possível expressão de ciúmes, demonstrando poder e controle da relação por parte do homem. Diniz (2013, p.201) ao trabalhar a violência nas relações conjugais, alerta para a divisão sexual do trabalho: “Não podemos ignorar que esse “ficar em casa” reflete uma exigência do marido e uma expectativa da mulher em função do cumprimento dos papéis tradicionais de gênero.” E acrescenta: “Pode ser um indicador de controle, posse, ciúmes e refletir o ideário machista de que “mulher casada, mulher tem dono, tem que ficar confinada ao lar e andar na rédea curta!”.

Devemos atentar para a diferença de idade entre os ex-cônjuges. Carlos faz referência à diferença de idade entre ele e sua ex-esposa, o tempo que os separava era de 16 anos. Diante disso, a diferença de idade pode ter sido uma variável relevante para o não estabelecimento de um plano conjugal comum aos dois. Osório alerta para a acentuada diferença de idade, como sendo fator que suscita preconceitos e dificuldade à criação de um plano conjugal, principalmente no que diz respeito a filhos, “a maior dificuldade dessas relações está em fazer projetos de vida compatíveis, porque cônjuges com grande diferença de idade têm expectativas diferentes ao seu futuro. E aí, entra, muitas vezes, a questão do poder ou querer ter filhos” (2013, p.82).

Em se tratando do seu retorno às atividades individuais, ele menciona a volta aos estudos, ao trabalho e ao exercício físico. Ele diz: “Aí foi quando eu me matriculei no colégio, para terminar o Ensino Médio, já que eu estava escrevendo um livro sobre minha história”. E continua: “Aí foi quando eu entrei na academia para malhar, queria perder aquela barriga, não queria mais aquela barriga, eu não tinha 78 anos, queria pegar massa muscular, fui para uma academia”. Essas foram as maneiras encontradas pelo entrevistado para ressignificar sua vida, traçando novos objetivos e metas para a construção da sua identidade individual. Entendemos identidade individual como conceito defendido por Singly, citado por Féres-Carneiro (1998) quando nomeia como sendo a possibilidade de o indivíduo se constituir como ser autônomo,

satisfazendo suas necessidades de crescimento e desenvolvimento, sob ideais e contextos individualistas que estimulam a realização dos seus projetos e desejos.

Houve claramente um retorno aos investimentos afetivos, fator que favoreceu a saída do luto e a um resgate do sentido de vida do indivíduo analisado. Ele nos diz: “Eu disse ao meu psicólogo que tinha me apaixonado pela pessoa errada, essa mulher que eu namoro agora é casada. Ele me mandou agir com a razão, só que eu não tenho razão, eu sou só coração.” E ainda “Eu me encantei com ela, pela personalidade dela, e ela se encantou comigo nessa parte, só que ela fez uma bobagem, ela estava de batom e ela deu um beijo na frente do cartão que ia me entregar e ficou o batom dela. Aquilo foi para mim como a flecha do cupido.” O que percebemos nesse terceiro investimento amoroso de Carlos é o que foi comprovado no estudo de Féres-Carneiro (2003) que constatou a dificuldade que os homens possuem para permanecerem só, buscando novos investimentos afetivos, possuindo uma tendência acentuada a recasar mais rapidamente do que as mulheres. Esse processo diminui os questionamentos e as reflexões que poderiam surgir ao entrarem em contato com seus sentimentos nesse processo de ruptura. Essa incidência de recasamentos reforça o que encontramos no nosso primeiro capítulo, quando buscamos analisar o percurso do casamento no Brasil, e obtivemos índices relevantes do IBGE a respeito dos recasamentos realizados pelos viúvos e divorciados. Frente a esses índices, notamos que ainda ocorre um alto índice de casamentos, corroborando a existência do desejo de partilhar uma vida conjugal.

O entrevistado afirma ter sido esse novo investimento afetivo o responsável pelo resgate do seu sentido de vida, como mencionado acima. Constatamos isso nas falas a seguir: “Hoje eu agradeço a Deus, ela me deu vontade de viver, eu passei a procurar médico, eu passei a fazer uma alimentação balanceada, eu fiz uma cirurgia que há muito tempo que eu queria fazer, estava com vontade.” E ainda “Com a separação, não tinha mais interessante naquilo, nada, mas agora não, eu tinha uma pessoa que se interessava por mim, eu tinha a chance de, puxa com 58 anos (na época), eu posso viver uma vida nova, então vou correr atrás dela”. Entendemos que o homem em sua essência busca constantemente estabelecer relações e vínculos com outros seres humanos, visando à obtenção de afetos, reconhecimentos e trocas. Já que “a solidão foi descrita por homens e mulheres como uma dificuldade a ser enfrentada após a separação” (Féres-Carneiro, 2003, p.372). Na nossa pesquisa, esses sentimentos de solidão foram comuns em ambos os sexos. Os novos projetos existenciais apresentados pela entrevista são coerentes com os resultados encontrados em outras entrevistas (Féres-Carneiro, 2003). Tanto no nosso caso como em estudos anteriores se observou que as separações conjugais estão

em constante crescimento porque homens e mulheres ambicionam relações amorosas mais “verdadeiras e gratificantes” (p. 373).

Carlos, em suas falas, nos revela sua busca por nova vinculação: “Eu quero ser um homem perfeito mesmo aos 60, 70 anos, para pular de paraquedas, para não ter distinção para mim, para eu ir para qualquer canto, para eu poder vestir qualquer tipo de roupa. Eu quero ser esse homem.” E ainda “Hoje eu tenho um sonho de vida, estou me preparando para morar só, eu estou com muito medo, medo da solidão, tenho esperança de mais na frente me encontrar com essa pessoa.” Ele revela os fatores que ele acreditou serem relevantes para o estabelecimento de um sentido de vida pós-separação.

Todo esse processo de ressignificação da identidade individual foi sentido de forma difícil pelo Carlos, apesar de vê-las como mudanças positivas em sua vida que ele deveria passar, também lhes caracteriza como difíceis de serem vivenciadas: “Se você me conhecesse casado e me visse hoje, a forma de me vestir, a vontade de viver, o que eu cresci, você ia dizer que isso era um milagre, hoje eu sou uma outra pessoa, aprendi muito com os psicólogos.” Essa retomada à identidade individual é um processo difícil e que as consequências de uma separação podem ser longas e dolorosas, visto que ambos passam da condição de cônjuge para o estado de não possuir vínculos amorosos. Isso envolve a perda da identidade conjugal e a elaboração de um luto (Féres-Carneiro, 2003). Na fala do entrevistado, percebe-se o desejo de retomada das suas atividades, vendo-as com valor e importância, compreendendo a necessidade de experienciar outras vivências amorosas. Entretanto, apresenta nitidamente o entendimento de que ele viveu profundamente o sentimento do luto pela desvinculação.

ENTREVISTA N.7 –

4.7 João: Professor, 28 anos, separado há 2 anos, um filho.

João foi casado durante 4 anos com uma colega de profissão, após a sua tomada de decisão pela ruptura, ocorreram muitos episódios de brigas, estabelecendo com a ex-companheira uma relação delicada e conflituosa, que envolve constantemente a convivência/ausência da filha do casal.

“Se separar foi uma consequência de vários erros que surgiram, que se colocaram no meio e a gente não teve a maturidade suficiente para decidir o que estava certo e o que estava errado. Eu acho que se eu casar novamente, se ela casar novamente, a gente vai ser muito mais feliz do que a gente foi quando ficamos juntos.”

Unidades de sentido

<u>Características do luto</u>	
Definição: Características do luto vivenciado no decorrer do processo de separação	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos logo após a separação	“Sofri um bocado, porque eu estava me reacostumando com o que estava acontecendo, por mais que a decisão tivesse sido minha, eu ainda tinha um peso em cima de mim, de acordar e não vê a minha filha, eu estava muito acostumado com elas, claro”
Sentimentos atuais em relação à separação	“Eu superei assim, a separação eu superei rápido.” “Ainda hoje eu costumo falar algumas coisas do passado que aconteceu, mas não como se tivesse tentando voltar no que aconteceu, só citando exemplo que eu digo assim, que eu costumo errar uma vez, na segunda vez eu já tomo cuidado na hora de errar. Então é pegando exemplos do que aconteceu e tento não errar como eu errei no passado.”
<u>Emoções e sentimentos</u>	
Definição: As emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-separados	

<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Sentimentos de tortura, depressivos, sofrimento, evitativo, comportamento destrutivo.	<p>“Depois que me separei a primeira coisa que eu quis fazer, foi dar fim a tudo. Para você ter uma ideia, em um sábado eu vendi um carro e uma moto que eu tinha, porque eu nem andava mais, eu não queria tudo que me lembrasse que eu tava casado, eu quis dar fim aquilo.”</p> <p>“De depressão, de ficar isolado e não querer ir trabalhar mais. Passei uma semana sem ir para o trabalho.”</p> <p>“Quando eu me mudei eu não quis trazer nada do que eu tinha. Eu trouxe mal minhas roupas, porque depois que eu saí eu passei duas semanas para ir lá, e eu comprei roupa para ficar na casa da minha mãe porque eu não queria ir buscar minhas roupas.”</p> <p>“Eu não quero nada, nada, nada. Vou reconstruir.”</p>
<u>Repercussões na saúde</u>	
Definição: As influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde dos participantes	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Interferiu negativamente na saúde	“Teve em relação, eu sou sempre muito ligado no que eu vou fazer, os processos que eu acompanho, na empresa que eu trabalhava eu tinha um cargo de supervisor, então eu tinha que acompanhar todos os processos de uma equipe, o que eles estavam fazendo, o que eles estavam efetuando, e eu não estava acompanhado nada, assim naquele processo eu estava desligado.”
Suporte da família e amigos	“A família, mãe, pai ajudou um bocado. Uma colega também que eu não esqueço mais, ela me ajudou bastante a superar essas coisas, se não fosse por causa dela eu não tinha superado tão rápido como eu superei.”
<u>Repercussão na identidade individual</u>	
Definição: As repercussões da separação na ressignificação da identidade individual	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Suporte	“Em um ano eu já estava acostumado com o que tinha acontecido, já

familiar	<p>“tinha retomado a minha rotina normal de vida, a minha rotina em casa, voltei para casa dos meus pais aonde eu me sentia melhor, e lá eu consegui retomar essa rotina.”</p>
Retomada afetiva	<p>“Após minha separação, inicialmente eu me separei no período de carnaval, aí fiquei sem querer ninguém perto de mim, curti um bocado. Aí depois eu, não sei se é da minha natureza humana, mas saiu toda aquela coisa que eu tinha de ficar sozinho e eu namorei com essa minha amiga um tempo, esses oito meses, aí depois me separei, e ela ficou minha amiga.”</p> <p>“E recentemente estou namorando novamente e a minha vida desse jeito, eu não sei se eu consigo ficar sozinho, eu acho que eu tenho sempre que ter alguém conversando e falando algo.”</p>
Reestruturação financeira	<p>“A responsabilidade que eu tenho hoje é com minha filha, então eu saí de uma responsabilidade geral que eu tinha, para uma responsabilidade só para minha filha. Eu consegui reestruturar minha vida financeira que eu tinha, o valor que eu fiz questão de atribuir a porcentagem que ia ser descontado no meu salário, eu cheguei no dia da audiência e disse que quero que seja X.”</p> <p>“Então eu fiz isso, e com isso eu também consegui estruturar minha vida financeira, porque eu não tinha praticamente, hoje eu tenho, então melhorou.”</p>

Reflexões sobre João

João começou seu relato afirmando que o processo de ruptura foi difícil, mas não culpava a ex-esposa pelo acontecido. Acreditava que a soma das inabilidades do casal para resolução de conflitos levou à crise conjugal, demarcada com a separação muitas vezes anunciada por ambos, nos momentos de brigas. Apesar de ter tomado a iniciativa para tal decisão, acredita que poderia ter sido qualquer um dos dois, visto que a insatisfação era exposta constantemente por eles.

As características do luto vivenciadas por João no decorrer do processo de separação foram de sofrimento e difícil readaptação, ou seja, de não aceitação da realidade. Papalia, Olds e Feldman (2010, p.539) nos alertam que “o divórcio não é um evento único. É um processo”. Podemos dizer que até mesmo o término de um matrimônio infeliz pode ser árduo e doloroso, agravando-se quando se possuem filhos dessa relação. Os autores citados, citando Morrison e Cherlin, (1995, p.801) esclarecem que o divórcio é “uma sequência de experiências potencialmente desgastantes que se iniciam antes da separação física e prosseguem depois dela”. É o que podemos verificar em João, quando afirma que o afastamento da filha pequena com quem convivia diariamente, participando ativamente de sua educação, foi o maior obstáculo. Vejamos em seu discurso: “sofri um bocado, porque eu estava me reacostumando com o que estava acontecendo, por mais que a decisão tivesse sido minha, eu ainda tinha um peso em cima de mim, de acordar e não vê a minha filha, eu estava muito acostumado com elas, claro” (ele inclui a ex-esposa, na sua frase).

As relações de afeto experienciadas por nós, os humanos, envolvem uma gama de variáveis complexas. Dessa forma, para se obter qualidade conjugal, segundo Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006), deve-se levar em consideração as interações de inúmeros fatores, as características pessoais dos membros desse casal e suas estratégias de adaptação às transformações que emergem em uma relação e em seu meio. Quanto mais amplos forem esses mecanismos de adaptação, maior possibilidade de manutenção da qualidade conjugal. “A amplitude de possibilidades de interação dessas variáveis, expressam o desafio que os cônjuges enfrentam para permanecer casados e com bons níveis de satisfação no relacionamento” (Falcke, Wagner & Mosmann, 2013, p.159). No caso de João podemos entender que o casal não desenvolveu, ou não possuía mecanismos de adaptação e resolução de conflitos suficientes para manter a qualidade conjugal, o que os levou à separação. Brito (2008), ao pesquisar o rompimento conjugal e parentalidade, no período de 2002 a 2005, constatou que muitos homens relataram que quase enlouqueceram com o distanciamento dos filhos, imposto pelo divórcio, inclusive apresentando sintomas físicos, como consequência. Com nosso entrevistado não foi diferente. João afirma e associa o seu sofrimento ao fato de não estar com sua filha ao acordar.

As emoções e sentimentos mais frequentes em João, ao divorciar-se, foram: sentimentos de tortura, de sofrimento, comportamentos evitativos à ex-parceira, comportamentos destrutivos. Considerou estar depressivo nessa fase e buscou isolar-se. Vejamos suas falas: “Depois que me separei, a primeira coisa que eu quis fazer foi dar fim a tudo. Para você ter

uma ideia, em um sábado eu vendi um carro e uma moto que eu tinha, porque eu nem andava mais, eu não queria tudo que me lembrasse que eu estava casado eu quis dar fim aquilo”.

Se compararmos o luto de um divórcio com o luto vivenciado pela perda de um ente querido, veremos que em ambos os casos ocorre um processo de adaptação a essa circunstância de ausência, podendo interferir em todos os campos da vida do sujeito que se percebe desvinculado afetivamente, ou que, permanece vivo, respectivamente. Papalia, Olds e Feldman (2010, p.716) nos dizem que: “a perda geralmente provoca mudanças de status e de papel. Pode haver consequências sociais e econômicas → perda de amigos e, às vezes, de renda. Mas primeiro ocorre o pesar do luto → resposta emocional vivenciada nos primeiros estágios da perda”. Entendemos que a maior afetação sofrida por João se deu pela ausência da convivência diária com a filha. Essa ruptura da relação entre pais e filhos é um dos aspectos que os autores acima ressaltam como efeitos negativos, além de desentendimentos com o ex-cônjuge, situação que João também vivenciou.

Ainda utilizando o comparativo, perda por morte e perda por separação, é que no momento inicial há uma tendência à negação do fato e ao isolamento como forma de utilizar uma “defesa temporária”, termo utilizado por Kubler-Ross (2008, p.45) para logo posteriormente, ser substituída por uma aceitação parcial da situação. Vemos isso nas falas de João a seguir: “De depressão, de ficar isolado e não querer ir trabalhar mais. Passei uma semana sem ir para o trabalho.” E ainda “quando eu me mudei eu não quis trazer nada do que eu tinha, eu trouxe mal minhas roupas, porque depois que eu saí eu passei duas semanas para ir lá, e eu comprei roupa para ficar na casa da minha mãe porque eu não queria ir buscar minhas roupas”; por fim “Eu não quero nada, nada, nada. Vou reconstruir”.

Naffah Neto (2003) diz que a única maneira de superar essa dor da separação é a elaboração do luto que permitirá a retomada da sua vida e o recomeço para um novo amor, assim há possibilidade de mudar-se o parceiro e não permitir a mesma história, suas dinâmicas anteriores e, conseqüentemente, seus conflitos.

Referindo-se aos sentimentos atuais, João revela a superação do luto quando fala: “Eu superei assim, a separação eu superei rápido”. “Ainda hoje eu costumo falar algumas coisas do passado que aconteceu, mas não como se tivesse tentando voltar no que aconteceu, só citando exemplo que eu digo assim, que eu costumo errar uma vez, na segunda vez eu já tomo cuidado na hora de errar, então é pegando exemplos do que aconteceu e tento não errar como eu errei no passado.” Se fizemos uma correlação do luto por morte e do luto por perda afetiva, entenderíamos que, em ambos os casos, a sua vivência é uma forma de se reestabelecer o equilíbrio. Se fizéssemos uma relação tal como a que trabalhamos no capítulo II, ao nos

referirmos ao luto decorrente da separação, poderia ver que no processo de luto, ou seja, na adaptação da perda, faz-se necessário que a pessoa percorra quatro etapas: a aceitação da realidade da perda; elaborar a dor da perda; ajustar-se a um ambiente onde está faltando à pessoa falecida (no caso presente, a pessoa da qual se preparam); e por fim reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu/separou para continuar a vida (Worden, 1998). “Essas tarefas devem ser cumpridas antes que o luto possa ser completado. Tarefas de luto não concluídas podem prejudicar o crescimento e o desenvolvimento futuros. Embora as tarefas não necessariamente sigam uma ordem específica, as definições sugerem alguma ordem” (p.22). Diante do relato do entrevistado ele demonstra ter vivenciado esse processo de luto do qual falamos, favorecendo assim a sua superação emocional.

Ao questionarmos João sobre a interferência do processo de ruptura conjugal na sua saúde, ele nos informou que apresentou uma ausência de concentração necessária para a execução das atividades profissionais. Seu cargo exigia uma atenção que ficou inexistente durante a separação. Ele disse: “Teve em relação, eu sou sempre muito ligado no que eu vou fazer, ou processos que eu acompanho, na empresa que eu trabalhava eu tinha um cargo de supervisor, então eu tinha que acompanhar todos os processos de uma equipe, o que eles estavam fazendo, o que eles estavam efetuando, e eu não estava acompanhado nada, assim naquele processo eu estava desligado.” Podemos entender esse comportamento ao nos reportamos a Worden (1998) quando ele diz que o comportamento aéreo é presente em pessoas que vivenciam o luto, estas podem-se pegar distraídos ou executando atividades que podem prejudicá-las de alguma forma. No entanto, essa distração tende a ser resolvida sozinha, com o decorrer do tempo.

Outro fator importante salientado por João foi o apoio dos familiares e amigos nesse processo de transição. Vejamos: “A família, mãe, pai ajudou um bocado. Uma colega também que eu não esqueço mais, ela me ajudou bastante a tá superando essas coisas, se não fosse por causa dela eu não tinha superado tão rápido como eu superei.” Kaslow e Schwartz (1995) afirmam que a adaptação à separação melhora no decorrer do tempo com o apoio de amigos, membros da família e colegas. É o que podemos constatar na fala de João. Ele consegue adaptar-se à nova condição e retoma o fluxo de sua vida, através desse apoio oferecido: “Em um ano eu já estava acostumado com o que tinha acontecido, já tinha retomado a minha rotina normal de vida, a minha rotina em casa, voltei para casa dos meus pais aonde eu me sentia melhor, e lá eu consegui retomar essa rotina”.

Quanto aos impactos que a separação provocou no seu processo de resignificação da identidade individual, percebemos que o fato de o luto ter sido vivenciado, a sua retomada às

atividade individuais fluíram positivamente, garantido pelo suporte familiar mencionado anteriormente. Retomou sua vida afetiva, voltando a relacionar-se amorosamente. Ele nos disse: “Após minha separação, inicialmente, eu me separei no período de carnaval, aí fiquei sem querer ninguém perto de mim, curti um bocado, aí depois eu, não sei se é da minha natureza humana, mas saiu toda aquela coisa que eu tinha de ficar sozinho e eu namorei com essa minha amiga um tempo, esses oito meses, aí depois me separei, e ela ficou minha amiga”. E ainda: “E recentemente estou namorando novamente e a minha vida está desse jeito, eu não sei se eu consigo ficar sozinho, eu acho que eu tenho sempre que ter alguém conversando e falando algo”. Em pesquisas realizadas com jovens brasileiros para identificar as perspectivas e percepções desses quanto à instituição do casamento, Jablonski (2011) encontrou resultados que demonstravam a associação do casamento à felicidade, eles desejavam, em sua maioria, casar-se e consideravam essa relação um das mais relevantes entre as pessoas. Portanto, essa busca para estabelecer vínculos afetivos do nosso entrevistado pode estar diretamente ligada a essa expectativa de conjugalidade feliz que buscam os jovens.

Em se tratando do aspecto financeiro, nosso entrevistado afirma ter melhorado após a desvinculação, visto que as contas da família lhe geravam maiores gastos, sem um controle financeiro. Atualmente contribui com uma quantia satisfatória para a filha e consegue ter o padrão de vida que deseja. Vejamos em sua fala: “A responsabilidade que eu tenho hoje é com minha filha, então eu saí de uma responsabilidade geral que eu tinha, para uma responsabilidade só para minha filha. Eu consegui reestruturar minha vida financeira que eu tinha, o valor que eu fiz questão de atribuir a porcentagem que ia ser descontado no meu salário, eu cheguei no dia da audiência e disse que quero que seja X”. Diz: “Então eu fiz isso, e com isso eu também consegui estruturar minha vida financeira, porque eu não tinha praticamente, hoje eu tenho, então melhorou”. Quando analisamos a nova realidade social e econômica que transitam pela família hoje, percebemos que muitas mulheres, assim como os homens, estão cada vez mais inseridas no mercado de trabalho, contribuindo com os custos da família, dessa forma suavizando e coparticipando das responsabilidades que antes eram destinadas apenas aos homens. Reforçando esse pensamento, Rocha-Coutinho nos diz:

As expectativas em relação a homens e mulheres, tanto no que diz respeito à sua atuação no mercado de trabalho quanto no que tange a suas responsabilidades domésticas, vêm se alterando, ainda que lentamente e mais relacionadas ao mundo do trabalho do que à esfera doméstica (2013, p.13).

Essas alterações de um antigo modelo patriarcal para um arranjo familiar em que a mulher é participante ativa na esfera financeira, não podia ser visto na estrutura conjugal do entrevistado, enquanto casado. Sua ex-companheira teve que passar a assumir as responsabilidades que antes eram destinadas à figura do esposo. Dessa forma, os gastos elevados que João possuía no matrimônio, e que o impediam de possuir uma estrutura financeira estável e satisfatória, tomam lugar para um estado civil atual de solteiro, que reduzem as responsabilidades domésticas, com o custeio de uma família, restringindo as demandas que circunscrevem sua filha.

Um fator que nos chamou a atenção foi à repetição de divórcio na família de João, mesmo não valorizando a forte incidência de separações na família extensa. Ao estudar casais em psicoterapia analítica, Gomes (2013, p.182) nos chama a atenção para o fato de que “a forte influência de heranças geracionais, principalmente no que diz respeito à manutenção desse tipo de complementariedade no casal, é promotora de várias situações de crise e mal-entendidos conjugais e/ou parentais”. Ela nos revela que em casos de pesquisas mais estendidas, encontraram famílias monoparentais femininas, cuja a figura de pai, era a de abandono, repetindo-se por várias gerações. Esse fato produzia “um vazio identitário” (Gomes, 2013, p.182), provocava nas mulheres o sentimento de incapacidade de se fazer ser amada e protegida por um homem.

Com a análise do discurso do entrevistado, identificamos a vivência e a superação do luto, experienciando o processo de readaptação e, assim, conseguindo retomar suas atividades sociais, profissionais e afetivas.

CAPÍTULO V

Memória

“Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão”.

Carlos Drummond de Andrade

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi objetivo desta pesquisa compreender os sentimentos que emergem em homens e mulheres quando, ao se divorciarem, perdem o vínculo conjugal. Dessa forma, fomos tecendo considerações teóricas acerca dessa questão, buscando recorrer ao cenário contemporâneo através do que os relacionamentos amorosos são construídos, suas múltiplas cobranças e necessidades, a intensidade e brevidade com que as relações são estabelecidas e a realidade que reproduz os contrastes com os antigos padrões de se relacionar. Vimos o “novo e o velho” coexistindo, assim como a conjugalidade em forte e constante tensão com a individualidade.

As alterações atualizadas do Código Civil brasileiro e a possibilidade de finitude de um casamento colaboram para que as pessoas busquem resolver suas pendências emocionais e conjugais com mais brevidade. Entretanto, a cultura é ainda uma variável muito presente que deve ser levada em consideração nas desvinculações. Por meio dela é que se permeiam os diversos “silêncios” das violências domésticas, as infidelidades toleradas e as inúmeras tentativas de manutenção de um casamento. Dessa forma, a pesquisa apontou que os aspectos legal, físico, familiar e emocional que envolvem uma separação foram experienciados por cada um dos participantes em momentos distintos.

Entendemos que nesse processo de mudança em que o deslocamento de sentimentos exige adaptação e aceitação de novas condições frente à ferida emocional ainda aberta, todos os sentimentos são vividos de forma intensa. Nesse sentido, os sentimentos e emoções mais frequentes – tanto os positivos, quanto os negativos – apresentaram equidades em suas aparições nas entrevistas. Entre os positivos estão os sentimentos de liberdade, felicidade e paz. Entretanto, os sentimentos negativos evidenciam sensação de inadequação, ciúmes e raiva, mesclados de tristeza, fracasso e saudade.

No que se refere às características do luto manifestadas no percurso do processo de separação, constatamos que a maioria dos entrevistados vivenciou sentimentos de tristeza, mágoa, decepção, citados anteriormente. Todavia, três dos participantes, aparentemente, não vivenciaram o luto pela perda sentida. Ao contrário, expressaram sentimentos de liberdade, alívio e felicidade com o desenlace matrimonial. Em síntese, o quadro do luto vivenciado por grande parte dos participantes demonstra reações comuns em situações de perda afetiva. Entretanto, para uma parcela pequena dos nossos entrevistados o luto veio de forma tardia. Ou seja, a reação emocional surgiu após algum tempo da perda sofrida, apresentando-se de forma exacerbada e intensa, sendo consideradas inadequadas ao momento atual deles.

Na tentativa de identificar as interferências provocadas pela separação sobre a saúde dos entrevistados, percebemos que houve novamente um equilíbrio: ora a separação favorecia a manutenção ou a busca por uma melhor qualidade de vida, ora interferia negativamente, afetando a manutenção da saúde, como foi o caso dos entrevistados Priscilla, Carlos e João.

Verificamos que a presença de um suporte familiar afetuoso contribuem para o enfrentamento do momento de ruptura matrimonial, se tornando uma das estratégias utilizadas para a ressignificação da identidade individual. Sobre esse aspecto, observamos que a busca e o estabelecimento de um novo vínculo afetivo foi uma estratégia empregada pelos sujeitos estudados para servir de apoio a esse “ressignificar”. A maioria deles conquistou a ressignificação da sua identidade individual, conseguindo tornar-se autônomo e capaz de desenvolver a sua individualidade. Todos experienciaram o processo de subjetivação que promoveu o contato consigo e, a partir disso, conseguiram conquistar mudanças individuais, significativas desconstruindo identidades conjugais e oportunizando a vivência de novos enfoques de si mesmo. Criaram projetos existenciais capazes de contribuir para a singularidade, crescimento e amadurecimento de si, e do ser com o outro. Os pesquisados passaram da dependência para a independência emocional, que os levaram a se respeitar, respeitar o outro e se desenvolver em processos interacionais.

A condição de divorciado gera tomada de decisões que abrangem aspectos afetivos, econômicos, funções parentais e papéis sociais. Ou seja, trata-se de uma nova modelagem de vida para o sujeito que perde sua identidade conjugal e passa a ressignificar sua identidade individual. Ao enfrentar e manejar o impacto da separação, o/a divorciado/a abre a possibilidade de novos espaços afetivos e éticos, permitindo reestruturações na identidade e possíveis transformações relacionais. É nesse cenário que se destaca o papel dos filhos, já que são atingidos diretamente, sofrendo as consequências emocionais que uma ruptura conjugal traz consigo. Eles vivenciaram sentimentos de tristeza, angústia, dor e solidão, como também o de apreensão, visto que estão inseridos em um contexto que os faz vivenciar essa experiência sob a sombra de um possível abandono, provocado pelo afastamento do pai e/ou mãe.

No nosso estudo, todos os filhos permaneceram com as genitoras. Percebemos que os entrevistados que tinham filhos (Jacqueline, Priscilla, Renata e Carlos) buscaram expor a situação com clareza e, em alguns casos, ouviram o que os filhos tinham a dizer (Jacqueline e Renata). Os entrevistados tentaram não deixar dúvida quanto à não responsabilidade dos filhos pela separação dos pais, reconhecendo o sofrimento e os transtornos que as mudanças estavam causando a eles, os filhos. Também foram considerados as consequências psicológicas, sociais e econômicas envolvidas no processo de desvinculação. Com exceção de Jacqueline e Renata,

os separados visaram a manter um bom relacionamento com o ex-cônjuge, esperando que a desvinculação do casal não viesse a causar danos ao desenvolvimento psicológico dos filhos.

Fator importante e singular da nossa pesquisa foi o cuidado com o ex-cônjuge, observado em um caso, levando à permanência do ex-casal na mesma casa, após o divórcio. Entendemos que os ex-cônjuges passaram pelas etapas de separação familiar, social e legal. No entanto, por questões econômicas, mantiveram a moradia sob o mesmo teto. Esse é um achado importante que a literatura não tem abordado e que pode nortear a realização de novas pesquisas sobre o tema.

Para finalizar, consideramos que a diversidade das configurações familiares, sugeridas com as novas demandas contemporâneas, favorece a quebra de normas estabelecidas quanto à finitude do matrimônio. O temor à solidão e ao vazio existencial, tanto favorece a manutenção de matrimônios fracassados, como é fator de busca por novos, e às vezes, prematuros relacionamentos.

REFERÊNCIAS

- Alves, B.A. (2010). *O novo divórcio no ordenamento jurídico brasileiro* [Monografia]. Universidade Presidente Antônio Carlos. Juiz de Fora. Recuperado de http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=5961
- Anton, C. I. L.(2005). Relacionamentos descartáveis. In A. L.C. Osório; M. E. P.Valle (Org.), *Manual de terapia familiar* (pp.253-260) Vol II. Porto Alegre: Artmed.
- Baptista, M. N., Cardoso, H. F. & Gomes, J. O. Intergeracionalidade. In M. N. Baptista, M. L. M. Teodoro. (2012). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp.16-26). Porto Alegre: Artmed.
- Brito, L. M. T. B. (2008). *Famílias e separações: perspectivas da psicologia jurídica*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bucher, J.S.N.F. *Vínculo conjugal: da união à separação e o controle mútuo do destino*. Consultado em 27, setembro 2013. Disponível em: <http://www.infocien.org/Interface/Colets/v01n01a08.pdf>
- Bucher-Maluschke, J.S.N.F. (2003). Relações conjugais em transformação e sofrimento psíquico numa sociedade em transição. In I. Costa., A.F. Holanda., F.Martins. & M. I. Tafuri. *Ética, linguagem e sofrimento* (pp. 295-308). Brasília: ABRAFIPP.
- Bustos, D. M. (2003). Narcisismo e relação entre os sexos. In P. B. Gomes (Org.), *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmicas das novas estruturas familiares* (pp.133-138). São Paulo: Ed Callis.

- Ceberio, M.R. (2006). *Viejas y nuevas familias: la transición hacia nuevas estructuras familiares*. Consultado em 22, março 2013. Disponível em: <http://www.escuelasistemica.com.ar/publicaciones/articulos/21.pdf>
- Cerveney, C.M.O. (2006). A mulher e a família no século XXI. In C. Amazonas, A. Lima. & C. Dias. (Org.), *Mulher e família: diversos dizeres* (pp.253-260). Recife: Oficina do livro.
- Chizzotti, A. (2011). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 4.ed. Petrópolis: Ed Vozes.
- Colombo, F.S. (2005). Separação ou abandono? In A. Osório, M. E. P. Valle (Org.), *Manual de terapia familiar* (pp.71-84) Vol II. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, G. P. (2000) *A cena conjugal*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Costa, M.V. (2002). Ensinando a dividir o mundo: as perversas lições de um programa de televisão. *Revista Brasileira de Educação* (Rio de Janeiro) n.20, maio/ago, 71-82. Consultado em 06, março 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-247820020002000006&lng=pt&nrm=iso.
- Costa, C.A. (2005). *Três modos da experiência de “ser-com” e “ser-si-mesmo” em situação conjugal: um estudo exploratório*. (Dissertação de mestrado), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE.
- Del Priore, M. (2005). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Ed Contexto.
- Dicionário Aurélio. Consultado em 16, outubro 2013. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Individualidade.html>.
- Diniz, G. (2011). Conjugalidade e violência: reflexões sob uma ótica de gênero. In T. Féres-Caneiro. (Org.), *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 11-26) São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Diniz, G. (2013). Até que a vida – ou a morte- os separe: análise de paradoxos das relações violentas. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 191-216). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Falcke, D., Diel, J. A., & Wagner, A. (2002). A satisfação conjugal na atualidade. In A. Wagner (Org.), *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 172-188) Petrópolis: Ed Vozes.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2011). A violência na conjugalidade: possibilidades de intervenção. In T. Féres-Carneiro. (Org.), *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 149-160) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Falcke, D., Wagner, A. & Mosmann, C. (2013). Estratégias de resolução de conflito e violência conjugal. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 159-176). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*. 11(2). 379-394.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*. 8(3). 367-374. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Féres-Carneiro, T. & Ziviani, C. (2010). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In: T. Féres-Carneiro. (Org.), *Casal e família: permanências e rupturas* (pp. 83-108), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia*. 20(46). 269-278. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000200014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.

- Féres-Carneiro, T, Ziviani, C & Magalhães, A.S. (2011). Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In Féres-Carneiro, T. (Org.) *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp.43 – 59) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fromm, E. (1958). *A arte de amar*. Belo Horizonte. (Coleção Perspectivas do Mundo). Itatiaia limitada.
- Galina, R.(2009). Separação como resultado da difícil arte de negociar. In L.C. Osório, M. E. P.Valle (Org.) *Manual de terapia familiar*. (pp.416-422). Porto Alegre: Artmed.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 2a ed. São Paulo: Ed Unesp.
- Gomes, I. C.(1998). *O sintoma da criança e a dinâmica do casal*. 1ed. São Paulo: Escuta.
- Gomes, P. B. (2003). Novas formas de conjugalidade: visão panorâmica da atualidade. In P. B. Gomes (Org.), *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmicas das novas estruturas familiares* (pp.13-40) São Paulo: Ed Callis.
- Gomes, I. C. (2013). Conflitos conjugais e transmissão psíquica geracional: das históricas de Freud à mulher atual. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 177-190). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Hermann, F. (2003). Amor, guerra e o casamento de hoje. In P. B. Gomes (Org.), *Vínculos amorosos contemporâneos* (pp.147-158) São Paulo: Callis.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Estatísticas do registro civil de 2010. Consultado em 27, dezembro 2011. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2031&id_pagina=1
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Estatísticas do registro civil de 2010. Consultado em 18, dezembro 2012. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2031&id_pagina=1

Jablonski, B. (1998). *Até que a morte nos separe: a crise no casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed Agir.

Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In T. Féres-Carneiro. (Org.), *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* (pp.203-228). São Paulo: Casa do Psicólogo. Consultado em 07 de Março de 2013.

Jablonski, B. (2011). O país do casamento segundo seus futuros habitantes: pesquisando atitudes e expectativas de jovens solteiros. In T. Féres-Carneiro (Org) *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 27-42). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kaslow, F.W. & Schwartz, L. L. (1995). *As dinâmicas do divórcio: uma perspectiva de ciclo vital*. Campinas: Editorial Psy.

Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Koury, M. G. P. (2013). *Estilos de vida e individualidade*. Consultado em 13, setembro 2013.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.

Kubler-Ross, E. (2008). *Sobre a morte e o morrer*. 9ed. São Paulo: Martins Fontes.

Maldonado, M.T. (2000). *Casamento término e reconstrução: o que aconteceu antes, durante e depois da separação*. São Paulo: Saraiva.

Magalhães, A. S & Féres-Carneiro, T. (2003). *Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do "eu"*. Estados Gerais de Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro. Consultado em 07, março 2013. Disponível em:

http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5a_Carneiro_39020903_port.pdf.

Matarazzo, M. H. (1992). *Amar é preciso*. São Paulo: Editora Gente.

Minayo, M. C. S. (2010). *Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ed. São Paulo: Ed Hucitec.

Morin, E. (2003). *Cabeça bem-feita: repensar a reformar, reformar o pensamento*. 8a ed. Rio de Janeiro, Bertrand, Brasil. Consultado em 21, setembro 2013. Disponível em: <http://www.uesb.br/labtece/artigos/A%20Cabe%C3%A7a%20Bem-feita.pdf>.

Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paideia*, 16(35). 315-329.

Naffah Neto, A. (2003). Casamentos monogâmicos sequenciais: organização psíquica do casal e dos filhos. In P. B. Gomes (Org.), *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmicas das novas estruturas familiares* (pp.45-56). São Paulo: Ed Callis.

Nobrega, S. M, Fontes, E.P.G., & Macêdo, F. M. S. P. (2005). Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. *Estudos de Psicologia*. 22 (1). 77-87.

Neto, J.A.S., Strey, M.N. & Magalhães, A.S. (2011). Sobre as motivações para conjugalidade. In A. Wagner. (Org), *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões* (pp.39-57). Porto Alegre: Ed. Artmed.

Osório, L. C. (2013). Casais e famílias. In: L. C. Osório (Org.), *Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais, família e empresas* (pp.65-107) Porto Alegre: Artmed.

Paiva, M.L.S.C. (2009). As interfaces na constituição do vínculo conjugal. *Revista da SPAGESP- Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*. 10 (02). 62-69.

- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2010). *Desenvolvimento humano*. 10 ed. Porto Alegre: AMGH.
- Perel, E. (2002). Uma visão turística do casamento: desafios, opções e implicações para a terapia de casais interculturais. In P. Papp. (Org.) *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas* (pp. 193-218). Porto Alegre: Artmed.
- Porchat, I. (1992). Pensando na dor da separação conjugal. In I. Pochart. (Org.). *Amor, casamento, separação: a falência de um mito* (pp.103-126). São Paulo: Brasiliense.
- Prado, L. C. (2009). O casamento e as relações extraconjugais. In A. L.C. Osório; M. E. P.Valle (Org.), *Manual de terapia familiar*. (pp.401-415) Vol II. Porto Alegre: Artmed.
- Rocha-Coutinho (2013). A difícil arte de harmonizar família, trabalho e vida pessoal. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 13-34). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ramos, M. (2003). Novas parcerias, novos conflitos. In P. B. Gomes (Org.), *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmicas das novas estruturas familiares* (pp.57-76). São Paulo: Ed Callis.
- Rossi, C. (2003). Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In P. B. Gomes. (Org.), *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmicas das novas estruturas familiares* (pp. 77-108). São Paulo: Ed Callis.
- Rey, G. F. (2010). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. 1ed. São Paulo: Ed Cengage Learning.
- Richardson, R.J. (1999). *Pesquisa social: método e técnicas*. 3ed. São Paulo: Ed Atlas.
- Selltiz, C, Writghtsman, L. S. & Cook. S. W. (1987). *Método de pesquisa nas relações sociais*. 4ed. São Paulo: EPU.
- Souza, M.T.S. (2009). Terapia familiar e resiliência. In A. L. C. Osório, M. E. P.Valle (Org.), *Manual de terapia familia* (pp. 193-207). Porto Alegre: Artmed.

- Souza, R. & Alvarenga, A. T. (2001). Da negociação às estratégias: relações conjugais e de gênero no discurso de mulheres de baixa renda em São Paulo. *Saúde Sociedade.*, 10(02). Consultado em 12, março 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902001000200003>.
- Torres, A. (2000). A individualização no feminino, o casamento e o amor. In C. Peixoto, F. Singly, V. Cicchelle. *Família e individualização* (pp. 135-156). Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Trivinos, A. N. S. (1995). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 1ed. São Paulo: Ed. Atlas.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Zordan, P. E, Falcke, D & Wagner, A. (2005). Copiar ou (re) criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Worden, J.W. (1998). *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: Perda e separação: um estudos sobre os impactos do divórcio

Eu, Albenise de Oliveira Lima, professora e pesquisadora da Universidade Católica de Pernambuco, juntamente com Janaina de Andrade e Tenório, mestranda em Psicologia Clínica pela mesma Universidade, estamos convidando o (a) senhor, para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa sob nossa coordenação. Assinando este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o (a) senhor estará dando o seu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado.

Assinando este termo de consentimento, o (a) senhor (a) estará ciente de que:

- 1 O objetivo da pesquisa é compreender os sentimentos que emergem em homens e mulheres, quando perdem o poder do vínculo conjugal;
- 2 Sua participação nesta pesquisa constará em responder a uma entrevista individual, semi-estruturada, seguindo um roteiro de perguntas sobre os sentimentos envolvidos no decorrer do processo de divórcio; com duração em torno de 30 a 60 minutos, a qual será gravada com a sua permissão;
- 3 Foram dadas todas as informações necessárias para o (a) senhor (a) poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;
- 4 O (a) senhor (a) estará livre para interromper, a qualquer momento, sua participação na pesquisa, sem nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição;
- 5 Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Os resultados gerais obtidos, através da pesquisa, serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho exposto acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada. Os benefícios relacionados com a sua participação na pesquisa dizem respeito à ampliação do conhecimento do tema para uma melhor e mais eficaz intervenção dos profissionais e reforçamento das políticas públicas que trabalham com a família em situação de crise.
- 6 Não há riscos físicos ou de saúde relacionados com sua participação.

7 No caso de necessitar apresentar recurso ou reclamações em relação à pesquisa, o (a) senhor (a) poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Pernambuco, que funciona na Pró-reitoria Acadêmica da UNICAP, localizada na rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4, 8º andar, CEP 50050-480, Recife, Pernambuco, Brasil, ou através do telefone (81) 2119-4376, Fax (81) 21194004, endereço eletrônico: pesquisaprac@unicap.br

8 O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste Termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar, a qualquer momento, suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação.

Recife, _____ de _____ de 2013.

Dados da pesquisadora:

Nome: Albenise de Oliveira Lima

Endereço: Universidade Católica de Pernambuco, rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4, 7º andar, sala B1.

Telefone: 21194066

Assinatura das pesquisadoras:

DECLARAÇÃO PÓS-LEITURA:

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Pernambuco, com endereço acima descrito.

Recife, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante da pesquisa:

APÊNDICE B

Roteiro da Entrevista

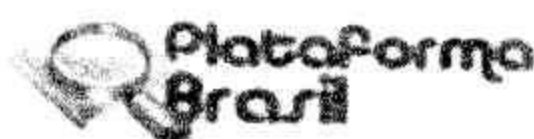
Iniciar a entrevista, com o objetivo de identificar as emoções e sentimentos mais frequentes nos recém-divorciados, com perguntas referentes aos aspectos da vida anterior e posterior a separação, permitindo a verificação de atitudes, valores e opiniões do envolvido com a questão do divórcio.

Perguntas possíveis de serem formuladas:

- 1 – Você poderia falar sobre o processo de sua separação?
- 2 – Quem primeiro manifestou o desejo de separação? Como foi esse momento para você?
- 3 – Quem tomou a decisão da separação? Como foi esse momento para você?
- 4 – Quais foram os seus sentimentos mais frequentes após o divórcio? Quanto tempo durou?
- 5 – Como você se percebe executando novos papéis, assumidos após a desvinculação conjugal?
- 6 – Como você se relaciona atualmente com seu ex-cônjuge?
- 7 – Você pode descrever os sentimentos vivenciados no processo de ressignificação da sua identidade pessoal?

ANEXO

ANEXO A

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:** Perda e Separação: um estudo sobre os impactos do divórcio**Pesquisador:** Albenise de Oliveira Lima**Área Temática:****Versão:** 2**CAAE:** 10934812.7.0000.5206**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE CATOLICA DE PERNABUCO**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 172.323**Data da Relatoria:** 13/12/2012**Apresentação do Projeto:**

A pesquisa realizará estudo exploratório acerca das perdas ocasionadas pelo processo de divórcio.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender os sentimentos que emergem em homens e mulheres, quando perdem o poder do vínculo conjugal.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão corretamente avaliados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está corretamente desenvolvida em suas diversas partes, além de abordar tema de grande interesse social e científico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão corretamente preenchidos.

O retorno aos sujeitos participantes se fará através de contato individual com as pesquisadoras.

Recomendações:

Não há recomendações a serem feitas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há lista de pendências ou inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - BlocoG4 - 8ºAndar**Bairro:** Santo Amaro**CEP:** 50.050-480**UF:** PE**Município:** RECIFE**Telefone:** (81)2119-4375**Fax:** (81)2119-4004**E-mail:** pesquisa_prac@unicap.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP acompanha o parecer do Relator de acordo com o PARECER CONSUBSTANCIADO emitido em 13 de dezembro de 2012.

RECIFE, 13 de Dezembro de 2012

Assinador por:

EDILENE FREIRE DE QUEIROZ
(Coordenador)

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - BlocoG4 - 8ºAndar

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4375

Fax: (81)2119-4004

E-mail: pesquisa_prac@unicap.br